

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO  
HUMANO – MESTRADO/DOUTORADO**

**CAROLINA FERNANDES DA SILVA**

**O REMO E A HISTÓRIA DE PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL:  
mosaico de identidades culturais no longo século XIX**

**Porto Alegre**

**2011**

**CAROLINA FERNANDES DA SILVA**

**O REMO E A HISTÓRIA DE PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL:  
mosaico de identidades culturais no longo século XIX**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo

**Porto Alegre  
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL****REITOR**

Carlos Alexandre Netto

**VICE-REITOR**

Rui Vicente Oppermann

**DIRETOR DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Vicente Molina Neto

**VICE-DIRETOR DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Alberto Reinaldo Reppold Filho

**CHEFE DA BIBLIOTECA SETORIAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Naila Touguinha Lomando

**CIP - Catalogação na Publicação**

Fernandes da Silva, Carolina

O REMO E A HISTÓRIA DE PORTO ALEGRE, RIO GRANDE DO SUL: mosaico de identidades culturais no longo século XIX / Carolina Fernandes da Silva. -- 2011. 151 f.

Orientadora: Janice Zarpellon Mazo.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2011.

1. esporte. 2. remo. 3. história. 4. identidades culturais. I. Zarpellon Mazo, Janice, orient. II. Título.

*Dedico a quem me estimula a navegar, mas, quando necessário, me mantém firme ao chão, à minha mãe, Maria Helena. Primeira a me ensinar a olhar, criticar, imaginar, sonhar e buscar o mundo, além de me educar para interpretá-lo.*

## AGRADECIMENTOS

Para a conclusão de um trabalho intelectual passam por ele muitas pessoas, que contribuem com idéias, interpretações, sugestões e questionamentos. Oportunizo-me a apresentar os devidos agradecimentos, e créditos, aos principais colaboradores da construção deste estudo. Enfatizo que de mim deva ser cobrada as responsabilidades pelas limitações e faltas decorrentes das opções tomadas ao longo da pesquisa.

Os melhores méritos deste trabalho devem ser direcionados à orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Janice Zarpellon Mazo, que incansavelmente me direcionou os passos e os pensamentos. A professora acreditou em um tímido projeto inicialmente apresentado, assim como na pesquisadora que tinha apenas a determinação como garantia de que um bom trabalho poderia ser feito. A disciplina, dedicação e empenho, são qualidades suas que ficarão em mim como um exemplo que pretendo seguir, mas principalmente o seu olhar para além da pesquisa, como orientadora para a vida discente e formação docente.

Agradeço aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH/ ESEF/UFRGS). Sobretudo ao Prof. Alberto Reinaldo Reppold Filho, que me ofereceu os primeiros conhecimentos sobre as representações sociais do movimento humano, ao Prof. Francisco Marshall do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH/UFRGS), que iluminou o meu olhar para com a História, ao Prof. Rui Garcia da Faculdade do Desporto da Universidade do Porto (FADEUP/UP), que colaborou para repensar o meu projeto de pesquisa e ao Prof. Alberto de Oliveira Monteiro, que contribuiu no melhoramento do trabalho.

Aos atendentes da biblioteca Edgar Sperb (ESEF/UFRGS) e aos funcionários da secretária do PPGCMH, especialmente ao André, que além da disponibilidade, atenção e empenho, compartilha um sorriso no rosto sempre.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) com o seu apoio financeiro por meio de uma bolsa de pesquisa, oportunidade que tive de me dedicar exclusivamente aos estudos.

Ao grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte (NEHME), especialmente, às colegas: Vanessa Bellani Lyra, pelos conhecimentos

partilhados, Carolina Dias, amiga que levo para a vida, e Ester Liberato Pereira, que além de amiga, virou família.

Ao colaborador Henrique Felipe Bonnet Licht, pelas elucidações sobre os clubes e materiais compartilhados.

Aos meus familiares, em especial à minha mãe, Maria Helena Fernandes e ao meu padrasto, Geraldo Alves, incentivadores e fonte de inspiração e força, onde me reforço internamente para me manter firme nos meus propósitos. A Débora Fernandes Kubczewski, mais que uma prima, uma irmã, apoio para todas as horas. A Caroline Nicola Sangalli, minha nova família. Ao Davi, meu namorado amado, um dos meus pilares estruturais.

A todos digo: obrigada!

*[...] a imaginação, embora seguindo outros caminhos que não os do conhecimento científico, pode coexistir com esse último, e até coadjuvá-lo, chegando mesmo a representar para o cientista um momento necessário na formulação de suas hipóteses (CALVINO, 1990, p. 103).*

## RESUMO

A prática do remo na cidade de Porto Alegre foi incrementada nas duas primeiras décadas do XX, em razão da fundação de associações de remadores, por imigrantes advindos da Europa e seus descendentes. Essas associações de remo se configuraram como um ambiente propício para a construção de representações de identidades culturais de imigrantes alemães, portugueses, italianos e seus descendentes. Tendo em vista este cenário, apresenta-se o problema de pesquisa: que representações de identidades culturais foram negociadas pelas associações de remo fundadas na cidade de Porto Alegre, no longo século XIX? Em busca de respostas para decifrar esta questão norteadora da pesquisa utilizou-se fontes históricas: documentais, impressas e imagéticas. As principais fontes documentais e impressas consultadas foram as atas dos clubes de remo e os jornais “A Federação” e “O Independente”. As fontes imagéticas foram extraídas por meio das imagens fornecidas das fontes impressas, dos arquivos de clubes e de álbuns comemorativos. As fontes revelaram que no princípio do século XX, havia um império de associações de remo que produziam representações de identidades culturais teuto-brasileiras, nos primeiros clubes de remo fundados em Porto Alegre: o *Ruder Club* Porto Alegre e o *Ruder Verein Germania*. Estas duas associações fundaram a primeira entidade federativa brasileira, o Comitê de Regatas. Em reação a esta hegemonia, instaurou-se uma associação de remadores, fundada por luso-brasileiros, o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré. A instalação desta associação marca o acirramento das disputas identitárias no cenário do remo porto-alegrense. Neste mesmo período, representantes destes diversos grupos uniram-se em torno de uma associação de remo que agrupou representações de identidades culturais teuto-brasileiras, luso-brasileiras e brasileiras, o *Club* de Regatas Almirante Barroso. Com a fundação de novas associações de remo, as regatas tornaram-se ocasiões, nas quais lutas de representações identitárias eram travadas entre as associações. Em meio a estas competições de remo, um grupo de jovens teuto-brasileiros fundou a primeira associação juvenil de remo, o *Ruder Verein Freundschaft*. Mesmo se aproximando de identidades culturais teuto-brasileiras, essa associação que congregava apenas jovens remadores travou uma batalha individual para demarcar espaço no associativismo porto-alegrense. Outra associação de remo emergiu para se fazer representar na prática do remo: o *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi*. Este clube congregava majoritariamente ítalo-brasileiro, que até então enfrentavam barreiras simbólicas para integrarem-se aos demais clubes de remo. Estas diferenças identitárias se potencializaram na segunda década do século XX, nas competições de remo, onde torcedores se identificavam com suas associações e, muitas vezes, entravam em conflito para defendê-las, como ocorreu em 1911, no Campeonato do Estado. No fim da década de 1910, apareceram novas representações identitárias no remo, com a fundação do *Club* de Regatas Vasco da Gama. Os pioneiros deste clube buscavam construir uma identidade cultural luso-sul-rio-grandense. Neste mesmo ano, em 1917, as associações com identidades culturais teuto-brasileiras agregaram representações de uma identidade cultural brasileira. Nesse sentido, consideramos que os conflitos identitários foi um dos aspectos que contribuiu para a expansão da prática do remo nas associações esportivas na cidade de Porto Alegre.

*Palavras-chave: esporte, remo, história, identidades culturais.*



## ABSTRACT

The practice of rowing in Porto Alegre city has increased in the first two decades of the twentieth century because of the founding associations of rowers by immigrants coming from Europe and their descendants. These row associations were shaped as an environment for building representations of cultural identities of immigrant Germans, Portuguese, Italians and their descendants. Given this scenario, the research problem is presented: which representations of cultural identities were produced by rowing associations founded in Porto Alegre, in the long century XIX? Searching for answers to decipher this question, historical sources were used in the research: documents, forms and imagery. The main sources consulted, documentary and pictures, were the minutes of rowing clubs and the newspapers "The Federation" and "The Independent". The sources were extracted using imagery of the pictures of the printed sources, archives of the clubs and commemorative albums. The sources revealed that in the early twentieth century, there was an empire of rowing associations that produced representations of cultural identities Teutonic-Brazilian in the first rowing clubs based in Porto Alegre: the *Ruder Club Porto Alegre* and the *Ruder Verein Germania*. These two associations founded the first Brazilian federal entity, the Regatta Committee. In reaction to this hegemony, an association of rowers brought up founded by Portuguese-Brazilian *Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré*. The installation of this association marks the intensification of disputes in the identity of the rowing scene in Porto Alegre. In this same period, representatives of these diverse groups get together around a row association that grouped representations of Teutonic-Brazilian, Luso-Brazilian and Brazilian cultural identities, the *Clube de Regatas Almirante Barroso*. With the foundation of new associations, rowing races became occasions in which identity representations were disputed between the associations. Among these rowing competitions, a group of young Teutonic-Brazilians founded the first youth association of rowing, *Ruder Verein Freundschaft*. Although approaching Teutonic-Brazilian cultural identities, this association that brought together young rowers just fought a battle to demarcate space on individual associations in Porto Alegre. Another row association has emerged to be represented in the practice of rowing: the *Clube Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi*. This club congregated mostly Italian-Brazilian, who until then was facing symbolic barriers to integrate into the other rowing clubs. These identity differences were potentiated in the second decade of the twentieth century, in the rowing competition, where fans identify with their associations and often came into conflict to defend them, as occurred in 1911 in the State Championship. In the late 1910s, new identity representations appeared in rowing, with the founding of the *Clube de Regatas Vasco da Gama*. The pioneers of this club sought to build a cultural identity Luso-South-Rio-Grandense. In that same year, in 1917, partnerships with cultural identities Teutonic-Brazilian aggregated representations of a Brazilian cultural identity. Accordingly, we believe that the conflicts of identity were one aspect that contributed to the expansion of the practice of rowing in the sports clubs in the city of Porto Alegre.

Keywords: sport, rowing, history, cultural identities.

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Imagem 1 - Guarnição do barco Florentina, em 1906.....	50
Imagem 2 - Sede do <i>Ruder Verein Germania</i> , em 1912.....	54
Imagem 3 - Primeira regata oficial de Porto Alegre, em 1895.....	61
Imagem 4 - Fotografia do troféu <i>Wanderpreiss</i> .....	63
Imagem 5 - Mapa de Porto Alegre.....	68
Imagem 6 - Guarnição do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, ano 1918.....	77
Imagem 7 - Quadro dos <i>Wanderpreiss</i> do <i>Club de Regatas Almirante Barroso</i> .....	85
Imagem 8 - Barco Aquidaban, <i>Wanderpreiss</i> de 1905.....	87
Imagem 9 - Guarnição feminina no <i>gig</i> , em 1907.....	89
Imagem 10 - Guarnição feminina, em 1907.....	90
Imagem 11 - Fundadores do <i>Ruder Verein Freundschaft</i> .....	101
Imagem 12 - Guarnições do <i>Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi</i> .....	105
Imagem 23 - <i>Wanderpreiss</i> de 1910.....	108
Imagem 14 - Guarnição do barco Tejo.....	125

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....</b>	<b>19</b>
2.1 O OLHAR POR MEIO DAS LENTES DA HISTÓRIA CULTURAL.....	19
2.2 AS TRILHAS METODOLÓGICAS.....	34
<b>3 UM IMPÉRIO IDENTITÁRIO CONSTRUÍDO PELOS TEUTO-BRASILEIROS.....</b>	<b>42</b>
3.1 OS CLUBES DE REMO TEUTO-BRASILEIROS.....	46
3.2 O COMITÊ DE REGATAS: UMA ENTIDADE TEUTO-BRASILEIRA.....	57
<b>4 O IMPÉRIO IDENTITÁRIO TEUTO-BRASILEIRO AMEAÇADO.....</b>	<b>65</b>
4.1 UM CLUBE COM REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS BRASILEIRAS.....	66
4.2 O CLUBE QUE AGRUPOU IDENTIDADES CULTURAIS.....	78
<b>5 CONFLITOS IDENTITÁRIOS NAS ASSOCIAÇÕES DE REMADORES.....</b>	<b>93</b>
5.1 INSURGEM OUTRAS IDENTIDADES CULTURAIS NO REMO.....	96
5.2 A LIGA DA PAZ: LIGA NÁUTICA RIO-GRANDENSE.....	106
<b>6 VARIAÇÕES IDENTITÁRIAS NAS ASSOCIAÇÕES DE REMO .....</b>	<b>112</b>
6.1 A FUNDAÇÃO DE UM CLUBE LUSO-SUL-RIO-GRANDENSE.....	113
6.2 UMA IDENTIDADE CULTURAL BRASILEIRA NO REMO.....	125
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>135</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>141</b>

## INTRODUÇÃO

O espaço social das associações de remo em Porto Alegre, no início do século XX, se configurou como um ambiente propício para disputas identitárias. Em conformidade com Mazo (2003), durante um longo período, as associações esportivas desempenharam papel central na expressão das identidades culturais dos imigrantes e seus descendentes, pois foram utilizadas como demarcadores do espaço sociocultural entre os grupos<sup>1</sup>. Segundo Melo (2007b, p. 36), os clubes que chegaram ao Brasil com os imigrantes, eram espaços privilegiados de encontro e autoidentificação.

No associativismo esportivo, no princípio do século XX, o remo estava representado por associações fundadas por imigrantes europeus e seus descendentes, principalmente, teuto-brasileiros, luso-brasileiros e ítalo-brasileiros. Havia na cidade de Porto Alegre desde a segunda metade do século XIX, dois clubes de remo e um Comitê de Regatas – órgão responsável pela organização de competições -, que congregavam uma maioria de teuto-brasileiros. Desde então, houve um significativo crescimento do número de três para um total de oito associações de remo, até final da primeira década do século XX, fundados por teuto-brasileiros, luso-brasileiros e ítalo-brasileiros.

As primeiras associações esportivas foram organizadas pelos teuto-brasileiros enquanto espaço de sociabilidades e lazer, como também, de representação de suas identidades culturais (MAZO, 2003). Estes estrangeiros carregaram consigo a memória cultural do seu país de origem e a procuravam renovar por meio de algumas representações de identidade cultural específica de suas comunidades<sup>2</sup> de imigrantes. Entre as associações, os clubes se configuravam como um espaço onde estas representações poderiam ser construídas por meio de uma produção motivada de imagens do passado com função atual e relevante – para o período -, um componente decisivo da formação e perpetuação de indivíduos e comunidades (MARSHALL, 2008), bem como de uma demarcação no espaço social.

---

<sup>1</sup> Neste estudo este termo é utilizado como designação para “mais de um indivíduo” (BOUDON, 1990, p. 115).

<sup>2</sup> O termo comunidade é “encarada como um conjunto de relações sociais complexas, cuja natureza e orientações são examinadas em enquadramentos específicos” (BOUDON, 1990, p. 48), neste estudo o seu enquadramento é relacionado a grupos de indivíduos que compartilham a mesma cultura.

O remo, no início do século XX, era uma prática esportiva difundida em vários países. Teve uma importante influência nos costumes e hábitos da população, além de ser o primeiro a estabelecer definitivamente a ligação entre o esporte, a atividade física e as preocupações com a saúde (MELO, 2007b). No Brasil, desde o século XIX, a prática do remo ocupava o noticiário dos jornais da capital do país, o Rio de Janeiro (LUCENA, 2001). Nessa cidade, favorecida por muitas praias, o mar era o palco da prática do remo (LUCENA, 2001; MELO, 2007b);

Com o discurso de desenvolver o remo, enquanto prática esportiva na cidade de Porto Alegre, em 1888, a primeira associação esportiva de remo foi fundada por descendentes de imigrantes alemães e, por isso denominada *Ruder Club Porto Alegre* - Clube de Remo Porto Alegre - (RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO, 1919; DAUDT, 1952; HOFMEISTER, 1979). Esta possui no seu inventário de sócio-fundadores uma lista de sobrenomes de origem alemã. Vale a ressalva que o remo, desde as primeiras décadas do século XIX, já era praticado na Alemanha, onde havia regatas competitivas. Este fenômeno serviu de inspiração para a introdução do remo em águas porto-alegrenses.

Quatro anos após a fundação do *Ruder Club Porto Alegre*, um grupo de jovens teuto-brasileiros se une para a fundação do *Ruder-Verein Germania* - Clube de Regatas Germânia – (RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO, 1919; DAUDT, 1952; HOFMEISTER, 1979). Com dois clubes de remo, se torna necessário um órgão responsável pela organização e coordenação das competições, assim, é fundado, em 17 de fevereiro de 1894, por esses dois clubes, o Comitê de Regatas, com a intenção de estimular o desenvolvimento do remo através de competições, as regatas.

Assim, o remo ficava exclusivamente vinculado a regimes de memórias de culturas provindas da Alemanha. Os esportes podem ser considerados práticas ordinárias desses grupos e, assim “são invenções de sentido limitadas pelas determinações múltiplas que definem, para cada comunidade, os comportamentos legítimos e as normas incorporadas” (CHARTIER, 1994, p. 104).

Perante a forte presença alemã em torno da prática do remo em Porto Alegre, os luso-brasileiros idealizaram uma associação de remo com uma identidade diferente daquelas já existentes, com o intuito de reagir a essa supremacia e fixar para si, um espaço social no cenário esportivo da cidade. Desta forma, a partir do exemplo dos teuto-brasileiros, os luso-brasileiros começaram a promover a prática

do remo entre os imigrantes portugueses e seus descendentes e, destarte, abalizaram uma nova identidade a esse esporte que, até então, era associada ao primeiro grupo, fato que ameaçou o reino teuto-brasileiro nos clubes de remo da capital.

Segundo Burke (2005), o confronto de identidades culturais é percebido como um processo que se constitui por meio de representações e práticas culturais. Estas representações quando utilizadas para relações simbólicas de força são caracterizadas como “lutas de representações” (CHARTIER, 2002a). As representações, de acordo com Pesavento (2008, p. 39), “são expressas por normas, instituições, discursos, imagens e ritos”. Os luso-brasileiros se valeram de diferentes representações para o enfrentamento de seus contendores étnicos. De acordo com Mazo (2003), para os luso-brasileiros, o associativismo esportivo se constituiu em um mecanismo de demarcação de fronteiras em relação aos teuto-brasileiros. Eles, porém, não se unificaram em um único clube e, assim, demarcaram conflitos identitários na própria comunidade.

O primeiro clube fundado por luso-brasileiros desenvolveu representações que os aproximasse da identidade cultural brasileira e se distanciasse das teuto-brasileiras que predominavam na cidade. Este fenômeno ocorreu em 18 de janeiro 1903, com a edificação do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, por luso-brasileiros. Este foi considerado “o primeiro centro náutico que nacionalizou o remo no Brasil” (CASTELLO, 1923, PEREIRA; MAZO, 2005, SILVA; MAZO, 2009, RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO, 1919). Seguidamente a esta associação, um novo clube revela novas representações identitárias, emergidas de uma antiga associação de remo.

Logo após um atrito, por questões identitárias, no interior do *Ruder-Verein Germania*, remadores e sócios do clube uniram-se para a fundação do *Club* de Regatas Almirante Barroso (RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO, 1919; DAUDT, 1952; HOFMEISTER, 1979), em 26 de fevereiro de 1905. Segundo Hofmeister (1979, p. 37), este clube é considerado “uma agremiação mista luso-teuto-brasileira”. A identificação deve-se ao fato de ser um clube que reunia representações que se aproximavam das identidades culturais brasileiras, luso-brasileiras e teuto-brasileiras.

Após fundação do Clube de Regatas Almirante Barroso, houve a fundação do primeiro clube juvenil de remo no Estado do Rio Grande do Sul o *Ruder Verein*

*Freundschaft* - Sociedade de Regatas Amizade –, fundado em 1906, por seis gurus<sup>3</sup> teuto-brasileiros com idades entre 10 e 15 anos (RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO, 1919; DAUDT, 1952; HOFMEISTER, 1979; LICHT, 1986; HOFMEISTER, 1996; CORONEL, 2004; STRELIAEV, 2007). Estes ‘seis gurus’ eram filhos e netos de alemães e estudavam no *Deutsche Hilfsverein Schule* - traduzido como Escola da Associação Beneficente Alemã, atual Colégio Farroupilha -, portanto eram portadores da memória cultural de seus antepassados e perpetuavam identidades culturais teuto-brasileiras, que foram reproduzidas no clube.

Dois anos após a fundação deste “clube de gurus”, um clube com representações de identidades culturais ítalo-brasileiras foi instaurado, o único que perpetuava a memória cultural dos imigrantes italianos de Porto Alegre, o *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi* (DAUDT, 1952; HOFMEISTER, 1979; LICHT, 1986). A comunicação interna e “as atas redigidas em ‘italiano’, eram um meio de demarcar a diferença em relação às demais associações esportivas, como também de preservação de sua identidade cultural” (MAZO; FROSI, 2008, p 35). Não havia restrições estatutárias à agregação de elementos da colônia italiana aos outros clubes, mas limitações simbólicas não declaradas. Com a amalgamação entre culturas, por meio do convívio, haveria o risco de abalo das identidades culturais ítalo-brasileiras, pois novas representações poderiam ser absorvidas.

No mesmo ano de fundação do *Canottieri*, os clubes Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré e *Club* de Regatas Almirante Barroso incitaram a mudança na denominação do Comitê de Regatas para Federação Rio-Grandense de Remo. Esta associação passou a ser responsável pela organização do Campeonato do Estado até 1911. Neste ano, durante a disputa, aconteceu um conflito de identidades entre dois clubes, que resultou na dissolução da federação para o surgimento da Liga Náutica Rio-Grandense (HOFMEISTER, 1979). As seis associações, fundadas até este ocorrido, fizeram parte desta entidade.

Na segunda década do século XX, um grupo de portugueses introduz, nesta federação, um clube que unificasse a comunidade portuguesa em Porto Alegre. Um conflito identitário no interior de um dos clubes existentes oportunizou, novamente, a concepção deste outro, em 1917. Alguns portugueses que integravam o quadro social do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré decidiram unir-se para fundar o

---

<sup>3</sup> Alcinha que identificou o clube durante os primeiros anos como um Clube de Gurus, cabe esclarecer que no Rio Grande do Sul, o termo ‘guri’ se refere à criança, menino (NUNES, 1994, p. 83).

*Club de Regatas Vasco da Gama* (RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO, 1919; DAUDT, 1952; HOFMEISTER, 1979; LICHT, 1986). Esta associação buscou construir representações que os aproximasse de uma identidade cultural luso-sul-riograndense.

Neste mesmo ano, 1917, em razão da entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), se aliando a outros países contra a Alemanha, os clubes de remo, frequentados por teuto-brasileiros, foram obrigados a se nacionalizarem, causando um abalo nas suas identidades culturais teuto-brasileiras. Estas modificações nas suas representações identitárias implicaram uma transformação da sua identidade, se aproximando de uma identidade cultural brasileira.

As associações em questão, para além da prática do remo, eram espaços de preservação das representações culturais de seus fundadores, que as utilizavam como estratégias de identificação e diferenciação. Inicialmente, os teuto-brasileiros, que mantinham e estimulavam um sentimento de diferença, seguidos pelos luso-brasileiros, que buscaram, também, uma diferenciação entre si, e os ítalo-brasileiros, que garantiram um espaço no cenário do associativismo esportivo.

Estes imigrantes e descendentes/fundadores buscavam desenhar um cenário de representações em torno da prática do remo, no interior de suas associações, uma esfera que os identificasse, ao mesmo tempo em que mantivesse a sua alteridade. Para tanto, estes diversos grupos delimitavam fronteiras simbólicas em relação aos demais por meio das associações de remo. Gravando o seu espaço na sociedade porto-alegrense, os luso-brasileiros foram os grupos que além de se diferenciarem das outras comunidades de imigrantes, também se diferenciaram entre si. E, assim, se utilizaram da diferenciação promovida pelos clubes, para buscar uma demarcação de fronteiras de identidades entre grupos de diversas culturas.

Tendo em vista este cenário, apresenta-se o problema de pesquisa: que representações de identidades culturais foram negociadas pelas associações de remo fundadas na cidade de Porto Alegre, no longo século XIX?

O período demarcado para o estudo corresponde à idealização do primeiro clube de remo, fundado em 1888 por um grupo com maioria numérica de teuto-brasileiros e, navega até o momento em que ocorreu a modificação das identidades culturais teuto-brasileiras para uma aproximação com a identidade cultural brasileira, no fim da segunda década do século XX.



O objetivo foi contemplado por meio da consulta e análise de diferentes fontes históricas: documentais, impressas e imagéticas. As fontes documentais foram as atas dos clubes de remo e as impressas, os jornais periódicos. Os jornais priorizados foram *A Federação* e *O Independente*. Além disso, foram consultados livros, livros comemorativos, revistas, artigos, monografias e teses. Cabe lembrar que, nas citações diretas, oriundas das fontes pesquisadas, foi preservada a ortografia original das fontes consultadas. As fontes imagéticas foram extraídas por meio das imagens fornecidas das fontes impressas, dos arquivos de clubes e de álbuns comemorativos.

Justifica-se esta pesquisa a proposição do esporte, no caso o remo, como uma prática cultural que produz representações, as quais são vistas como heranças do passado que visitam o nosso presente, e que em alguns momentos são avivadas às gerações vindouras. Considera-se o fenômeno esportivo como elemento gerador de bens imateriais, que configuram identidades culturais no estado do Rio Grande do Sul. Além disso, buscamos tecer a história do remo como forma de aproximação de uma das dimensões mais importantes da construção das identidades culturais sul-rio-grandenses: a relação com o lago Guaíba.

Parte da construção social atual passou pela convivência dentro dos clubes esportivos, onde pessoas procuravam se reconhecer nos membros de uma mesma comunidade e assim afirmar identidades. O estudo do processo de construção de clubes de remo fundados por imigrantes europeus e seus descendentes, que possuem como finalidade a prática de um esporte nos desvela a realidade social que contribuiu para essa institucionalização no período. Além de reconhecê-las no presente, poderemos assim, vislumbrá-las num possível futuro, pensando na possibilidade de manifestação deste fenômeno em outros clubes, grêmios, sociedades e associações de diferentes esportes.

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos. Após a Introdução, segue o capítulo dois, intitulado “Pressupostos teórico-metodológicos”, o qual está dividido em dois sub-capítulos. No primeiro sub-capítulo, “Um olhar por meio das lentes da História Cultural” apresentamos o referencial teórico que alicerça a pesquisa como forma de ver e compreender o campo dos fenômenos a serem examinados. O segundo sub-capítulo, “As trilhas metodológicas”, trata dos procedimentos metodológicos utilizados para trilhar os caminhos desta pesquisa histórica. As fontes históricas serão analisadas pelos pressupostos teórico-

metodológicos da História Cultural, empregando as noções de representações e práticas culturais que abrangem o universo da História Cultural. Nessa abordagem historiográfica, o esporte é visto enquanto prática cultural (BURKE, 2005). Sendo assim, no presente estudo, o remo é tratado enquanto uma prática que produz representações de identidades culturais no associativismo esportivo.

O capítulo três, “Um império identitário construído pelos teuto-brasileiros” lançará um olhar sobre as primeiras associações de remo, fundadas em Porto Alegre com representações de identidades culturais teuto-brasileiras. Este capítulo está dividido em dois sub-capítulos: no primeiro, “Os clubes de remo teuto-brasileiros”, são relacionados as primeiras associações de remadores da capital sul-rio-grandense; no segundo, “O Comitê de Regatas: uma entidade teuto-brasileira” registra-se a organização da primeira entidade que dirigia o remo na cidade. Segundo Melo (2007b), esta é considerada a primeira entidade federativa no país.

O quarto capítulo, “O império identitário teuto-brasileiro ameaçado” está dividido em dois sub-capítulos: o primeiro, “Um clube com representações identitárias brasileiras” e, o segundo, “O clube que agrupou identidades culturais”. Nestes dois sub-capítulos são analisados as diferentes identidades culturais dos clubes fundados por luso-brasileiros.

No capítulo cinco, “Conflitos identitários nas associações de remadores”, são apresentadas as novas associações fundadas no período compreendido entre o fim da década de 1900 e início de 1910. Este capítulo está dividido em duas partes: a primeira parte intitulada “Insurgem outras identidades culturais no remo”, trata da fundação de clubes de remo com identidades culturais teuto-brasileiras e ítalo-brasileiras; a segunda parte aborda o conflito identitário que desencadeou a fundação da Liga Náutica Rio-Grandense, com o título “A liga da paz: Liga Náutica Rio-Grandense”.

O sexto capítulo “Variações identitárias nas associações de remo”, expõe no primeiro sub-capítulo como ocorreu a fundação de mais uma associação pelos luso-brasileiros com identidade cultural diferente das anteriores, por isso foi intitulado “A fundação de um clube luso-sul-rio-grandense”; e no segundo sub-capítulo, “Representações de uma identidade cultural brasileira no remo” relata o processo de “abrasileiramento” dos clubes de remo identificados com os teuto-brasileiros.

A última parte apresenta as “Considerações Finais” do estudo.

## 2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O presente capítulo apresenta os referenciais teóricos e os procedimentos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa. A investigação trata das relações entre os clubes de remo em Porto Alegre e a demarcação de fronteiras de identidades entre grupos culturais, e como estes reconstruíram identidades para recriar uma diferenciação entre eles. Esse tema será apreciado por meio das lentes de autores da História Cultural (BURKE, 2005; PESAVENTO, 2008; CHARTIER, 2002), por assim dizer, se serve das suas teorias “como uma maneira de ver o mundo ou de compreender o campo de fenômenos que estão sendo examinados” (BARROS, 2009, p. 79).

Nestes termos, a pesquisa se encaminhará visando a decifrar a realidade do passado por meio das representações construídas pelos homens para produzir sentidos e chegar às formas discursivas pelas quais expressam a si próprios e o mundo (PESAVENTO, 2008). Para isso, se entende a cultura dos indivíduos que compartilharam um determinado tempo e espaço, como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo, além de uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, é carregada de significados e de uma apreciação valorativa.

Para Chartier (2002, p. 17) a História Cultural “tem como objeto identificar em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, dada a ler”. Para tanto, é possível se utilizar de vários caminhos, o primeiro deles é elencar as categorias fundamentais de percepção e apreciação da realidade a ser analisada.

As principais apreciações que iluminaram o olhar para a determinação das categorias utilizadas para a análise das fontes estão conceitualizadas no sub-capítulo “Um olhar por meio das lentes da História Cultural”. Os métodos utilizados para a construção e análise das fontes históricas estão descritos no sub-capítulo “As trilhas metodológicas”.

### 2.1 UM OLHAR POR MEIO DAS LENTES DA HISTÓRIA CULTURAL

Neste sub-capítulo, são explicitadas as posições teóricas que orientarão a análise do objeto, juntamente com a composição dos constructos. Os principais conceitos teóricos da História Cultural utilizados para olhar o objeto de estudo são o

de representações e o de identidade cultural, a relação destes conceitos entre si e conceitos complementares. Estas posições teóricas estão articuladas de forma integrada ao longo dos capítulos com os resultados.

A busca empreendida no passado traz o objetivo de dar a ver uma história da introdução do remo através da fundação de associações que objetivavam, além da prática do esporte, perpetuar o vínculo com os costumes e hábitos da cultura de um país, construindo representações e práticas culturais. Portanto, as representações criadas a partir da prática esportiva do remo como objeto fundamental da construção de uma história, onde a prática esportiva foi o núcleo da construção de uma esfera de representações de identidades, que buscam sentido para o mundo e meios de decifrá-lo, perpendicularmente com a criação de demarcações de fronteiras sociais simbólicas.

A construção de fronteiras sociais simbólicas ocorreu por meio de recriações de identidades, feitas da manipulação de representações que configuravam um grupo, desenvolvendo disputas identitárias, que se compunham como os manejos das identidades culturais. Essas representações de identidades eram frequentemente tecidas e desenvolvidas para uma diferenciação. No caso do presente estudo, as disputas identitárias entre as identidades culturais dos teuto-brasileiros, luso-brasileiros – inclusive as que os diferenciavam entre si - e ítalo-brasileiros, ocorridas nas associações esportivas de remo porto-alegrense, no início do século XX.

A concepção é reconhecer a maneira como os atores sociais – no caso, os fundadores das associações – investem sentido, reside na tensão entre as capacidades inventivas dos indivíduos, ou das comunidades, e os constrangimentos, as normas, as convenções que limitam o que lhes é possível pensar, enunciar e fazer (CHARTIER, 1994). Estas comunidades desenvolviam as relações sociais no interior das associações. Segundo Boudon (1990) o termo associação em seu sentido amplo designa todo e qualquer agrupamento, sejam quais forem a sua forma jurídica e a sua finalidade e, em seu sentido restrito, o termo designa um agrupamento de duas ou várias pessoas que põem em comum, de maneira permanente, os seus conhecimentos e as suas atividades numa finalidade que não seja a de partilhar lucros.

O fenômeno associativo responde à propensão dos homens para se agruparem para a defesa dos seus direitos, a propagação das suas ideias e a

realização em comum de um objetivo coletivo. Neste sentido, a organização de pessoas para um fim, atividade ou interesse em comum é denominado associação. De modo geral as associações caracterizam-se por: reunião de duas ou mais pessoas para a realização de objetivos comuns, seus fins podem ser alterados pelos associados, que deliberam livremente. Enquadram-se no termo associação, outras terminações como: clubes, ligas, comitês, federações e confederações. No Brasil, segundo a lei 8.672, de julho de 1993, as “entidades de prática do desporto são pessoas jurídicas de direito, privado, com ou sem fins lucrativos, constituídas na forma da lei, mediante o exercício do direito de livre associação”. Conceito que vai ao encontro do nosso entendimento de associação.

As associações podem ser classificadas em culturais, recreativas, religiosas, políticas, econômicas, profissionais e esportivas entre outras, não necessariamente se limitando a um objetivo específico, como, por exemplo, as associações esportivas podem promover o esporte e outras atividades de lazer. Para os imigrantes, estas atividades seriam as que mantivessem o vínculo com sua memória cultural e, desta maneira, nutrissem vivo o sentimento de pertencimento à sua terra natal. Ou atividades que os tornasse parte de novas identidades culturais, nas quais, poderiam se reconhecer. O desenvolvimento da cultura dos imigrantes está instalado num aspecto mais folclórico, voltada para o cultural ligado à esfera do lazer, por isso, segundo Cuhe (1999) encoraja-se a criação de associações culturais que serão o local de exercício da língua materna e das práticas tradicionais – esportes, música, canto, danças, entre outros. Estas práticas são re-significadas e tornam-se representações identitárias.

As representações, criadas a partir da prática esportiva do remo, como forma de identificação de uma comunidade, envolvendo-as num imaginário através dos clubes, caracterizados de maneira a diferenciarem-se entre si, retratam as formas de reutilização dessa prática para a construção de representações de uma identidade cultural, também entendidas como representações identitárias. Chartier (1994, p. 8) lembra que “as representações mentais, as práticas sociais, são sempre governadas por mecanismos e dependências desconhecidos dos próprios sujeitos”. Por isso a necessidade de interpretá-las e analisá-las, para compreender o mundo criado por esses agentes sociais e pelo fato de as representações terem o poder de modificarem a realidade que parecem refletir (BURKE, 2005).

Para Pesavento (2008), o imaginário é um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo, além de remeter à compreensão de que ele constitui um conjunto dotado de relativa coerência e articulação. Este imaginário pode ser expresso por palavras/discursos/sons, por imagens, coisas, materialidades e por práticas, ritos e *performances*. Estes instrumentos foram utilizados pelos teuto-brasileiros, luso-brasileiros e ítalo-brasileiros para a construção de esferas identitárias, que envolviam as associações de remo. Ao se utilizarem de representações, como os hábitos e os costumes de seu país de origem ou não, e as perpetuarem perante as gerações, imigrantes europeus e seus descendentes procuraram preservar sua memória cultural (ASSMANN, 1995).

A memória é entendida como um patrimônio cultural que dá estrutura à sociedade. Neste caso, à comunidade étnica, sendo estas, produções motivadas de memórias como componentes decisivos da formação e perpetuação de indivíduos e comunidades, pois só permanece aquilo que a sociedade, em cada era, é capaz de reconstruir de seu próprio quadro contemporâneo de referências (HALBWACHS, 1925). Neste sentido, teuto-brasileiros, luso-brasileiros e ítalo-brasileiros por meio de seus clubes de remo mantiveram uma ligação com o passado ao revestir os clubes com representações de realidade antepassadas. Uma cristalização da memória cultural, feita por meio da construção de representações de identidades culturais no interior das associações de remo porto-alegrenses. Como a identidade é sempre uma concessão, uma negociação entre a “autoidentificação”, definida por si mesmo e uma “heteroidentidade”, definida pelos outros (CUCHE, 1999), houve fundadores que buscavam redefinir as representações de sua autoidentificação para modificar a heteroidentidade da sua associação.

Já que as representações são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais dotadas de forma integradora e coesiva bem como explicativa de uma realidade, elas são portadoras do simbólico e dizem mais do que aquilo que demonstram ou ocultam. Desta forma, sua força está na capacidade de mobilização e legitimidade social. A partir disso, é possível afirmar que representações identitárias podem ser utilizadas como demarcações de fronteiras simbólicas entre grupos em um determinado cenário de relações sociais. Pesavento (2008, p. 41) ainda afirma que “o grupo, que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social”, portanto, as representações identitárias podem

ser utilizadas para jogos de poder. As relações de poder motivam indivíduos a manipulações de representações de identidades culturais, fazendo-os modificar tais representações, para que estas lhe dessem uma legitimidade de poder.

Segundo Mazo (2003) os teuto-brasileiros no fim do século XIX já faziam uso das práticas esportivas – a ginástica, o bolão, o tiro ao alvo e o próprio remo - e das associações criadas em torno destas práticas, como forma de expressão de suas origens, reconstruindo sua identidade cultural através de uma re-significação dos esportes como representações culturais de uma comunidade étnica. A re-significação de representações culturais é uma forma de reconstruir identidades, entendendo que na perspectiva de Certeau (2008) a re-significação de práticas e representações culturais constituem as práticas pelas quais usuários se apropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural. O autor acrescenta que

[...] a presença e a circulação de uma representação não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização (CERTEAU, 2008, p. 40).

Assim, aliados à perspectiva de Certeau (2008), para esse estudo analisamos a manipulação de representações identitárias. E encontramos nas palavras de Chartier (1994) sobre o conceito de representação, as apreciações mais adequadas, pois para ele as representações permitem designar e ligar três realidades maiores. Estas três realidades são possíveis de ser deparadas no cenário das associações de remo e na construção de suas identidades: as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e estruturam os esquemas de percepção e de apreciação. A partir dos quais estes indivíduos classificam, julgam e agem; relacionam-se com as formas de exibição do ser social. Tais como as revelam signos e *performances* simbólicas através da imagem, do rito; que estão inseridas, no que Chartier (1994) chama de "presentificação", em um representante - individual ou coletivo, concreto ou abstrato - de uma identidade cultural ou de um poder, dotado assim de continuidade e estabilidade.

A identidade cultural é, enquanto representação, uma construção imaginária de sentido. Desta maneira, produz coesão social e organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento (PESAVENTO, 2008). Além de ser uma forma de exaltação da diferença e “remeter a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas” (CUCHE, 1999, p. 176).

Ortiz (1994, p. 7) compartilha deste pensamento e afirma que “toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela é uma diferença”. Neste sentido, ela permite que o indivíduo seja localizado socialmente, incluído ou excluído de um sistema social, pois identifica ou distingue. Assim, é uma modalidade de categorização da diferença e elaborada em relação à outra, através de traços culturais distintos “utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural” (CUCHE, 1999, p. 182). Aos indivíduos de um grupo, identificar-se como diferente dos demais não basta, é necessário mostrar em que entre eles há semelhanças, o que é construído simbolicamente.

Nesta diferenciação está a necessidade de demarcar limites entre os grupos e estabelecer “fronteiras”, as quais podemos chamar de demarcação de fronteiras de identidades, que são fronteiras sociais simbólicas, onde é produzida a identificação dos membros do grupo, para uma diferenciação dos demais. A demarcação de fronteiras de identidades é bastante utilizada por imigrantes para manter sua cultura de origem. Os imigrantes reutilizavam alguns fragmentos da cultura de seu país de origem para recriar identidades culturais. E com a intenção de determinar uma relação simbólica de força, buscavam nas representações as suas armas para a diferenciação, pois o recuo dos “confrontos sociais fundados nos afrontamentos diretos, brutais, sangrentos, cedem cada vez mais lugar a lutas que tem por armas e por fundamentos as representações, chamadas de lutas de representações” (CHARTIER, 2002, p. 94-95).

Porto Alegre é uma cidade colonizada, predominantemente, por imigrantes originados da Europa, entre eles os portugueses, alemães e italianos. Estes imigrantes e seus descendentes nascidos no Brasil foram denominados luso-brasileiros; teuto-brasileiros; e ítalo-brasileiros. Desta forma, a cidade era composta por diferentes culturas que interagem entre si. Essa interação de culturas possibilitava a transformação, paulatina, da identidade cultural, estruturada por uma memória cultural, à qual os imigrantes e seus descendentes se viam vinculados.



Como forma de manutenção desta memória cultural, estes imigrantes viam nas associações de remo uma estratégia de perpetuação das identidades culturais e reagiam às manifestações de representações contrárias, que pudessem vir a abalar as suas identidades.

Para Chartier (2002) as lutas de representações são importantes para compreender os mecanismos pelos quais o grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. Nos conflitos identitários, os mecanismos utilizados são o manejo das representações e as estratégias utilizadas são de enfrentamento e recuo, competição e cooperação, num constante jogo de posições. Desta maneira, os conflitos podem ser comparados a jogos, onde os atores sociais mudam de posições frequentemente. O importante em um jogo identitário é como os jogadores manifestam as representações de identidades culturais, as que os caracterizam de maneira positiva, e as contrárias, de maneira negativa. Conforme Assmann (1995), as manifestações objetivas da memória cultural são definidas através de uma espécie de identificação positiva – nós - ou em um sentido negativo - eles.

As identidades culturais, em Porto Alegre, não eram fixas, tanto luso-brasileiros, teuto-brasileiros e ítalo-brasileiros, não eram originários de uma mesma região de seus países, portanto somavam um conjunto de identidades. A partir disso, havia diferentes luso-brasileiros em Porto Alegre, sendo essa uma das razões destes não se unificarem num mesmo clube. Eles desenvolverem três clubes com três diferentes identidades luso-brasileiras. Essa situação evidencia a procura da distinção entre membros de uma mesma etnia, porém que buscavam identidades culturais diferentes, através de representações de “nós somos isso” e “esse é o nosso oposto” (ASSMANN, 1995).

Para tanto adotaram estratégias simbólicas, “que determinam posições e relações, e que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um ‘ser percebido’ constitutivo da sua identidade” (CHARTIER, 2002, p. 73). Ao fazer uso de fragmentos da memória cultural trazida pelos imigrantes e repassada para seus descendentes, os teuto-brasileiros, ítalo-brasileiros e luso-brasileiros, caracterizavam os grupos, da mesma forma que os diferenciavam entre si, proporcionando a demarcação de fronteiras de convivência.

Em meio ao cenário das associações de remo porto-alegrenses, fundadas por imigrantes europeus e seus descendentes, no início do século XX, havia três clubes,

instituídos por grupos de luso-brasileiros. Estes construíram três identidades culturais diferentes, cada um procurava se diferenciar utilizando representações que os caracterizassem de acordo com o modo com que viam a sua realidade social e com seus interesses. Pode-se definir que estes três clubes possuíam diferentes representações de identidades culturais luso-brasileiras: uma que se aproximava mais da identidade cultural brasileira, outro com representações de identidades culturais teuto-brasileiras, luso-brasileiras e brasileiras e o terceiro, buscou construir uma aproximação de uma identidade cultural luso-sul-rio-grandense.

Ao entender identidade como uma expressão de pertencimento a um grupo específico, onde é possível o reconhecimento de si nos indivíduos que compartilham dessa identidade, é permitido presumir como uma manifestação de identidade cultural o sentimento de pertencimento a um organismo chamado nação. Esses nacionais seriam as células e os órgãos deste organismo, parte de um todo, sem a qual, a parte perderia sentido e substância (BOUDON, 1990, p. 173). Neste estudo a interpretação de identidade cultural absorve traços de identidade nacional, e pode ser analisada através de uma combinação de identidade cultural e identidade nacional, como nos traz o olhar de Ortiz (1994). Este autor afirma que no Brasil estas duas identidades são muito próximas, pois a identidade nacional é abstrata, desta forma, existente no mundo das ideias, por meio de representações, como a identidade cultural.

Para esta pesquisa, ambas as visões são aplicáveis nos diferentes grupos. Para tanto, encontramos nas palavras de Smith (1997) uma definição mais adequada às nossas questões:

uma comunidade étnica pode ser distinguida por um nome próprio e coletivo, um mito de linhagem comum, memórias históricas partilhadas, um ou mais elementos diferenciadores de cultura comum, a associação de uma terra natal específica e um sentido de solidariedade em sectores significativos da população (SMITH, 1997, p. 37).

O indivíduo define sua identidade cultural para reconhecer-se em algo, semelhante à identidade nacional, que é uma maneira de desenvolver um sentimento de pertencimento a nação. A nação se legitima quando se afirma no campo cultural, construindo uma identidade. Hobsbawn (1990) compreende como

nação qualquer corpo de pessoas suficientemente grande, cujos membros reconhecem-se como tal. Smith (1997) diz que nação pode ser compreendida como uma determinada população humana, que partilha um território histórico, mitos e memórias, em comum, além de uma cultura pública de massas, uma economia comum, direitos e deveres legais comuns a todos os membros. De acordo com Thiesse (2000), a nação é concebida como uma grande comunidade, ela é viva e pode por si só conferir legitimidade de poder. Esta afirmação corrobora com a de Boudon (1990) que vê a nação como certa maneira de agrupar homens em sociedade. Porém, para construir uma nação é preciso existir “elos de ligação” entre indivíduos, este “elo” se dá por meio de um sentimento fortalecido e exaltado pela sensação de identidade e pertencimento comum.

Este agrupamento funda-se por meio de paixões, interesses e representações, que impregnam os nacionais com a convicção de terem um destino comum que difere das outras nações, porém esse destino está enraizado num passado, portanto a nação começa sempre por uma historiografia (BOUDON, 1990). Esta história faz parte de um patrimônio simbólico da nação. Todo o processo de formação identitária consistiu em determinar o patrimônio de cada nação e difundir o seu culto, para isso não basta fazer um inventário das suas heranças, era necessário inventá-lo (THIESSE, 2000).

Segundo Ortiz (1994) os universos simbólicos ordenam a história dos homens, em relação ao passado eles estabelecem a memória que é partilhada pelos indivíduos que compõem a coletividade, em relação ao futuro eles definem uma rede de referências para a projeção de ações individuais. A memória nacional se vincula à história e se projeta na ideologia. A ideologia “designa o conjunto das ideias relativas ao político e ao social, sem julgar antecipadamente da sua validade” (BOUDON 1990, p. 125), porém as ideias relativas ao cultural também podem ser consideradas ideologias.

As nações construíram ou tomaram consciência de sua existência através do nacionalismo. O nacionalismo é uma corrente de pensamento e um sistema de atitudes que exaltam valores nacionais, com os quais se tem o sentimento de identificar-se (BOUDON, 1990). Segundo Mazo e Frosi (2009) os luso-brasileiros compartilhavam o entendimento de que a cidadania e a nacionalidade são determinadas pelo país de nascimento, assim, consideravam-se cidadãos brasileiros

de nacionalidade brasileira, diferentemente dos teuto-brasileiros que possuíam nacionalidade alemã e cidadania brasileira (SILVA, 2005b).

Em algumas associações de remo, em diferentes momentos, esse entendimento foi caracterizado, quando construíram representações identitárias brasileiras. Os clubes com fundadores luso-brasileiros as construíram no momento da sua fundação. Já os clubes de remo, com identidades culturais teuto-brasileiras, foram forçados a assumir essas representações, em um momento em que a nacionalidade brasileira estava em proeminência no país.

Os imigrantes sentem-se como parte do país que os acolhe, porém possuem o sentimento de ligação à terra natal, cultuada na comunidade por meio da preservação da sua memória cultural. “Sempre que se fala em imigrantes, não se impõe uma referência ao corte dos laços afetivo-emocionais, mas sim à separação espacial” (FISS, 2001, s/p.). Esse sentimento de fazer parte de uma nação se afirma no campo cultural, ao passo que a base da comunidade cultural resulta da adoção das mesmas categorias de interpretação do mundo, do mesmo sistema de valores e das mesmas práticas culturais (MATTOSO, 1998, p. 5).

Esta relação dos imigrantes com as representações culturais de sua terra de origem é repassada para as gerações nascidas no país de destino, porém essa identidade cultural pode ser renegociada perante a imposição de uma nova, a identidade da nação que recebeu estes estrangeiros. O estudo de Smith (1997) diz que a identidade nacional compreende tanto uma identidade cultural como uma identidade política, e localiza-se quer numa comunidade política, quer numa comunidade cultural. Uma série de componentes interligados compõe a identidade nacional, que exprimem os laços de solidariedade entre membros de comunidades, unidos por memórias, tradições e mitos partilhados. Estas memórias, tradições e mitos são um patrimônio cultural que dá estrutura a estas sociedades, chamado de memória cultural.

A partir disso, vê-se que os elementos que definem memória nacional e memória cultural são semelhantes. Ambas são baseadas em representações coletivas, como memórias, tradições, mitos e ritos, e repassadas por meio de mediadores. Na memória nacional os mediadores são “agentes históricos que operam uma transformação simbólica da realidade sintetizando-a como única e compreensível” (ORTIZ, 1994, p. 139). Na memória cultural, os portadores da memória cultural são os que têm autoridade sobre a memória, são responsáveis

pela sua difusão e organização. As duas estimulam a consciência de unidade e diferenciação, e se manifestam por meio da identificação.

Neste estudo, onde a identidade cultural é um dos termos privilegiados, vemos a identidade nacional como um segmento da identidade cultural e como tratamos de diferentes identidades, nelas incluímos a identidade nacional como a identidade cultural brasileira, pois é uma construção articulada por elementos da cultura nacional. Segundo Ortiz (1994) toda identidade é uma construção simbólica, e é construída por meio de representações culturais. Assmann (1995) classifica como identidade, grupos que concebem a sua unidade e peculiaridade através de uma imagem comum do seu passado. A memória cultural inclui corpos de textos reutilizáveis, imagens e ritos específicos de cada sociedade em cada época, cujo cultivo serve para estabilizar e transportar a autoimagem da sociedade. A memória cultural tem os seus próprios pontos fixos. Estes pontos fixos são eventos prodigiosos do passado, cuja memória é mantida através de formações culturais (textos, ritos, monumentos) e comunicação institucional (recitação, prática, observância). Nós os chamamos de *figuras da memória* (ASSMANN, 1995, p. 129).

A preservação da memória cultural de um país específico com a qual o indivíduo se identifica, sendo seu local de nascimento ou não, é uma maneira de caracterização de uma identidade cultural por um grupo, uma forma de manutenção da diferenciação entre etnias e de delimitação do espaço social entre diferentes culturas. Dessa forma, um grupo de imigrantes e/ou seus descendentes podem se identificar com a cultura do país em que se inseriram e adotá-la como sua. Em Porto Alegre, havia grupos luso-brasileiros que se viam como “brasileiros” e assim vestiam essa identidade cultural. Outro grupo de luso-brasileiros que se viam como brasileiros, porém aceitavam os teuto-brasileiros como seus semelhantes. E o grupo de luso-brasileiros que se viam como portadores e revivificadores de uma memória portuguesa - bem como acontecia com os teuto-brasileiros e ítalo-brasileiros -, ao mesmo tempo em que se sentiam parte do Estado que os recebeu, o Rio Grande do Sul, e construíam representações para afirmar esta identificação.

Segundo Assmann (1995) a memória cultural se caracteriza como uma concreção da identidade, na medida em que preserva a memória de armazenamento do conhecimento de cada grupo. Ela deriva de uma consciência da sua unidade e peculiaridade, a partir de “representações coletivas” que são o trabalho de classificação e de recorte que produz configurações intelectuais

múltiplas pelas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos que compõem uma sociedade.

Enquanto a memória cultural é revitalizada no momento que é repassada de geração para geração, a identidade cultural é reconstruída. Para Ortiz (1994) é o grupo que celebra a revivificação, o mecanismo de conservação do grupo está estreitamente associado à preservação da memória, porém não se pode pensar o processo de memorização como sendo estático, a tradição não pode ser mantida integralmente.

Em Assmann (1995) a identidade cultural se constitui em grupos que concebem a sua unidade e peculiaridade através da imagem comum do seu passado. Esta imagem é reforçada por meio destas representações culturais do passado. De acordo com Pesavento (2008, p. 39), as “representações são expressas por normas, instituições, discursos, imagens e ritos”. Estas expressões de representações são as *figuras da memória* utilizadas pelos imigrantes para a manutenção da sua memória cultural.

As associações tinham como norma a utilização do idioma correlacionado com as identidades dos grupos de fundadores. Nos discursos estas identidades eram reforçadas e as imagens também eram utilizadas como formas de expressão identitária. Os clubes, como instituições, eram espaços que além de armazenar as figuras da memória, representavam as identidades da comunidade.

A teoria de Jan Assmann (1995) de memória cultural, tenta relacionar três polos: memória, como o passado contemporâneo; cultura; e o grupo, como sociedade. No cenário das primeiras associações de remo de Porto Alegre, há evidências destes três polos relacionando-se entre si, a memória atualizada com *figuras de memórias*. Estas eram representadas através da retrospectiva de imagens de figuras ilustres, monumentos, textos, ritos, re-significados e que possuíam a vinculação com as identidades culturais do grupo.

Neste estudo, a cultura, em Assmann (1995), era representada na forma de hábitos, costumes e práticas, mantidas no interior do clube. E o grupo, o clube como espaço de socialização e convivência entre indivíduos. E o passado contemporâneo, no fluxo da comunicação cotidiana, tais como festivais, ritos, épicos, poemas, imagens, etc., que formam ilhas do tempo, ilhas de uma diferente complexidade suspensa no tempo. Na memória cultural tais ilhas do tempo expandem-se como espaços de memória de contemplação retrospectiva. Além

destes três polos, a memória cultural possui características específicas, que são: concreção da identidade, capacidade de reconstruir a formação, a organização, a obrigação e a reflexividade (ASSMANN, 1995).

Na *concreção da identidade* - também entendida como a relação com o grupo -, a memória cultural preserva a memória de armazenamento do conhecimento de cada grupo. O acesso e a transmissão de conhecimento - do passado - são controlados por uma necessidade de identidade, que gera distinções entre aqueles que pertencem e aqueles que são (ASSMANN, 1995). Esta é a principal característica vista no cenário dos clubes de remo. De acordo com Mazo (2003) durante um longo período, as associações esportivas desempenharam papel central na expressão das identidades culturais dos imigrantes e seus descendentes, pois foram utilizadas como demarcadores do espaço sociocultural entre os grupos étnicos em Porto Alegre. Nesse sentido, as associações de remo se multiplicaram nas primeiras décadas do século XX, porém já havia em Porto Alegre, desde meados do século XIX, associações fundadas majoritariamente pelos imigrantes alemães e seus descendentes.

Segundo Assmann (1995), a *capacidade de reconstruir* está conectada com a concreção da identidade, esta trabalha pela reconstrução da memória cultural, ou seja, ela sempre relaciona o conhecimento para uma situação contemporânea, é fixada em figuras imóveis de memória e em estoque de conhecimento. Nesta característica, a memória cultural existe em dois modos: primeiro no modo de potencialidade e em segundo, no modo de atualidade.

No primeiro, o arquivo é acumulado – textos, imagens e regras de conduta –, agem como um horizonte total. No segundo, cada contexto contemporâneo coloca sentido em sua própria perspectiva, dando-lhe sua própria relevância. Os imigrantes europeus em seus espaços de vivências – como, por exemplo, os clubes esportivos - reconstruíam representações do passado, que possuíssem sentido no período, articuladas com as práticas contemporâneas.

Nestas representações encontram-se hábitos e costumes, onde estão inseridas práticas culturais, como os esportes. As práticas culturais geram representações e representações geram práticas culturais. Assim, os clubes esportivos, onde a prática do esporte era destaque, serviam como um meio, pelo qual os imigrantes puderam reproduzir representações de sua memória cultural, para manter a identidade cultural.

Desta forma, os clubes esportivos eram espaços, onde a cultura, através de representações, poderia ser reforçada, socializada e repassada para as gerações, mantendo o sentimento de pertencimento a uma sociedade e o reconhecer a si mesmo no outro, isto é, identidade cultural, por meio da cristalização de memórias nas formas de culturas objetivadas – sejam nos textos, imagens, ritos, edifícios, monumentos e normas de conduta. Vê-se na cultura a estrutura do conhecimento coletivo (HALBWACHS, 2006).

Entre as características da memória cultural está a *formação*, como uma objetivação ou cristalização de comunicados. Sentido e compartilhado coletivamente, o conhecimento é um pré-requisito da transmissão da herança cultural institucionalizada de uma sociedade (ASSMANN, 1995). Os imigrantes europeus viam na sua herança cultural – hábitos, costumes e práticas – um patrimônio social que procuraram preservar e transmitir para seus descendentes e assim, estruturar a comunidade de imigrantes sobre uma memória cultural. A memória é entendida como um patrimônio cultural que dá estrutura à sociedade - neste caso, à comunidade étnica - sendo esta constituída por produções motivadas de memórias, como componentes decisivos da formação e perpetuação de indivíduos e comunidades (HALBWACHS, 1925).

*Figuras de memória* fazem parte da memória cultural, estas são formas de manutenção da memória por meio da formação cultural e comunicação institucional, que promovem uma renovação da memória de geração para geração. Além de direcionar o comportamento e a experiência no quadro de estrutura de uma sociedade, e que se obtém através de gerações, em repetidas práticas sociais.

A característica da *organização* traz a institucionalização da comunicação, como o posicionamento dos corpos regidos por normas e a especialização dos portadores da memória. Os portadores da memória, no cenário das associações de remo porto-alegrenses, são os seus fundadores. Eles definiam quais as identidades culturais que as associações adotariam, teuto-brasileira, luso-brasileira ou ítalo-brasileira, e buscavam nos seus antepassados, a bagagem cultural, os costumes, hábitos e práticas de um país, ou seja, as representações que utilizariam para caracterizar as suas identidades culturais como, por exemplo, as figuras ilustres que tinham seus nomes adotados pelos clubes. Os portadores de memórias tinham autoridades sobre a memória, e a reconstruíam por meio de símbolos que



fortalecessem a identidade criando uma autoimagem normativa do grupo (ASSMANN, 1995).

Outra característica da memória cultural é a *obrigação*, que engendra um sistema de valorações e diferenciações em termos de importância da oferta cultural do conhecimento de símbolos, há os símbolos importantes e sem importância, periféricos e centrais, locais e interlocais, dependendo de como eles funcionam na produção, na reprodução e na representação da autoimagem do grupo. Estes valores são definidos pelos agentes portadores de memórias, que possuem a autoridade de escolher os símbolos culturais a serem lembrados, a ênfase dada a cada lembrança ou, até mesmo, o que deve ser esquecido.

O conhecimento possui um caráter vinculativo preservado na memória cultural e possui dois aspectos: o formativo e o normativo, o primeiro na transmissão da cultura é Educativo, civilizador e humanizador das funções, e o segundo, na elaboração de regras de conduta. Assim, o conhecimento de grupo sobre seu passado em comum, transferido por meio de representações culturais, é uma forma de perpetuar a memória cultural de uma sociedade e assim, ser formativo e normativo, na medida em que um grupo lembra seu passado com medo de se desviar de seu modelo (ASSMANN, 1995).

A reflexividade é uma característica da memória cultural expressa de três maneiras: prática reflexiva, na medida em que interpreta uma prática comum em termos; autorreflexiva, quando chama a si próprio para explicar, distinguir, reinterpretar, censurar, controlar, superar e receber, portanto, nos processos de identificação e diferenciação; e é reflexo de sua própria imagem, na medida em que reflete a autoimagem do grupo através de uma preocupação com seus próprios problemas sociais, instrumento de representação do sistema social. A reflexividade da memória cultural nos clubes de remo é conjecturada, principalmente, pela maneira autorreflexiva, por esta ser utilizada como forma de identificação e diferenciação entre as comunidades de imigrantes que construíram estes clubes.

Portanto, a memória cultural, nos clubes de remo de Porto Alegre, nas primeiras décadas do século XX, é perpetuada e pronunciada pelo intuito de construir identidades culturais e, assim, ao mesmo tempo em que identifica um grupo, o diferencia de outros. Entre estas seis características da memória cultural, a que mais se destaca no cenário dos clubes de remo de Porto Alegre, é a *concreção da identidade conectada à capacidade de reconstruir*.

## 2.2 AS TRILHAS METODOLÓGICAS

Antes de registrar os caminhos metodológicos percorridos à construção da pesquisa histórica, apresenta-se uma caracterização da história. Segundo Ginzburg (1989), a história é uma “disciplina eminentemente qualitativa, que tem por objeto casos, situações e documentos individuais e por isso alcançam resultados que tem uma margem ineliminável de casualidade” (p. 156). Nesse sentido, a pesquisa histórica configura-se como uma tentativa de voltar ao passado para produzir um conhecimento novo, outra versão. O que vai ao encontro de uma noção complexa referida por Ginzburg (1989, p. 179), o “órgão do saber indiciário”, que designa em geral a “capacidade de passar imediatamente do conhecido para o desconhecido, na base de indícios”.

Na busca de decifrar o enigma sobre quais as representações de identidades culturais construídas pelas associações de remo fundadas na cidade de Porto Alegre, nas duas primeiras décadas do século XX, foram escolhidos caminhos a serem trilhados para o alcance das informações – indícios – do passado. Inicialmente foi feita uma revisão bibliográfica sobre o contexto sociocultural da cidade de Porto Alegre e as conjunturas da prática do remo no associativismo esportivo. Na sequência partiu-se para a coleta das fontes impressas e imagéticas elegidas para a confecção da pesquisa. Cabe a ressalva que as fontes orais foram descartadas em razão do período estudado, pois este é demasiadamente distante do período atual, impossibilitando o acesso a testemunhas dos fatos ocorridos no período.

Após a eleição das fontes históricas avançamos para o levantamento dos locais onde seriam capturadas as fontes impressas e imagéticas. Para Samara e Tupy (2007, p. 79), a seleção e a localização de documentos são “um pressuposto essencial à pesquisa”. O arquivo das associações foi a primeira pista em busca da localização dos documentos, onde se obteve alguns achados: atas, fotografias, reportagens de jornais e programas de regatas.

O acesso aos documentos históricos do *Ruder Club Porto Alegre* e o *Ruder Verein Germania* – unificados no Clube de Regatas Guaíba-Porto Alegre desde 1936 – foi bastante difícil. Apesar da colaboração da secretária do clube, nenhum arquivo foi encontrado na sede do clube. Porém, as informações sobre essa associação pode ser analisada a partir de uma cópia traduzida pelo Sr. Henrique

Licht, que nos disponibilizou seu acervo pessoal de monografias sobre a história do remo em uma abordagem cronológica dos fatos. Além disso, guardava registros fotográficos e traduções das atas e documentações.

Em outra associação, Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, o acesso aos documentos não foi possível, apesar da insistência por meio de contatos telefônicos e posterior visita. Quando houve retorno, a secretária expôs que poderíamos visitar a sede a qualquer momento para termos acesso à documentação. Infelizmente, não foi o que aconteceu. Nas visitas à sede da associação, não havia alguém que nos autorizasse o acesso e não forneceram o número do celular do presidente para agendar uma visita ou autorizar a consulta aos arquivos. Todavia informaram que registros da fundação da associação haviam se perdido. Em razão destas circunstâncias dedicamos atenção especial às informações colhidas nos jornais. Vale a ressalva que foi possível observar nas visitas a inexistência da prática do remo na associação, que atualmente se dedica apenas à moto-náutica.

Como nas associações anteriores, enfrentamos dificuldade semelhante, ao buscar garimpar os arquivos do *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi*. Hoje desativado, sua documentação está no Memorial Hermínio Bittencourt do *Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense*, pois em 1963 foi incorporado e transformado no Departamento de Remo deste clube. Lamentavelmente, nenhuma fonte primária do período estudado foi encontrada no memorial.

Em seguida, no *Club* de Regatas Almirante Barroso coletou-se reportagens de jornais, datados com períodos posteriores ao estudo, e imagens em quadros e fotos, de guarnições e regatas. Não havia registros impressos da fundação do clube. As fontes existentes estavam bastante danificadas.

O *Ruder Verein Freundschaft*, atual Grêmio Náutico União, possui um museu com grandioso acervo. Este acervo foi disponibilizado com o auxílio de uma bibliotecária responsável pelo local. Lá encontramos imagens e documentos oficiais da associação, bem como as traduções, pois o idioma oficial era o alemão.

O *Club* de Regatas Vasco da Gama também tinha um significativo material preservado. O primeiro livro ata da associação e um convite para a sessão de inauguração, como também a foto de uma de suas primeiras guarnições estavam bem conservados. Esta associação é a que apresenta o menor número de fontes imagéticas, sendo localizadas apenas duas fotos: uma traz a imagem da primeira

sede, extraída de um jornal publicado em 1942, guardado em acervo particular; a outra fotografia é da guarnição campeã em um dos páreos do Campeonato do Estado, realizado em 1919, a qual está exibida em um quadro no bar da sede do clube.

Notou-se que cada associação, ao longo de suas administrações, arquivou o seu passado de variadas formas, contudo, muitos registros se perderam. Isto gerou dificuldades para a reconstrução do processo de instituição das primeiras associações de remo porto-alegrenses, sendo necessário buscar o preenchimento destas lacunas em reportagens de jornais do período. Além dos jornais que circulavam com as notícias da cidade de Porto Alegre, obtiveram-se mapas que indicavam a localização das associações esportivas de remo. Tais fontes foram encontradas em arquivos, museus, bibliotecas e centros de memórias.

No Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho, foram encontrados livros comemorativos e outros livros que registram a formação de Porto Alegre, jornais e revistas que relatam o cotidiano vivido por seus habitantes, além de relatórios, projetos, mapas, plantas e correspondências das administrações municipais. Este arquivo foi o primeiro a ser pesquisado, por sua facilidade de acesso, pela disponibilidade de atendimento de seus funcionários e boa conservação das fontes primárias. Ainda é reconhecido pelo grande número de bibliografias disponíveis sobre a cidade de Porto Alegre.

A pesquisa em jornais foi contemplada em grande parte no Arquivo Histórico de Porto Alegre. Neste espaço foram examinados os jornais “A Federação”, “O Independente” e “A Gazetinha”, sendo privilegiados, principalmente, “A Federação” e “O Independente”, por terem maior número de exemplares à disposição, em melhor conservação e com notas sobre os esportes praticados no período. Aconteceu um empecilho na consulta referente aos exemplares do “O Independente” relativos ao ano de 1917, que estavam em processo de restauração. A “Gazetinha” tinha vários números do final do século XIX em boas condições.

Em maio de 1891 começou a circular nas quintas-feiras e sábados “A Gazetinha”, um jornal socialista que fez oposição ao Partido Republicano Rio-Grandense. O responsável era Otaviano de Oliveira, que encerrou as atividades do jornal em 1900 e no mês de dezembro do mesmo ano criou “O Independente”. Este jornal, que possuía “tendência socialista” (MUSEU DE COMUNICAÇÃO, 2005, p. 36) encerrou suas atividades em 1923.

Já o jornal “A Federação”, que tinha estreita ligação com o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), teve sua primeira publicação no primeiro dia do mês de janeiro de 1884 e circulou até 1937. Este jornal visava divulgar os ideais republicanos por meio de suas reportagens distribuídas em quatro páginas, com periodicidade de segunda a sábado na cidade de Porto Alegre. As ideias republicanas eram defendidas por um grupo de jovens políticos e intelectuais adeptos da filosofia positivista de Augusto Comte (MUSEU DE COMUNICAÇÃO, 2005).

Ainda, na Mapoteca do Arquivo Histórico de Porto Alegre foram pesquisados mapas, que possibilitaram a localização das associações esportivas de remo, assim como os contornos da cidade feita pelo lago Guaíba, local onde se pratica o remo. A professora Janice Zarpellon Mazo já havia localizado anteriormente um mapa da cidade de Porto Alegre do ano de 1932 com a marcação dos espaços para a prática dos esportes e educação física, como por exemplo, Praça das Touradas, clubes de remo, e Praças de Educação Física. Da mesma forma que apresenta condições muito boas para a visualização, assim como outros do acervo da mapoteca, este mapa demarca a localização em que se mantiveram as associações de remo, desde a sua fundação.

Após a percepção de esgotamento das fontes em jornais no Arquivo, partiu-se para o Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa em busca de jornais que suprimissem as lacunas deixadas pela falta de fontes do Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho. Este museu tem a missão de pesquisar, recolher, classificar e conservar acervos das diversas áreas da comunicação social produzidas nos níveis regional, nacional e internacional para fins de estudo, educação e lazer. O Museu de Comunicação possui um grande acervo de jornais, destacando-se entre estes o “Correio do Povo” e “O Diário”. O estado de conservação destes documentos não é dos melhores, muitos estão sem sequência, faltando exemplares de datas específicas essenciais para a pesquisa, como os jornais do ano de 1917, pois estão, na sua maioria, encaminhados para a restauração, pelo fato de serem muito utilizados em consultas de pesquisas históricas.

O “Correio do Povo” foi fundado em 1895, com a proposta de ser um jornal independente e apolítico (MUSEU DE COMUNICAÇÃO, 2005). Já “O Diário” começou a ser editado em Porto Alegre no ano de 1911 e permaneceu até 1917;

voltou a circular por um período curto, em 1919 e depois encerrou definitivamente. Ambos dedicavam um pequeno espaço para os acontecimentos esportivos.

Os álbuns comemorativos localizados tanto no Arquivo Histórico como no Museu de Comunicação foram utilizados, principalmente, para a coleta de fontes imagéticas. Nos álbuns continha muitas imagens de regatas, remadores, dirigentes, quadros comemorativos. Estes indícios foram transformados em fontes históricas.

Outros locais que poderiam fornecer fontes históricas também foram visitados, como o Centro de Memória do Esporte (CEME) e a Biblioteca Edgar Sperb, ambos da Escola de Educação Física (ESEF) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). No CEME, apesar do seu grande acervo geral, bem como da história do remo em Porto Alegre, do período em questão, não foram encontrados registros. Já no acervo histórico da Biblioteca Edgar Sperb foram encontradas duas importantes publicações para o estudo, como o Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul, organizado por José Ferreira Amaro Júnior, de 1942, e o livro “Brasileiros de cabelos loiros e olhos azuis” (DAUDT, 1952). O LUME, Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, nos equipou com monografias e teses.

Informações relevantes também foram recolhidas nas seguintes referências: Atlas do Esporte no Brasil; Atlas do Esporte, Educação Física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil (DACOSTA, 2005); Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul; Atlas do Esporte, da educação física e atividades de saúde e lazer no Rio Grande do Sul (MAZO; REPPOLD, 2005); Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo, 1929 a 1967 (MAZO, 2004); Banco de Dados das Associações Esportivas e de Educação Física de Porto Alegre/Rio Grande do Sul (1867-1945) (MAZO, 2010) e livros comemorativos das associações de remo.

Estas fontes históricas passaram por uma análise, tendo como aporte teórico-metodológico o paradigma indiciário (GINZBURG, 1989). Este paradigma pressupõe uma atitude orientada para análise de casos individuais, reconstrutíveis somente através de pistas, sintomas indícios (GINZBURG, 1989). Desta forma, é por meio das pistas deixadas em documentos que registraram as fundações das associações de remo que tentaremos desvendar as identidades construídas pelos fundadores destas associações para delimitação de fronteiras sociais. As representações do mundo social, conforme Chartier (2002), são sempre determinadas pelos interesses

de grupos que as forjam, sendo assim, para cada caso, se faz necessário relacionar os discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

O paradigma indiciário versa sobre as possibilidades de elucidação em torno de uma problemática, as quais são aplicadas na medida em que o investigador esteja atento para sinais e pistas que são deixados pelo seu objeto. Pesavento (2008) vai ao encontro deste pensamento quando afirma que trabalhar com a História Cultural seria desvendar uma teia, na busca do universo simbólico contido em cada traço do passado, encontrados nas fontes históricas.

No processo de análise das fontes o pesquisador deve fazer o exercício constante da crítica externa e interna, isto é, procurar um texto atrás de outro texto, o que necessita de uma metodologia para ser desvendada, identificando o que está nas entrelinhas e nos silêncios da documentação. Nessa direção, se averiguou a presença ou a ausência de uma dada informação, ou conjunto de informações, num determinado fragmento de mensagem que foi tomado em consideração. Procurou-se trazer não apenas o registro direto das informações, mas entender o seu pensamento e conhecer a motivação da produção da fonte documental.

De maneira semelhante foram analisadas as fontes imagéticas. Segundo Pesavento (2008), as imagens têm o real como referência, porém há necessidade de decifrá-las, pois estas propõem reproduzir uma realidade, e a representá-la de maneira cifrada ou simbólica, decompô-la e transformá-la, deformando-a. Imagens, sejam pictóricas ou gráficas, são representações do mundo elaboradas para serem vistas.

Para a análise das fontes imagéticas buscamos no método chamado iconográfico, de Panofsky (1939), as técnicas para interpretação das fotografias e imagens das associações de remo. Para Kossoy (1989, p. 50), esse método compreende “a análise do registro visual, a expressão, isto é, o conjunto de informações visuais que compõem o conteúdo do documento”. Este enfoque de imagens foi sintetizado por Panofsky (1939) em três níveis de interpretação, que correspondem a três níveis de significado no próprio trabalho.

De acordo com Burke (2004), o primeiro nível é a descrição pré-iconográfica, voltada para o significado natural, consistindo na identificação dos objetos e eventos. No segundo nível acontece a análise iconográfica no sentido restrito, voltada para o significado convencional: reconhecer os eventos, quando, com quem e como aconteceram. O nível três é o da interpretação iconológica, visando o significado

intrínseco, ou seja, os princípios subjacentes que revelam a atitude básica de uma nação, um período, uma classe, uma crença. O terceiro nível é o mais relevante para este estudo. Segundo Burke (2004) “é nesse nível que as imagens oferecem evidência útil, de fato indispensável, para os historiadores culturais” (p. 45). Assim, entende-se que a imagem é portadora de discurso, sendo necessária sua decodificação.

Posteriormente ao levantamento, as imagens extraídas foram armazenadas em pastas identificando a fonte, a associação e o ano a que fazem referência. Com esta catalogação, foi possível selecionar quais imagens seriam utilizadas na pesquisa. Estas foram extraídas de livros comemorativos, acervos das associações, livros e jornais. Após a organização das fontes imagéticas, iniciou-se a análise iconográfica das imagens selecionadas para compor o estudo. Sob a orientação do método de Panofsky (1939), em um primeiro nível foram identificados: qual o acontecimento referido, quais as associações de remo registradas e em que data a imagem foi anotada. Em seguida, foi aplicado o segundo nível da análise, que foi a construção de um texto descritivo com os detalhes da imagem. Estas informações comportaram a interpretação da imagem, pautada no contexto histórico do período em que a fotografia foi produzida; assim atingiu-se o terceiro nível do método iconográfico.

Com o resultado da aplicação deste método de análise, foi realizada a correlação das informações fornecidas pelas fontes imagéticas com as das fontes documentais. As informações extraídas das fontes imagéticas foram fundamentadas na afirmativa de Kossoy (1989), de que a fotografia deve ser tratada como um “material” carregado de informações, símbolos e ideias que chegam até nós a partir de nossa concepção das questões sociais, atento às condições da produção e a conjuntura em que esta aconteceu.

Assim, a fotografia está inserida na História Cultural, por se fazer presente como meio de comunicação e expressão em todas as atividades humanas, além de reunir em seu conteúdo informações múltiplas da realidade selecionada (KOSSOY, 1989). No entanto, essa “confirmação” só é possível através de um cruzamento de informações entre as fontes documentais, impressas e imagéticas, e destas com as composições teóricas eleitas para o estudo, pois “para interpretar a mensagem, é necessário familiarizar-se com os códigos naturais” (BURKE, 2004, p. 46). Conforme Pesavento (2008), por serem as palavras e as imagens formas de representação do



mundo que constituem um imaginário, sendo que todo texto dá a ler, toda imagem dá a ver e todo discurso se reporta a uma imagem mental. Desta forma, ao relacionar essas três diferentes formas de traduzir o passado e olhá-las por meio das lentes do referencial teórico da História Cultural, foi possível fazer uma reconstrução do passado.

Os documentos históricos são a ligação com o passado, registraram os acontecimentos e mantiveram a bagagem simbólica que cada fenômeno histórico desenvolveu no imaginário dos indivíduos que construíram este passado. Cabe ao pesquisador negar a transparência da realidade que estes documentos pretendem passar, pois “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p. 177).

Nos próximos capítulos apresentamos os resultados da análise do *corpus* documental.

### 3 UM IMPÉRIO IDENTITÁRIO CONSTRUÍDO PELOS TEUTO BRASILEIROS

No fim do século XIX, nascia em Porto Alegre um novo cenário esportivo, com o remo como principal prática. A primeira associação de remo passou a existir na cidade em 1888, idealizada por um grupo de teuto-brasileiros, da mesma forma surgiu a segunda associação, instaurada quatro anos após a fundação da pioneira. Ambas promoviam a prática do remo como esporte de competição e foram ambientes onde representações de identidades culturais teuto-brasileiras eram cultivadas por seus associados.

Os dirigentes destas duas associações instituíram, em 1894, uma terceira, porém esta entidade tinha o objetivo de organizar as disputas entre os dois primeiros clubes. As três associações tinham em seu quadro de dirigentes nomes e sobrenomes de origem alemã, além de utilizarem o idioma alemão nas suas atas e documentos oficiais. Desta forma, construíram no cenário esportivo do remo um império de associações com representações de identidades culturais teuto-brasileiras.

Estas associações de remo não foram as primeiras associações esportivas, com estas representações identitárias, criadas na capital sul-rio-grandense. Anteriormente já havia associações onde a memória cultural da cultural alemã era preservada e reconstruída. Nestas associações era estimulada a relação com o grupo, onde os teuto-brasileiros, que viviam em Porto Alegre, reconheciam a si mesmos no reflexo da sua própria imagem no outro, por meio do reconhecimento de costumes e práticas comuns.

A primeira associação esportiva desenvolvida em Porto Alegre foi para a prática da ginástica alemã. A prática corporal da ginástica foi introduzida nas associações esportivas de Porto Alegre pelos imigrantes alemães. A primeira sociedade de ginástica denominada em alemão *Deutscher Turnverein*<sup>4</sup> - Sociedade de Ginástica Alemã - foi criada em Porto Alegre, em 1867, “o idealizador da sociedade foi Alfredo Schütt, natural da cidade de Hamburgo” (MAZO, 2003, p. 77). Esta sociedade permitiu a organização de um espaço onde a memória cultural

---

<sup>4</sup> Com a introdução do Tiro ao alvo a sociedade foi chamada de *Deutscher Turnerbund-Schützenverein* - Sociedade de Ginástica e Tiro Alemã. Os ginastas resolveram separar-se da sociedade e criaram o *TurnKlub* - Clube de ginástica -, em 1887 (DAUDT, 1952). Em 1892 houve a fusão das duas sociedades, sendo denominadas de *Turnerbund*, atual SOGIPA, (Hofmeister, 1987; Tesche, 1996; Silva, 1997). Em 1896, a sociedade iniciou um jogo similar ao boliche (Kreling, 1984), a prática do bolão (DAUDT, 1952).

alemã fosse institucionalizada e abrangesse maior número de indivíduos. Mas os alemães iniciaram suas atividades culturais, em Porto Alegre, anteriormente a esta fundação, a partir de 1851 (TESCHE, 1996), pois já havia um forte sentimento da necessidade de se compartilhar coletivamente o conhecimento de um passado em comum.

A prática da ginástica foi identificada no início da década de 1860. O desenvolvimento de atividades esportivas, e do *Turnen*, ocorreu através da criação de espaços, destinados à manutenção da cultura germânica e à sociabilidade. Não existe um vocábulo em português que traduza o *Turnen*. Do termo *Turn* é derivado mais de sessenta palavras, possuindo um significado muito mais amplo do que a palavra “ginástica” pode expressar. Os exercícios foram agrupados em: marchar, correr, saltar, tomar impulso no cavalete e no cavalo, equilibrar, exercícios de barra, exercícios de paralela, trepar, arremessar, puxar, empurrar, levantar, transportar, esticar, lutar braço a braço, saltar arco e pular corda.

Silva (1997) expõe que os clubes alemães eram formados pela ginástica, pelos jogos, pelas caminhadas, pelo teatro e pelo coral. Era nos clubes que havia grande parte das manifestações culturais. Reunir-se em um clube, falar o idioma alemão exercitar-se e praticar esportes, estas eram atividades que faziam parte da cultura alemã, diferente da portuguesa, vinculada à ociosidade, que pelo contato com a cultura teuto-brasileira, modificou-se.

Também, havia atividades para a prática ao ar livre como a natação, a marcha, a equitação, a esgrima, a luta e os exercícios bélicos (CANTARINO FILHO, 1988, p. 4). O remo ainda não fazia parte das práticas esportivas teuto-brasileiras em Porto Alegre, porém a sua origem foi por meio de uma reprodução da prática do esporte na Alemanha, pois foi Alberto Bins – descendente de alemães - quem o implantou na cidade, após retornar daquele país, onde foi para um período de estudos, e teve a experiência na prática do remo.

A ginástica alemã do século XIX seria: corporal, moral e nacional, um conjunto de atividades, que ao ser transplantado para o Brasil, fortificava laços com a pátria de origem, preservando e recriando, na diáspora, uma cultura alemã (SILVA, 1997). Isto permitia a atualização da memória e a concreção da identidade, pois o acesso e a transmissão de conhecimento do passado são controlados por uma necessidade de identidade (ASSMANN, 1995), da mesma maneira que tinha, também, como alvo, uma formação moral por meio de uma cristalização de

comunicados, além do aspecto educativo, civilizador e humanizador, bem como a elaboração de regras de conduta.

Ao olhar esse cenário esportivo desenvolvido pelos teuto-brasileiros na Porto Alegre do final do século XIX, é possível identificar a inspiração dos fundadores das primeiras associações de remo da capital, pois estas seguiam os mesmos parâmetros das associações esportivas pioneiras, fundadas por teuto-brasileiros. A comunidade teuto-brasileira trouxe diversos esportes para a cidade, o remo foi um deles. Os fundadores mantiam as associações como um local de sociabilidade entre os membros da comunidade teuto-brasileira.

As associações esportivas de remo em Porto Alegre serviram como forma de demarcação de fronteiras de identidades entre grupos culturais, mais enfaticamente entre teuto-brasileiros e luso-brasileiros, pois já havia uma disputa entre eles em outros cenários sociais. Os luso-brasileiros frequentavam os prados e a sua prática era o Turfe. Os hipódromos eram locais de sociabilidade para os luso-brasileiros, porém sem o mesmo objetivo dos teuto-brasileiros com o associativismo, o de manutenção cultural, contemplado através dos clubes para a prática da ginástica alemã e posteriormente, através das associações de remo.

A cidade de Porto Alegre foi uma das pioneiras no país a implantar o remo como prática esportiva. O remo já era praticado no país anteriormente, até mesmo no próprio Estado do Rio Grande do Sul, porém ainda não tinha se consolidado com um esporte competitivo e na estrutura de associações.

Segundo Garrido e Lage (2005), em 1851, foi realizada, em 10 de novembro na Baía de Guanabara, Rio de Janeiro, a primeira regata a remo da cidade, localizada na Enseada de Botafogo, promovida pelo Marquês de Abrantes e com a presença da família real, possivelmente a primeira regata noticiada do Brasil. Estavam entre os juízes, os almirantes Tamandaré e Barroso (LICHT, 2003a<sup>5</sup>), posteriormente, homenageados pelas associações de remo porto-alegrenses. De acordo com Hofmeister (1979) no Rio do Janeiro, no fim do século XIX, alguns grupamentos se formaram na cidade, mas nunca constituíram uma sociedade com a prática regular do desporto,

o remo já existia na cidade do Rio de Janeiro desde a década de 1870, mas o seu desenvolvimento se dava a passos lentos,

---

<sup>5</sup> LICHT, H. **O Clube de Regatas Almirante Barroso**. Material informal, ca. 30f, 2003a.

principalmente porque estava ligado a uma prática ainda não completamente aceitável no contexto sócio-cultural do Rio de Janeiro da época (MELO, 2006, p. 5).

A primeira regata que alcançou grande divulgação no Rio Grande do Sul ocorreu em 1860, a Regata Comemorativa à Independência do Brasil na cidade portuária de Rio Grande. E, na cidade de Porto Alegre em 1863, ocorreu “a regata comemorativa ao Dia da Independência. O páreo principal para canoas de quatro remadores, na distância de uma milha náutica, foi vencido por uma guarnição de empregados no comércio” (LICHT, 1986, p. 104). Dois anos após a realização dessa regata, foi organizada a competição denominada “Regata Imperial”, em homenagem a Dom Pedro II, que a assistiu a bordo do vapor “Gerente” juntamente com as mais altas autoridades civis, militares e eclesiásticas. Posteriormente, “em 01 de maio 1870, aconteceu uma grande regata em Rio Grande comemorativa ao término da Guerra do Paraguai, com seis páreos para escaleres, canoas e botes a vela” (LICHT, 1986, p. 105). Esses eventos mostram que as competições de remo já demonstravam seu potencial para cerimônias de cunho festivo e *glamour*, adquirindo uma configuração de esporte das classes de alto poder econômico.

Na mesma década que aconteceu esta regata em Rio Grande, acontece a fundação do primeiro clube de remo do Brasil. Segundo Melo (2001), esse teria sido fundado na cidade do Rio de Janeiro, sob a alcunha de *Club* Guanabareense, que apesar de ter sua fundação em 1874, realizou sua primeira regata em 1876. Já Licht (1986, p. 105) faz menção que em 1875 ocorreu a fundação, em Pelotas, do primeiro clube de remo no Rio Grande do Sul, o *Club* de Regatas Pelotense.

As datas contemporâneas, mostram que, neste período, fim do século XIX, foi uma época em que houve uma emergência nos clubes de remo no país, favorecendo o desenvolvimento deste esporte de competição. Como no Estado de São Paulo, que, apesar da primeira regata de remo do rio Tietê, na capital do Estado, ocorrer no dia 13 de outubro de 1903, este evento contou com remadores vindos da cidade do litoral, Santos, onde se competia desde 1897 com clubes fundados a partir de 1893. Esta primeira regata foi promovida pelo Clube *Esperia*, associação instaurada na cidade de São Paulo em 1889 - por imigrantes italianos e seus descendentes (NICOLINI, 2005).

No Rio de Janeiro, o remo era praticado, principalmente, na praia. Em São Paulo, no rio Tietê. Já na cidade de Porto Alegre, o local propício para a prática era o lago que contornava a cidade, chamado de *Guahyba*. Assim, estes primeiros clubes de remo se localizaram na Rua Voluntária da Pátria, marginal ao lago. Esta rua foi idealizada pelo Governador Paulo José da Silveira Gama, em 1806, desde logo foi batizada inicialmente de Caminho Novo (FRANCO, 1988), nome que se perpetuou popularmente, durante muito tempo depois da modificação.

A abertura dessa estrada e caminho público seria para facilitar a comunicação da Vila de Porto Alegre para as quintas situadas à margem do rio. Com uma extensão de quatro quilômetros até a Várzea do Gravataí, a construção foi finalizada pelo Governador Dom Diogo de Souza. Posteriormente, ao longo do trajeto, indústrias e casas comerciais foram instaladas (*op. cit.*) - majoritariamente por teuto-brasileiros -, tornando-se uma artéria comercial. É neste espaço que os clubes de remo representavam e promoviam também outros esportes náuticos praticados no Guaíba, como o polo aquático e a natação.

A disseminação do remo no Brasil teve diferentes trajetórias: cada região iniciou em diferentes anos, porém em períodos próximos, e Porto Alegre, através dos imigrantes alemães, ficou entre as pioneiras no desenvolvimento do esporte no país.

### 3.1 OS CLUBES REMO TEUTO-BRASILEIROS

Em Porto Alegre, o remo se tornou uma prática institucionalizada na década de 1880. Os teuto-brasileiros apostaram nessa prática esportiva, já disseminada pela Europa, e organizaram a fundação da primeira associação esportiva de remo da cidade. No dia 21 de novembro de 1888, dá início o *Ruder Club* Porto Alegre - Clube de Remo Porto Alegre - (RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO, 1919; DAUDT, 1952; HOFMEISTER, 1979; MAZO, 2003). Esta associação possuía traços de organização parecidos com os das associações de ginástica. De maneira semelhante, utilizavam a proposta de sociabilidade para manter representações culturais teuto-brasileiras.

Na primeira ata do clube (PIMENTEL, 1945; DAUDT, 1952; HOFMEISTER, 1979) – originalmente redigida em alemão – consta na lista de presentes, treze

homens, que na sua maioria possuíam sobrenome alemão<sup>6</sup>. Entre seus fundadores, encontra-se Alfredo Schütt, idealizador da primeira sociedade ginástica de Porto Alegre. Ele foi indicado para ser o primeiro presidente do *Ruder Club* Porto Alegre e um dos organizadores dos estatutos. Estes cargos lhe foram determinados pelo fato de que, possivelmente, ele tenha tido contato anterior com o remo, pois sua terra natal é Hamburgo, cidade da Alemanha onde esta prática é bastante difundida. Mesmo local de onde os barcos utilizados para o esporte foram importados.

Ao fundar a sociedade ginástica, Alfredo Schütt foi um líder no movimento de manutenção da memória cultural alemã em Porto Alegre. Para Assmann (1995), a especialização dos portadores da memória desenvolve uma autoridade sobre a memória. Ao criar um espaço onde a memória cultural poderia ser cultivada, este ato proporcionou a Schütt tornar-se uma autoridade quanto à preservação da identidade cultural teuto-brasileira.

Neste sentido, ao o escolherem como presidente da associação de remo, a comissão fundadora expôs o desejo de o *Ruder Club* Porto Alegre seguir os passos da primeira associação fundada por teuto-brasileiros na cidade. O presidente de uma associação é seu representante oficial, ele é uma das suas principais representações e o seu estatuto define as regras e as normas de funcionamento, o que permite que seus elaboradores imprimam a sua maneira de ver o mundo.

A comissão de elaboração do estatuto era composta por somente teuto-brasileiros – Alfredo Schütt, Felix H. Kessler e Fernando Ingwersen. Estes indivíduos carregavam consigo a herança da memória cultural de seus antepassados alemães, destarte, retratava seus costumes, hábitos, práticas e normas de conduta. Para Assmann (1995) o caráter vinculativo do conhecimento preservado na memória cultural, possui como um de seus aspectos, o aspecto normativo, na sua função de elaboração de regras de conduta. Logo, os autores do estatuto transferem para as normas da associação a sua maneira de ser, “o modo de ser alemão” (SILVA, 2006).

Silva (2005a) vê a identidade teuto-brasileira como resultado de um processo de assimilação, sincretismo cultural ou como um produto de uma ideologia étnica. Onde os agentes, construtores desta identidade, arquitetam fronteiras delimitadoras por meio de traços definidos pelo próprio grupo para estabelecer contraste. Para

---

<sup>6</sup> A. Shütt, Félix H. Issler, B. Roehring, Júlio Issler, Fernando Ingwersen, Alberto Bins, Otto Hasche, Luiz Koehler, Gustavo Knoblauch, H. Von Schwerin, A. Voelker, C. Goeden Jr., O. Teichmann, Júlio Issler Fº e John Day (DAUDT, 1952).

tanto, se utilizam de símbolos identitários que fundam a crença em uma origem comum, resgatados na memória cultural.

Desta forma, para inserir-se neste grupo é necessário assumir suficientes representações que o identifiquem como um simpatizante. Entre os fundadores do *Ruder Club* Porto Alegre, encontra-se um anglo-brasileiro ou seja um imigrante inglês. Provavelmente, John Day foi aceito entre eles, por ter vivenciado e assimilado traços da cultura teuto-brasileira, em uma passagem sua por Hamburgo. Segundo Licht (2002a<sup>7</sup>), consta que este anglo-brasileiro praticou o remo em Hamburgo em 1882. Nesta cidade alemã teve intimidade com a cultura e aprendeu o idioma alemão. Na ata inaugural há um relato de que este anglo-brasileiro fez a leitura em alemão de uma dissertação publicada na revista *Wassersport*<sup>8</sup>, sobre a fundação de uma sociedade de regatas na Alemanha.

Outro ponto a favor para a sua aceitação, foi o de que John Day era um importante comerciante da capital, da mesma forma que alguns de seus companheiros fundadores (PIMENTEL, 1945). As associações eram locais de sociabilidade entre teuto-brasileiros, e segundo Silva (2006, p. 123) “eram também um caminho para contatos comerciais”. Entre os alemães, destacavam-se grande número de comerciantes bem sucedidos na capital sul-rio-grandense, *Amistad apud* Souza (1997) afirma que já em 1874, Porto Alegre tinha 205 indústrias e 78 casas comerciais pertencentes a alemães e seus descendentes. Dentre os comerciantes conceituados, há três fundadores do *Ruder Club Porto Alegre*: Alberto Bins<sup>9</sup>, O. Teichmann e Alfredo Shütt (MAZERON,1943; PIMENTEL, 1945). Porém, para ser acolhido na associação era preciso indicação de um associado, além de passar pelo aceite ou veto da diretoria. Isso demonstra que havia uma seleção dos futuros associados, permitindo fazer uma triagem, a partir da identificação de quais os que possuíam os quesitos necessários para tanto, como o domínio do idioma alemão, praticado nos espaços do *Ruder Club* Porto Alegre.

Inspirados na revista alemã, esta associação esportiva visava a que o exercício do remo fosse praticado com os métodos técnicos da Alemanha, para tanto também ministravam as ordens nos treinamentos em alemão. Condição que

---

<sup>7</sup> LICHT, H. **O Ruder Club Porto Alegre**. Material informal, ca. 30f, 2002a.

<sup>8</sup> Revista alemã especializada em esportes náuticos, importada por Alberto Bins.

<sup>9</sup> Alberto Bins foi vice-intendente eleito em 1926, na gestão de Otávio Rocha, e em 1928 o substituiu, dado seu falecimento. Neste mesmo ano, elegeu-se, concorrendo como candidato natural, manteve-se no cargo até 1937.



não assenta com a afirmação de Hofmeister (1979) de que não havia preocupação com exclusivismos étnicos, pois toda a comunicação interna da associação era em idioma alemão, o que obrigava a quem frequentasse o ambiente dominar a linguagem. Havia, assim, um trânsito constitutivo entre o social e o individual, pois a memória individual é produzida na medida em que participa de uma memória coletiva (HALBWACHS, 2006). Desta maneira, o idioma era revivificado na memória dos indivíduos que participavam do coletivo, perpetuando-o.

Estas formas simbólicas de imprimir fronteiras constrangiam os associados que não avocassem representações culturais teuto-brasileiras, considerando-os não aptos para se inserirem no ambiente construído para o associativismo do remo. De acordo com Pesavento (2008), as representações identitárias são sempre qualificadas como atributos, características e valores socializados em torno daqueles que integram o parâmetro da identidade em questão.

Como os métodos técnicos para a prática do remo eram importados da Alemanha, os fundadores determinaram que de lá também fosse a origem dos barcos, ação que demandaria alto valor financeiro. Para efetuar tal projeto, segundo uma entrevista concedida por Alberto Bins e reproduzida por Pimentel (1945), o capital financeiro para a encomenda dos barcos foi emprestado pela sua mãe, “a viúva Elisa Bins” (AMARO JÚNIOR, 1942, p. 43).

Até o início do século XX, esta marcante atuação feminina foi uma das poucas participações ativas de mulheres no remo. Neste período as mulheres tinham pouca representação no cenário esportivo porto-alegrense. Sua ação estava limitada a, normalmente, acompanharem seus pais e maridos nas arquibancadas (MAZO; SILVA; LYRA, 2010). No remo, além de espectadoras nas regatas, elas se materializaram no cenário, como madrinhas das embarcações e ao emprestarem seus nomes para os barcos.

Elisa Bins iniciou a tradição ao batizar o primeiro barco do *Ruder Club* Porto Alegre, seguida por Olga Englert, que batizou o segundo. Estas duas senhoras fizeram parte do grupo de mulheres teuto-brasileiras<sup>10</sup> que confeccionou, manualmente, a bandeira da associação. A representação feminina, no cenário do remo, era restrita a apoiar a organização masculina, assim como acontecia na sociedade porto-alegrense de então, quando não era permitido às mulheres

---

<sup>10</sup> Elisa Bins, Olga Englert, Anna Christoffel, Clothilde Christoffel, Sinhá Bastian, Elisa Issler e Malvina Issler (RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO, 1919).

circularem para além de seu ambiente doméstico e familiar, onde praticavam prendas domésticas. Porém, com o associativismo esportivo as mulheres puderam, paulatinamente, ultrapassar o ambiente doméstico e alcançar espaços visíveis, como nos eventos nas sedes das associações de remo. A imagem abaixo traz a guarnição de um barco também batizado com uma denominação feminina, o Florentina.



**Imagem 3 - Guarnição do barco Florentina, em 1906 (HOFMEISTER, 1979)**

Esta associação não barrava a entrada de luso-brasileiros, principalmente se fossem bons esportistas, porém estes deveriam entender o idioma alemão. Ao longo do tempo, esta agregação tornou-se cada vez mais evidente, como se vê na imagem um, de 1906, onde a guarnição foi composta de luso-brasileiros que defendiam uma associação que mantinha representações identitárias teuto-brasileiras. Os esportistas eram: Hugo Issler, Vitor Kessler, Demétrio Carvalho, Ripper Monteiro e

C. Torres Jr. Na imagem é possível identificar na postura destes remadores, o valor dado por eles à força física desenvolvida pela prática do remo. Os quatro estão com os braços à mostra e evidenciam o desenvolvimento dos músculos do braço e antebraço. Cabe destacar o esforço do remador abaixo à direita, que coloca sua mão atrás do bíceps forçando-o para frente, dando a impressão de maior volume. Este desenvolvimento muscular é orgulhosamente enfatizado, junto com as medalhas fixadas no uniforme à altura do peito, as quais simbolizam as suas vitórias, e a alegria de registrarem o momento, pelos sorrisos em seus rostos.

A primeira sede do *Ruder Club Porto Alegre* foi inaugurada em 1893 e situou-se na Praça Senador Florêncio, onde se manteve durante 21 anos, até o primeiro aterramento ocorrido às margens do lago *Guahyba*. Este fato motivou a associação a construir uma nova sede, inaugurada em 1914 na Rua Voluntários da Pátria (RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO, 1919).

Esta rua chamava-se, primitivamente, de Costa do Rio, por fazer o contorno do *Guahyba*. Quando a rua foi construída, em 1811, por Dom Diogo de Souza, passou a se chamar Caminho Novo, apelido que continuou sendo usado popularmente, mesmo após a mudança em 1870 (SANHUDO, 1979). Neste logradouro se fixavam grande parte da comunidade teuto-brasileira, como, por exemplo, a residência de Alberto Bins, onde ocorriam as reuniões preliminares da fundação do *Ruder Club Porto Alegre*. Além de diversas casas comerciais e indústrias pertencentes a teuto-brasileiros, lá também se localizou o *Ruder Verein Germania* - Clube de Regatas Germânia -, segundo clube de remo de Porto Alegre.

O *Ruder Verein Germania* foi fundado em 29 de outubro de 1892. De acordo com Amaro Júnior (1942, p. 45) seus instituidores eram “um grupo de dez jovens esportistas”, já Hofmeister (1979) afirma que na lista de fundadores, havia mais de 40 nomes, informação que vai ao encontro com os dados de Licht<sup>11</sup> (2002b), que reproduz a primeira ata, confirmando a asseveração de Hofmeister (1979). Semelhantemente ao *Ruder Club Porto Alegre*, no grupo de fundadores do *Ruder Verein Germania*, também se encontrava um amplo número de nomes teuto-brasileiros<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> LICHT, H. **O Ruder Verein Germania**. Material informal, ca. 30f., 2002b.

<sup>12</sup> Eugênio Sattler, J. Aloys Friederichs, Alfredo Schüller, Otto Zeschke, Augusto Meyer, Ricardo Eistel, Guilherme Büher, Eduardo Sattler, Carlos Sattler, Reinaldo Scharff, Otto Neumann, Guilherme Kallfels, João Poerner, Alberto Meyer, Alberto Graettner, Emílio Nabinger, A. Schwering, Leopoldo Lemertz, Guilherme Leitzen, João F. Krahe, Carlos Patzhold, Erich Maria Von Foerster, H. Ludwing,

Nesta lista de fundadores encontra-se J. Aloys Friederichs, alemão que posteriormente tornou-se um líder étnico teuto-brasileiro. Friederichs era “a favor de um duplo patriotismo: ser brasileiro, mas, cultivar sua herança cultural, principalmente no que tange ao nacionalismo alemão” (MAZO; LYRA, 2010, p. 970). Assim, trazia seus ideais de germanismo para os círculos onde frequentava, de mesma forma que se transformava numa liderança associativa, crescia como uma liderança étnica. De acordo com Gertz (1991), germanismo é uma tradução da palavra *Deutschum*, e designa o conjunto da população de alemães e seus descendentes, como também pode ser traduzida como uma ideologia e uma prática de defesa da germanidade das populações de origem alemã. Nesse sentido, entende-se a germanidade como “um fator político, baseada na ideia de uma comunidade étnica constituída por ascendência, língua e costumes” (SCHULZE, 2008, p. 21).

Esta era a ideologia defendida por Aloys Friederichs nos espaços do associativismo esportivo. Ou seja, para Friederichs, as associações eram uma maneira de se inserirem na sociedade e de atualização da cultura de seu país de origem, em meio a indivíduos com as mesmas identidades culturais. Segundo Silva (2005a), Aloys Friederichs era um símbolo do cultivo da germanidade. Ele preocupava-se com a preservação das representações teuto-brasileiras, mais especificamente, “no que permanecer alemão e no que assumir uma identidade brasileira” (SILVA, 2005a, p. 310).

Em conformidade com Silva (2005b), Aloys Friederichs reconhecia a ginástica alemã como um instrumento de construção da identidade. Esta afirmativa vai ao encontro do pensamento de Mazo e Lyra (2010), de que ele via na ginástica alemã um importante mecanismo de manutenção da identidade alemã no Brasil, bem como um meio de inserção de alemães na sociedade brasileira. Contudo, com o indício de sua inserção na construção de uma associação de remo, é possível afirmar que ele via nos esportes oriundos da Alemanha e nas associações esportivas, estratégias de divulgação e perpetuação da sua memória cultural.

Silva (2005b) diz que sua atuação no associativismo teuto-brasileiro privilegiou o desenvolvimento de atividades que produzissem, além de

---

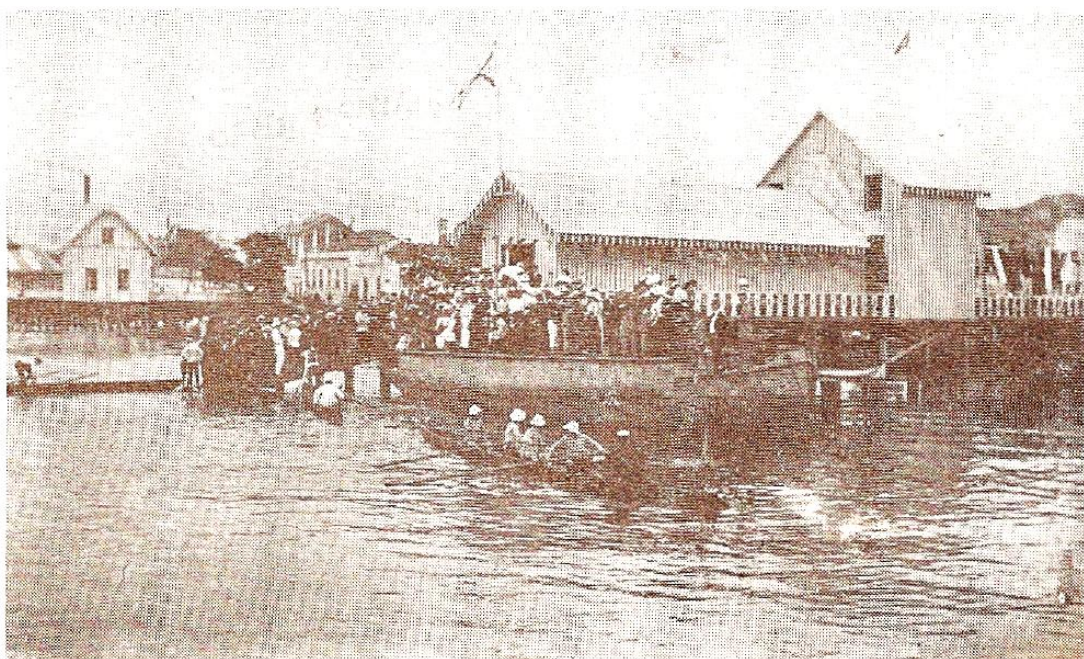
José Straamann, Matias Huber, Alfredo Strunk, Carlos Schaeffer, Balduino Carell, Teodoro Raetze, Teodoro Stuebiger, Guilherme Springer, Ernesto Kraetschner, Germano Gittler, Otto Altenbernd, Cristiano Kraemer, Alfredo Albrecht, Otto Reinbott, Felix Engel, F. Bercht, M. Tesdorf e J. Schmilinski (HOFMEISTER, 1979, p. 19)

desenvolvimento físico, consciência identitária. Deste modo, Aloys Friederichs reconhecia o *Ruder Verein Germania* como um novo mecanismo de disseminação de seu pensamento, quanto a um perpetuamento de representações alemãs e a criação de uma identidade cultural teuto-brasileira.

A primeira garagem do *Ruder Verein Germania* se situou na Rua Voluntários da Pátria<sup>13</sup>, que seria construída pelo Dr. Englert em um terreno cedido por ele, tão logo os barcos encomendados de Hamburgo chegassem, o que aconteceu apenas em junho de 1893. Neste local também se localizou a primeira sede do clube, estabelecida em 1894. Até a chegada dos barcos, para iniciar a prática do remo na associação, foi designada uma comissão para entrar em contato com o *Ruder Club* Porto Alegre, que cedeu o seu barco Olga para o treinamento dos remadores (LICHT, 2002a). A segunda sede do *Ruder Verein Germania* foi implantada em 1912, com uma grande festa inaugural. Na imagem dois, está a reprodução deste momento, onde podem ser vistos o grande número de associados, entre eles, homens e mulheres. À frente da sede estão dois barcos com as suas guarnições, prontas para as regatas. O material utilizado para a construção das sedes dos clubes era madeira, pode-se ver, externamente, que o local era composto de dois ambientes. Na parte com abertura para a Rua Voluntários da Pátria era a entrada seca da sede. O ambiente mais perto do lago era comprido, possivelmente, servia como garagem náutica, também era onde se localizava a bandeira da associação. Esta localização da bandeira servia símbolo demarcador da presença desta associação de remo no espaço do lago Guaíba, assim como a sua sede.

---

<sup>13</sup> Na ata, esta rua foi referida pela alcunha de Caminho Novo.



**Imagem 2 - Sede do *Ruder Verein Germania*, em 1912 (HOFMEISTER, 1979)**

Visto que a competição entre as associações se limitava ao âmbito das disputas esportivas, estas duas associações de remo promoviam regatas esporádicas e desafios individuais, além de excursões recreativas e regatas internas. Logo, as duas associações apoiavam-se mutuamente para impulsionar o associativismo esportivo no remo em Porto Alegre, provavelmente, motivadas pela sua irmandade teuto-brasileira, bem definida no *Ruder Club* Porto Alegre, após uma mobilização para realçar as suas representações alemãs.

Tornou-se notícia nos jornais porto-alegrenses, um movimento realizado por membros do *Ruder Club* Porto Alegre, em busca da afirmação de uma identidade cultural teuto-brasileira que explorasse mais representações alemãs na associação. Esta reunião concretizou-se no mês de agosto de 1895 (O CLUB..., 2/09/1894) e causou polêmica no cenário porto-alegrense. Os jornais A Federação (O CLUB..., 2/09/1894) e a Gazetinha (CLUB..., 08/09/1895) noticiaram o ocorrido. Ambos tomaram uma posição contrária quanto a esta decisão dos dirigentes da associação de remo de “dar-lhe o caracter exclusivo de club allemão” (O CLUB..., 2/09/1894).

Segundo o jornal A Federação (O CLUB..., 2/09/1894), o *Ruder Club* Porto Alegre, anteriormente a este movimento de nacionalização alemã, possuía um caráter cosmopolita, isto é, adotava representações de outras representações

culturais, apesar da adoção do alemão na confecção dos estatutos. Assim, possivelmente, este evento foi um marco, quanto a sua maior aproximação de identidades culturais teuto-brasileiras. A razão desta movimentação foi por haver nos estatutos da associação, um artigo que a impedia de participar de manifestações políticas, tanto brasileiras quanto alemãs. O referido artigo impossibilitou a participação do *Ruder Club* Porto Alegre em comemorações do aniversário do chanceler alemão, Otto Von Bismarck. O assunto foi resolvido em uma assembléia geral, quando a associação foi considerada exclusivamente alemã (O CLUB..., 2/09/1894).

O jornal *Gazetinha*, onde o proprietário e editor era o luso-brasileiro Otaviano Manuel de Oliveira, noticiou, duras críticas à germanização do *Ruder Club* Porto Alegre. O título da reportagem refere-se à associação como *Club* de Regatas Porto-Alegrense, na versão em língua portuguesa, como forma de demonstrar a sua postura de oposição à ideia (CLUB..., 08/09/1895). No texto, o autor faz construções ideológicas contra o cultivo de representações culturais teuto-brasileiras e, se utiliza de um fato - a nacionalização do *Ruder Club* Porto Alegre – para divulgar as suas opiniões. Visto que a associação de remo só é citada na introdução e na conclusão do texto. Entre o início e fim são apenas expostas ideias de reação aos teuto-brasileiros, pois julga que a nacionalização foi “um desafio atirado aos brasileiros, foi um verdadeiro accinte que está mesmo a pedir ‘revanche’ completa e severa e que produziu o efeito de uma bofetada” (CLUB..., 08/09/1895, p. 1).

Para Chartier (2002a) as lutas de representações possibilitam a compreensão dos mecanismos que um grupo tenta impor a sua concepção do mundo social, os valores que são seus e seus domínios. A reação deste luso-brasileiro ao destaque social de uma representação teuto-brasileira permite visualizar os conflitos identitários do período, quando luso-brasileiros e teuto-brasileiros disputavam a conquista de espaços sociais, cada um com seus instrumentos. Neste episódio os teuto-brasileiros se utilizaram das associações esportivas e os luso-brasileiros, dos discursos na imprensa.

O discurso de Otaviano Oliveira prega uma falta de consideração dos teuto-brasileiros que tiveram a iniciativa de promover essa nacionalização alemã. Este autor caracteriza tal ato como uma injustiça e uma grosseria para com os consócios brasileiros que a associação possuía, apesar de alguns deles concordarem com a nacionalização. Pistas de que havia grupos de indivíduos, não teuto-brasileiros, que

adotavam representações identitárias teuto-brasileiras, para se inserirem nestas associações.

Otaviano Oliveira, um descendente de imigrantes portugueses, identifica-se como brasileiro nato e, assim, permite-se ser o elemento representativo dos brasileiros. Uma estratégia utilizada para fazer parte da unidade nacional, quando utiliza o pronome “nós”, e se dizer ofendido pelos teuto-brasileiros, classificando-os como “os outros”, os estrangeiros. Esta posição torna-se clara em seu discurso, quando relata que “é doloroso para nós brasileiros natos, apreciar, [...] a grosseria com que certos estrangeiros mal educados pagam a hospitalidade proveitosa que acham em nossa querida Pátria” (CLUB..., 08/09/1895, p. 1).

Assim, representa a sua ofensa como uma ofensa à nação e tenta reproduzir nos demais indivíduos, que se reconhecem como brasileiros, esse mesmo sentimento. Segundo Thiesse (2000) a pedagogia do sentimento de pertença passa pelo emprego repetitivo da primeira pessoa do plural, que lembra constantemente que a identidade é coletiva. Neste momento, fim do século XIX, durante o período republicano, há uma profunda busca coletiva por uma identidade cultural brasileira. Oliven (1982) coloca que durante o período da Proclamação da República no Brasil, nota-se que certas manifestações da cultura brasileira passam a ser extremamente valorizadas, exaltando-se os símbolos nacionais.

Como toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela é sustentada pela diferença baseada num oposto, o positivo *versus* o negativo. Ele caracteriza os brasileiros como bons anfitriões, enquanto os alemães são ingratos. Os brasileiros propiciam o “acolhimento amigo encontrado aqui pelos imigrantes que vêm trabalhar (...) e [os alemães] em vez de agradecer a este povo [brasileiro] os favores que no seio d’elle recebem, atiram-lhe offensas” (CLUB..., 08/09/1895, p. 1). No seu discurso também condena os brasileiros que apoiaram a nacionalização da associação. Considera-os como traidores de sua identidade cultural brasileira e, por consequência, da nação.

Um pouco antes desta assembléia as associações de remo se uniram para a fundação de uma entidade que fosse responsável pela organização das regatas, o Comitê de Regatas, fundada em 1894.

### 3.2 O COMITÊ DE REGATAS: UMA ENTIDADE TEUTO-BRASILEIRA



Em uma reunião na sede do *Ruder Club* Porto Alegre, no dia 17 de fevereiro de 1894, com membros das duas associações existentes na capital sul-riograndense, ocorreu a instauração da terceira associação de remo que, como as suas fundadoras, reproduzia representações culturais teuto-brasileiras. A fundação aconteceu em virtude do desejo dos teuto-brasileiros, do *Ruder Club* Porto Alegre e do *Ruder Verein Germania*, em organizar a primeira regata oficial da cidade. Para tanto, instituíram a primeira associação entre clubes esportivos do Brasil, o Comitê de Regatas. Esta é considerada a primeira federação esportiva do país (HOFMEISTER, 1979; LICHT, 1986; MELO, 2007b).

A pioneira entidade federativa também era identificada como teuto-brasileira, apesar de sua denominação ser em língua portuguesa, seus idealizadores cultivaram o idioma alemão no interior da associação. Era neste idioma que as atas, as correspondências e os programas das regatas eram redigidos, tal qual a sua comunicação interna durante as reuniões da diretoria (HOFMEISTER, 1979).

Nesse sentido, as denominações dos prêmios principais eram batizadas em alemão, bem como as gravações nas medalhas eram importadas da terra natal dos antepassados de seus dirigentes, da Alemanha. Com esta estratégia, seus administradores mantinham o remo identificado como uma prática teuto-brasileira. Além disso, com a organização de regatas oficiais, as associações tiveram mais espaço na imprensa, que começou a noticiar seguidamente a ocorrência de regatas na cidade. Acontecimentos que proporcionaram grande divulgação do esporte, das associações e das ideologias teuto-brasileiras, atraindo participantes. A primeira regata promovida pelo Comitê de Regatas foi amplamente divulgada pelos jornais de Porto Alegre.

Anteriormente a essa competição, já havia no Rio Grande do Sul regatas comemorativas. Contudo os barcos utilizados eram escaleres, isto é, embarcação a remo e a vela, ou barcos de pescadores, e não *gigs*<sup>14</sup>. No *Jornal do Comércio* (REGATAS, 15/09/1894) há a publicação de uma regata de escaleres da Marinha Brasileira, que ocorreu na cidade de Rio Grande, no dia 7 de setembro de 1894, em comemoração ao Dia da Independência do Brasil. Possivelmente, este tenha sido um evento simbólico, no qual a memória nacionalista foi atualizada, proporcionando um sentimento de nacionalidade. A regata foi organizada em um período próximo da

---

<sup>14</sup> Denominação utilizada para barcos usados especialmente na prática do remo.

Proclamação da República no Brasil (1889), quando certas manifestações da cultura brasileira passam a ser extremamente valorizadas, exaltando-se os símbolos nacionais (OLIVEN, 1982).

Um evento do porte de uma regata realizado pela Marinha Brasileira, para comemorar o dia em que o Brasil se torna nação, oportuniza o fortalecimento de um sentimento de pertencimento a uma unidade orgânica, política e culturalmente centrada em um ideal comum. Da mesma forma que os nacionalistas brasileiros organizavam regatas utilizadas para acentuação de representações culturais, estes eventos mantiveram-se como práticas que geram representações identitárias também entre os teuto-brasileiros.

Como as duas associações de remo de Porto Alegre cultivavam o nacionalismo alemão, no início, o Comitê de Regatas promovia regatas carregadas de representações identitárias teuto-brasileiras. O primeiro evento que, oficialmente, introduziu na capital sul-rio-grandense, as regatas como um espetáculo esportivo, com barcos construídos exclusivamente para a prática do esporte remo, aconteceu somente no ano 1895.

Esta competição ocorreu, mais especificamente, em 24 de novembro de 1895, e foi noticiada com dois dias de antecedência, com notas no jornal *A Federação* (REGATA, 22/11/1895). Esta divulgação ocorreu com um convite feito ao jornal, que foi publicado por este, além de uma propaganda paga. Mandar convites para os jornais eram estratégias utilizadas por diversas associações, como meio de divulgação de seus eventos. A resposta dos editores era imediatamente impressa nas páginas do periódico.

O agradecimento foi direcionado ao Comitê de Regatas, descreveu quando, onde e como seria a competição, bem como, o local de saída e chegada dos barcos competidores. Ao mesmo tempo em que avisa que o *Ruder Club* Porto Alegre disponibilizaria um vapor para seu público, o que aumentaria a visibilidade da disputa. A saída foi do Trapiche de Navegantes, teve um percurso de 1650 metros, com a chegada na sede do *Ruder Verein Germania*.

Nesta mesma nota jornalística, houve referências aos barcos das duas associações que disputaram a competição: “os botes *Agnes* do *Ruder Club Porto Alegre* e o *Undine* do *Ruder Verein Germania*” (REGATA, 22/11/1895, p. 2). Os nomes dos barcos constroem uma tradição das associações, todos os barcos posteriores seguiam o padrão da nomenclatura do primeiro. O *Ruder Club* Porto

Alegre batizava seus barcos com os nomes de suas madrinhas. Já o *Ruder Verein Germania* batizou seus barcos com denominações vinculadas a locais onde é praticado o remo, o meio aquático. Considera-se o barco *Undine* um exemplo. A palavra *Undine* traduzida do alemão para a língua portuguesa significa Ondina, nome dado a pretensos gênios que habitavam as ondas.

A nota paga convida os membros das associações de remo que disputaram a regata, “todos os socios activos e passivos, bem como os amigos d’este sport são convidados para assistir a esta festa” (PRIMEIRA..., 22/11/1895, p. 3). Todavia, o discurso está voltado para os teuto-brasileiros, maioria dos sócios das associações, estratégia para atrair um público específico, que se identificassem com a prática esportiva, mas, também, com a identidade cultural das associações. Na perspectiva de que a construção da identidade é um meio para atingir um objetivo, o conceito de estratégia indica que o indivíduo, enquanto ator social não é desprovido de certa margem de manobra (CUCHE, 1999).

Cabe ressaltar, que o termo em inglês utilizado na nota jornalística, *sport*, foi durante muitos anos utilizado no Brasil, era inicialmente entendido como um espetáculo, uma forma de jogo, uma diversão. Entretanto, no período em que ocorreu esta regata, fim do século XIX, começa a identificar estratégias de promoção da saúde (MELO, 2007b).

A estratégia de identificar o *sport*, remo, como promotor de saúde foi utilizada desde os primórdios da introdução das associações de remo. Já na reunião de fundação da primeira associação de remo de Porto Alegre, consta na ata uma referência de que John Day dissertou sobre a influência do exercício do remo sobre o organismo, possivelmente, inspirado pela revista alemã especializada em esportes náuticos, que estava em seu poder.

Este movimento de identificação da prática do remo como promotora de saúde, também foi reconhecido nas propagandas desta primeira regata, publicadas no jornal *A Federação* até a data do evento no domingo, dia 24 de novembro de 1895. As notícias, de como ocorreu o evento, foram publicadas na terça-feira, dia 26 de novembro de 1895, e ocuparam um terço de página deste mesmo jornal (REGATAS, 26/11/1895, p. 2). Nas últimas décadas do século XIX, seguidamente os eventos esportivos da cidade eram divulgados. Os esportes em destaque nos jornais eram o turfe e o ciclismo, que no período chamavam de *bicycletismo*. Todavia, a

notícia da regata organizada pelo Comitê de Regatas foi a primeira em que o remo conquista um grande espaço.

A primeira regata organizada pelo Comitê de Regatas obteve grande número de expectadores, pois segundo *A Federação* (REGATAS, 26/11/1895, p. 2) a praia estava crivada de indivíduos. O jornal relatou que o vapor contratado pelo *Ruder Verein Germania* partiu “atopetado de cidadãos e de grande número de famílias [...]. A bordo servia-se champagne a cada momento” (REGATAS, 26/11/1895, p. 2). Entre os presentes estavam, na maior parte, representantes do comércio, indivíduos caracterizados como a elite econômica de Porto Alegre. Deste modo, as associações de remo, além de construírem representações identitárias teuto-brasileiras para o esporte, o identificavam como uma prática vinculada às elites da sociedade porto-alegrense, ao utilizar-se de representações que garantissem esse vínculo, como comerciantes com maior poder aquisitivo e a distribuição de champanhe, bebida de alto valor financeiro.

Em conformidade com Boudon (1990), o sentido de elite, trazido aqui, está relacionado com uma categoria social composta por indivíduos que tem os maiores rendimentos ou que representam ter, sublinhada pela desigualdade entre indivíduos. Segundo Melo (2007b, p. 59) “no âmbito dos clubes, estabeleciam-se mecanismos de *status* e distinção”. Nesse sentido, as associações de remo aproveitaram esta primeira regata para acentuar estes mecanismos e, assim, construir representações para si, que as identificassem como meios de se adquirir prestígio, destaque e reconhecimento social.

Na imagem 2, está a foto desta primeira regata. Ao fundo da guarnição está retratada a cidade de Porto Alegre de 1895, contornada pelo lago Guaíba, ambiente aquático onde foi realizada a prova. A regata que teve a sua chegada na sede do *Ruder Verein Germania*, na Rua Voluntários da Pátria, que hoje, após aterramentos, já não mantém a ligação com o lago Guaíba. Na mesma imagem, à esquerda, está um barco com expectadores que acompanhavam de perto a disputa. Além deste, também havia barcos para os juízes, distribuído em juízes de saída: L. Köhler e E. Sassen; juízes de linha: H. Wolcke e Eug. Sattler; juízes de chegada: Júlio Issler Filho e H. Terdorf. Divididos em um representante de cada clube, para evitar fraude. Assim como descreve o jornal *A Federação* (REGATAS, 26/11/1895, p. 2): “outro pequeno vapor que conduzia os juízes da regata, cruzavam a todo momento os

ligeiros *gigs* que, no Brasil, apenas Porto Alegre e Florianópolis<sup>15</sup> tem”. As duas associações de remo de Porto Alegre importaram seus barcos, especialmente produzidos para a prática do esporte, de Hamburgo na Alemanha, aparentemente, aproveitaram o evento para exibi-los para o público.



**Imagem 3 - Primeira regata oficial de Porto Alegre, em 1895 (PIMENTEL, 1945)**

O prêmio desta regata chamou-se *Herausforderungspreis* (LICHT, 1986; UMA HISTÓRIA..., 2008) – em língua portuguesa, Prêmio do Desafio -, esta premiação só era entregue para a associação vencedora por duas vezes. A primeira associação com vitória, e que saiu na frente na disputa do prêmio, foi o *Ruder Verein Germania*, com o barco *Undine*. Na imagem 2 é possível ver o barco e a sua guarnição, os teuto-brasileiros: E. Reupke, F. Gerlach, A. Barz, L. Semmler e o timoneiro, H. Wensch. Esta guarnição venceu a prova em seis minutos e 42 segundos, assim, com apenas 3 segundos de diferença do barco *Agnes*, do *Ruder Club* Porto Alegre.

<sup>15</sup> Licht (1986) diz que a primeira regata ocorrida em Florianópolis foi em 1861, ainda quando esta se chamava Desterro, organizada pela a Sociedade de Regatas, porém os barcos participantes eram escaleres e baleeiras, e que, só em 1902, foi fundado o Club de Regatas 29 de abril. Esta data confronta-se com o estudo de Zanca (2008), de que o Club de Regatas 29 de abril foi fundado em 1903 e considerado o primeiro clube de remo da cidade, ligado à federação do remo do Rio de Janeiro. Demonstra-se um confronto entre três informações divergentes e a emergência de mais estudos sobre o assunto.

Os dirigentes da associação atribuíram a derrota ao excesso de peso do seu timoneiro, que possuía 25 Kg a mais que o timoneiro do *Undine*. Provavelmente esta foi a razão da diferença entre as quantidades de remadas de cada guarnição competidora. O vencedor dava 36 remadas por minuto e o derrotado, 28. Enquanto a guarnição do *Undine* imprimia mais velocidade, a do *Agnes* imprimia mais força, para poder movimentar o barco (REGATAS, 26/11/1895), o que resultou em um maior desgaste físico da guarnição vencida.

Pela imagem, a disputa era de barcos *out-rigger* a quatro com timoneiro<sup>16</sup>. Os remadores, de frente para o timoneiro, utilizam o mesmo uniforme. O timoneiro fica de frente para os remadores, para melhor desempenhar o comando das remadas. Como não há a necessidade de movimentos de grande amplitude articular, nem repetições de movimentos mais intensos, seu traje não é tão flexível, nem tão aberto, como o dos remadores, é mais alinhado, bem como o seu chapéu tipo quepe, é parecido com o utilizado por comandantes militares. A vestimenta do timoneiro faz parte da construção simbólica de comando do barco. Ela lhe aumenta a representação de poder sobre os remadores, pelo fato de, simbolicamente, o associar às figuras dos comandantes de modelos organizativos baseados nos militares, onde o comandante era o indivíduo que possuía a função de chefia.

O destaque jornalístico às representações identitárias teuto-brasileiras que esta regata ocasionou, geriu uma reação luso-brasileira. O autor da nota esportiva do jornal *A Federação* (REGATAS, 26/11/1895) fez um apelo aos luso-brasileiros: “que os nossos patrícios saibam imitar os clubs referidos, fundando outros e elevando-os pelo estímulo e pela concorrência” (REGATAS, 26/11/1895, p. 2). Este discurso aponta indícios de que já era idealizada uma associação de remo fundada por luso-brasileiros, que transferisse para o esporte disputas identitárias existentes em outros domínios. Porém, a hegemonia de representações teuto-brasileiras, em torno do remo, manteve-se até o início do século XX, inclusive na denominação de novos prêmios.

O prêmio *Herausforderungpreis* foi reproduzido somente mais duas vezes, ambas no ano de 1896. Em 1897 não houve competição, ausência que impulsionou a confecção de um novo prêmio em 1898. Neste ano, o *Ruder Club* Porto Alegre, em comemoração ao seu 10º aniversário, sugere ao Comitê de Regatas, o

---

<sup>16</sup> Quatro remadores com um remo para cada atleta e um timoneiro ritmando as braçadas e controlando o leme.

*Wanderpreiss* – Prêmio Móvel - com posse definitiva após três vitórias consecutivas. O troféu foi oferecido por um grupo de senhoras da referida associação. Esta nomenclatura do prêmio permaneceu durante anos, mesmo após ser rebatizada de Campeonato do Estado.

O troféu foi confeccionado em prata com pedestal de madeira e reproduz uma miniatura do deus romano, Mercúrio, que apoia sobre a cabeça um globo terrestre, onde, em cima dele, está um remador, em pé, empunhando um remo na vertical. A representação do troféu está na onipotência do remador. Ele tem o poder absoluto e supremo, está acima do mundo e dos deuses. Os deuses são representados pelo deus romano Mercúrio, considerado o deus da venda, lucro e comércio.

Os principais associados dos clubes e, também, espectadores das regatas, eram os comerciantes. De certo, o troféu também representava a importância deste prêmio, pois estava acima, inclusive, do deus que representava os bons e maus negócios para os comerciantes. O troféu do *Wanderpreiss*, o auxiliou a assumir a importância que obteve, visto que esta denominação também foi adotada por outros esportes, como o futebol, em 1904 (PIRES, 1967). Durante muito tempo, após esta primeira disputa, este prêmio foi a principal competição de remo do Rio Grande do Sul, e este troféu era o maior objeto de desejo das associações de remo e, quem o obtivesse ganhava a representação de estar acima do mundo e dos deuses.



**Imagem 4 - Fotografia do troféu *Wanderpreiss* (ACERVO DO CLUB DE REGATAS ALMIRANTE BARROSO)**

A notícia do primeiro *Wanderpreis* percorreu os jornais, *A Federação* fez contagem regressiva até o dia da disputa, sem revelar o motivo, para aumentar a expectativa do público. Quando no dia 11 de novembro de 1898 revelou o porquê da contagem, “faltam 3 dias = regatas” (FALTAM..., 11/11/1898), juntamente com toda a programação e organização do primeiro *Wanderpreiss*. Novamente, os juízes faziam parte das duas associações participantes da federação. Cabe ressaltar a participação de Aloys Friederichs como juiz de chegada, oportunidade que reforçou a sua representação de pessoa fidedigna e a sua ligação com o remo. *A Federação* relatou toda a competição, e novamente mencionou que um dos vapores que transportava o público, estava “cheio de exmas famílias e convidados da nossa melhor sociedade, achando-se grande e distintamente representada a propecta e estimada colonia alemã” (REGATAS, 14/11/1898, p. 3).

As regatas, organizadas pelo Comitê de Regatas, eram grandes eventos sociais na cidade, além dos vapores, os espaços terrestres em torno do Guaíba, onde aconteciam as competições. Ficavam abarrotados de pessoas, porém nos vapores estavam apenas os associados dos clubes, estratégia de diferenciação dos associados para os demais. Os vapores eram locais privilegiados, além de oportunizarem uma maior visibilidade da regata, ofereciam conforto ao servir comes e bebes. Logo, nestes barcos encontravam-se, principalmente, os teuto-brasileiros vinculados às associações participantes, diferenciando-os dos espectadores da margem do Guaíba. Quem embarcava nos vapores era identificado como uma elite distante, provavelmente, onde se encontravam os que não possuíam representações teuto-brasileiras, como muitos luso-brasileiros. Em reação a essa hegemonia ao redor da prática esportiva do remo, os luso-brasileiros, nos primeiros anos do século XX, deram princípio à confecção de novas associações de remo.



#### 4 O IMPÉRIO IDENTITÁRIO TEUTO-BRASILEIRO AMEAÇADO

Neste capítulo são analisadas as instaurações destas associações de remo e as rupturas que originaram no associativismo esportivo em Porto Alegre. No primeiro subcapítulo é apresentada a primeira associação que inseriu representações de uma identidade cultural brasileira em torno da prática do remo, o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré. O segundo subcapítulo contempla a fundação do *Club* de Regatas Almirante Barroso, uma associação de remadores que agregou representações de diferentes identidades culturais.

Até o princípio do século XX, imperava no cenário das associações de remo porto-alegrenses representações culturais teuto-brasileiras, conforme relacionado anteriormente. Porém, logo nos primeiros anos este panorama é alterado, com a fundação das associações de remo pela iniciativa de luso-brasileiros. Até então, a frequência dos luso-brasileiros era mais evidenciada nos prados para assistir ao turfe.

O Prado era um local de sociabilidade, onde as famílias firmavam sua representação social na segunda metade do século XIX (JÁ EDITORES, 1997, p. 103). A elite luso-brasileira porto-alegrense utilizava os prados como ambientes de agregação da comunidade (PEREIRA, 2008). Nesse sentido, o turfe atuou como uma fronteira simbólica de distinção dos luso-brasileiros em relação a outras comunidades étnicas que tinham como espaço unificador, as sociedades de ginástica e outras associações esportivas.

O turfe, que atingiu seu ápice no período de 1880 e 1894, com o funcionamento de quatro prados na cidade (JÁ EDITORES, 1997), começou a enfraquecer de forma simultânea à transição para um novo modelo sociocultural. As significativas transformações socioeconômicas de Porto Alegre, destacadas por Franco (1988) e marcadas pelo aumento populacional, processos de urbanização e modernização, constituem o contexto propício à introdução de novas práticas esportivas, como também à organização de associações. Nessa conjuntura, os luso-brasileiros escolhem um esporte que, até momento, estava envolto por representações de identidades culturais teuto-brasileiras, o remo, e desencadeiam a organização de suas associações esportivas.

#### 4.1 UM CLUBE COM REPRESENTAÇÕES IDENTITÁRIAS BRASILEIRAS

O Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré passou a existir oficialmente no dia 18 de janeiro de 1903. Em conformidade com o livro comemorativo, Rio Grande do Sul *Sportivo* (1919, p. 161), o acontecimento foi identificado como uma “benéfica reação contra o elemento estrangeiro, que naquela época predominava no *sport* náutico local”. Os esportes que esta associação abarcaria iam para além do remo, como divulgou um jornal da época “sabemos que, além do *sport* do remo, o novo club de regatas a fundar-se nesta capital dedicar-se-á também á natação, tiro ao alvo, gymnastica, etc” (REGATAS, 15/01/1903). Os quatro esportes que, possivelmente, seriam oferecidos e foram anunciados pelo jornal, são esportes inseridos em Porto Alegre por associações teuto-brasileiras. A partir desta publicação é possível verificar que a intenção, para essa nova associação, era de oportunizar um novo ambiente esportivo.

O Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré era para ser um espaço destinado para que as práticas esportivas revestidas por representações identitárias teuto-brasileiras fossem praticadas por luso-brasileiros e, assim, tivessem modificada a sua vinculação com identidades culturais. Neste período iniciava-se a construção da identidade cultural brasileira no país, para tanto, foram buscadas representações que reavivassem uma memória cultural, considerada como brasileira, assim como ocorreu nesta associação de remo que reproduziu representações da memória cultural brasileira.

A construção de identidades é um fenômeno dinâmico, assim como a memória, que é constantemente atribuída de novos significados. Renovar a lembrança, apesar de esta receber novos significados, é uma atualização da memória cultural. Segundo Pollak (1992) se pode dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade.

Com três dias de antecedência, o jornal *A Federação* (REGATAS, 15/01/1903), já havia noticiado o acontecimento. Divulgou a hora e o lugar da primeira reunião de instauração, bem como auxiliou na propaganda, com uma divulgação positiva da associação que estava para nascer, a de que já estavam inscritos mais de cento e sessenta sócios.

A notícia da fundação de uma associação de remo, idealizada por luso-brasileiros, foi muito bem recebida pelos jornais da época, como os periódicos: *A Federação* e *O Independente*<sup>17</sup>. Estes jornais compartilhavam da ideia de que deveria ser fundada uma nova associação de remo com outras representações identitárias. Estes dois jornais são editados por luso-brasileiros e, anteriormente à fundação do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, demonstraram a vontade de que houvesse, em Porto Alegre, outra associação de remo com identidades culturais luso-brasileiras. O que justifica o amplo espaço dedicado às notícias desta nova associação de remo, inclusive com o resultado da primeira reunião. Tanto que, a partir deste momento, as regatas receberam maior atenção destes órgãos de divulgação. Assim, as disputas identitárias trouxeram para a prática esportiva maior divulgação da imprensa local.

No dia 19 de janeiro de 1903, os leitores dos jornais *O Independente* (PRIMEIRA..., 19/01/1903) e *A Federação* (REGATAS, 19/01/1903), se depararam com os resultados da reunião de fundação da nova associação de remo nascida em Porto Alegre. *A Federação* destaca a escolha da denominação do clube ter sido sugerida por um dos sócio-fundadores, Miguel Macalão, em homenagem a “um grande vulto da marinha nacional” (REGATAS, 19/01/1903, p. 2), o Almirante Tamandaré. Ambos os jornais indicaram que a presidência e a vice-presidência do clube, seriam ocupadas, pelos luso-brasileiros: Gaspar Fróes e Ricardo Machado (NOVO..., 18/01/1903).

Os fundadores do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré ressignificaram alguns símbolos da cultura brasileira, para envolver esta prática esportiva. Para construir a representação do clube como o primeiro verdadeiramente nacionalizado, eles se utilizaram das seguintes estratégias: adotar a língua portuguesa como idioma oficial, denominar a associação com o nome de um herói nacional e para batizarem os barcos, reutilizaram palavras no idioma das tribos indígenas que povoavam o país antes da colonização.

No comando do grupo de fundadores luso-brasileiros, estava o idealizador da associação, Gaspar Fróes de Azevedo, que era capitão de corveta da Capitania do Porto. Isto é, função de primeiro posto de oficial superior nas forças navais. Fróes era conhecido na cidade como um forte nacionalista. O jornal *O Independente* o

---

<sup>17</sup> O editor deste último jornal era Otaviano M. de Oliveira, o mesmo editor da *Gazetinha*, fechada em 1900, ano de fundação do *O Independente*.

caracteriza como o “bravo e brioso oficial da marinha que tantos serviços prestou á Pátria” (GASPAR..., 5/11/1908, p. 1). O capitão de corveta presidiu a reunião em que foi definido o nome e a comissão organizadora do grêmio.

Esta associação instalou-se em um barracão na Rua General Portinho, quase esquina com Andradas, próxima à Praça General Osório, como visto na direita da imagem cinco. Este barracão foi cedido pela Capitania do Porto, provavelmente pela influência de Fróes, o que demonstra seu empenho na instauração. O Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré se estabeleceu distante das outras duas associações de remo da cidade, longe do ambiente teuto-brasileiro que estas estavam localizadas e onde ocorriam as regatas. A partir disso, é possível traçar as formas com que o Grêmio busca demarcar fronteiras identitárias, uma delas é a distância estabelecida, diferenciando a associação até mesmo na localização.



**Imagem 5 - Mapa de Porto Alegre, 1932 (ACERVO PESSOAL)<sup>18</sup>**

A Rua General Portinho fica na zona central de Porto Alegre (FRANCO, 1998). Neste local, onde se encontrava o barracão, é onde se situa, até hoje, a

<sup>18</sup> Apesar de este mapa ser de 1932, ele retrata a localização das associações de remo, que permaneceram as margens do Guaíba, no cais do porto, desde sua fundação até a década de 1940.

Capitania do Porto. Este órgão da Marinha Brasileira tem a responsabilidade da emissão local sobre a segurança da navegação. Deste modo, é um órgão de segurança nacional, o que identifica seu prédio como um representante do governo brasileiro em Porto Alegre, assim também carrega a representação do pertencimento da cidade à nação brasileira. Segundo Thiesse (2000), pertencer à nação é ser um dos herdeiros de seu patrimônio comum e indivisível, conhecê-lo e venerá-lo.

O prédio da Capitania do Porto fazia parte do patrimônio nacional como um monumento cultural, assim como cultuava representações oficiais: a Bandeira e o Hino Nacional. Além de seguir suas leis e as fazer cumprir, mantém elevada em um mastro na fachada principal do prédio um dos principais símbolos nacionais, a Bandeira do Brasil. O valor dos símbolos nacionais era bastante exaltado, como nos demonstra uma nota no jornal *O Independente* (COUSAS..., 9/04/1903, p. 1) que diz no “o Hynno Nacional e o Pavilhão Patrio, nelles se synthetizam a nossa veneração aos antepassados heroes, o nosso culto à liberdade, o nosso patriotismo”. Mais uma vez, o sentimento de pertencimento a uma identidade cultural coletiva é expresso através do emprego repetitivo do pronome possessivo na primeira pessoa do plural.

Outra representação, desta diferenciação, foi a adoção da língua portuguesa, utilizada como uma distinção simbólica dos outros clubes que utilizavam o idioma alemão. Hobsbawn (1990) nos esclarece que “a língua se tornou um exercício mais deliberado de engenharia social na medida em que seu significado simbólico passou a prevalecer sobre seu uso real”. Direcionando-se para a construção de uma identidade cultural brasileira e reforçando o entendimento de que a cidadania e a nacionalidade são definidas pelo país de nascimento, “os luso-brasileiros consideravam-se cidadãos brasileiros de nacionalidade brasileira” (MAZO; FROSI, 2008). Pensamento que vai de encontro à concepção teuto-brasileira, que estabelecia a cidadania pela participação política e econômica no país, e que a nacionalidade estava relacionada à filiação cultural.

A escolha do nome da associação, também, foi elaborada visando a cultural brasileira, pois o Almirante Tamandaré, além de ser um herói da marinha brasileira, nasceu na vila de São José do Norte, no Estado do Rio Grande do Sul. Consta na primeira ata oficial de fundação, que a escolha pelo nome do almirante seria “em homenagem aos feitos gloriosos daquele ínclito rio-grandense” (CASTELLO, 1923, p. 5). Desta forma, o objetivo não era apenas afirmar a identidade cultural brasileira,

mas também lembrar que este almirante brasileiro, símbolo de heroísmo, era sul-rio-grandense, assim como o clube. Desenvolver esta ligação com o Almirante Tamandaré foi uma estratégia de representar que, de maneira semelhante à trajetória de vida de seu patrono, esta associação de remo sul-rio-grandense se destacaria no cenário nacional, por suas conquistas.

Castello, em 1923, organiza um livro comemorativo em homenagem aos 20 anos de fundação da associação, confeccionado em um período pós-Primeira Guerra, quando o nacionalismo brasileiro era crescente. Neste período, adotar representações culturais brasileira era valorizado pelo contexto social. Neste sentido, Castello (1923) fornece traços de realce quanto a algumas representações identitárias brasileiras adotadas pela associação. Apesar da ênfase dada pelo autor, este livro comemorativo permite a identificação das representações identitárias, que os idealizadores do clube buscaram construir: “compreendiam o Sport como um meio para o desenvolvimento do organismo e para a formação completa da Nacionalidade. Assim, imaginavam no extremo sul da Pátria um systema de retemperar os liames da nacionalidade” (CASTELLO, 1923).

Segundo Melo (2006), o remo era caracterizado como o esporte do “exercício physico”, usado para defender e propagar os benefícios dessa prática. O mesmo autor cita que este esporte era visto como da saúde, do desafio, que educa o músculo e a moral, “prática adequada a uma juventude altiva, forte e com ‘liberdade de espírito’ suficiente para conduzir a nação ao progresso necessário” (MELO, 2006, p. 8). Provavelmente, a escolha do esporte remo para instaurar a primeira associação com representações de identidade cultural brasileira em Porto Alegre, foi por sua caracterização de esporte que fortalece os músculos e a moral, e inspirava o sentimento de nacionalidade.

Ideias expressas na sede da associação durante a reunião de instalação solene e inauguração do retrato do Almirante Tamandaré, que ocorreu no dia 7 de setembro do mesmo ano, quando o orador oficial, Arthur Pinto da Rocha discursou para um grande público, que se fazia presente. Neste discurso, este se utilizou da narrativa do passado para reforçar, recorrentemente, os feitos e as glórias do patrono. Ao mesmo tempo em que construía o herói no imaginário coletivo, mirava um processo de transformação social, em direção ao nacionalismo da associação, com o objetivo de atrair um maior número de participantes. Para tanto, procurou a construção de uma memória coletiva, fazendo uma “constituição simbólica, que

envolve várias batalhas simbólicas pela apropriação de eventos do passado que devem ser lembrados e a demarcação dos que devem ser esquecidos” (OLIVEIRA, 2003, p. 68).

Conforme Carvalho (1990), o herói tem de ter a cara da nação. Arthur Pinto da Rocha procura construir em seu discurso este simbolismo ao se dirigir seguidamente aos jovens e inculcar-lhes a ideia de nacionalidade através do exemplo heroico da figura do Almirante Tamandaré na história do país. Para tanto, lista seus feitos em defesas nacionais entre 1823 e 1867, citando fatos ligados à memória brasileira, como a Independência do Brasil, a Batalha do Riachuelo e a Guerra do Paraguai: “em 1823 ligava o seu nome de bravo à história da nossa Independência, (...) e de 1865 a 1867 gravava seu nome heroico e forte nas escarpas do Paraguai” (Castello, 1923, p. 11).

Desta forma fez-se a construção do herói, um ser onipotente, que passa por um tempo de provações, no limite de suas forças, no qual é obrigado a travar um combate solitário com o mal até o triunfo final. De acordo com ARAÚJO citado por OLIVEIRA (2003, p. 67) essa construção “implica o advento de um tempo de glorificação, baseado em torno de manifestações de orgulho e piedade, este é o perfil básico do herói que confirma sua excepcionalidade”. Em outro momento de seu discurso, Rocha conclama a mocidade da época, presente na comemoração, a “moldar a sua pela alma do grande brasileiro” (CASTELLO, 1923, p. 11). Fazendo-os assumir um compromisso de honra com a nação, reforça uma associação destes jovens brasileiros, à qual o clube estava vinculado: “vós que preparareis para a *direcção* da pátria brasileira no seu brilhantíssimo futuro, que tendes o culto sagrado das glórias *nacionaes*, vós que escolhestes para *symbolo* dos vossos *ideaes* esse nome de guerra e de honra” (CASTELLO, 1923, p. 11).

Transformar o Almirante Tamandaré em herói nos olhos dos associados do clube é uma tática para “atingir a cabeça e o coração dos cidadãos” (CARVALHO, 1990, p. 55) e, assim, legitimar uma identificação. Segundo Carvalho (1990, p. 55), “os heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias e aspirações, pontos de referências, fulcros de identificação coletiva”, portanto instrumentos eficazes para serem reutilizados como representações culturais.

Além do nome do Almirante Tamandaré no título da associação, os fundadores utilizaram a palavra grêmio. O termo grêmio possui o mesmo significado na língua portuguesa que “*club*”, na língua inglesa e, aproxima-se do significado do

termo *verein*, em alemão. A utilização do termo no idioma nacional serviu para potencializar a sua diferenciação das associações dos teuto-brasileiros. Um dos elementos essenciais da nação é o seu idioma, segundo Thiesse (2000), a nação existe porque possui uma língua.

Esta associação, a exemplo das anteriores, também não instaurou nos seus estatutos a exigência de que os associados deveriam ter nacionalidade específica - no caso, a brasileira -, mas, sim, que os estrangeiros entendessem a língua portuguesa. Tanto que, no livro comemorativo Rio Grande do Sul *Sportivo* (1919)<sup>19</sup>, há uma manifestação a favor de exigir o conhecimento da língua portuguesa aos estrangeiros. Para os organizadores da obra, isso impõe “o respeito devido a nossa terra e ao nosso pavilhão, respeito a que temos direito como povo emancipado que o somos” (RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO, 1919, p. 162). Nesta afirmação é revelada a identidade cultural dos organizadores, pois estes se definem brasileiros ao utilizar o sujeito subentendido “nós”, além de exprimir o seu sentimento nacionalista. Em conformidade com Thiesse (2000), falar a língua da nação, para os cidadãos, era entendido como um dever, todos os seus membros devem compreendê-la e utilizá-la na sua comunicação.

Outra representação cultural brasileira utilizada foram palavras no idioma dos primeiros habitantes brasileiros: as tribos indígenas que povoavam o país. Os fundadores do clube ressignificaram esta característica, em todos seus barcos. Possivelmente, os idealizadores tinham apenas a intenção de lembrar os povos indígenas como símbolos brasileiros, mas não se preocuparam com a fidedignidade das palavras serem no idioma indígena, tupi-guarani. São designadas como tupi-guarani as tribos indígenas que habitavam o litoral brasileiro, quando houve a chegada dos portugueses ao Brasil em 1500. Ainda, como refere Boudin (1963, p. 22): “Os tupis-guaranis formam uma mesma nação, usando de preferência o guarani para as tribos do sul - além de Paraguay, Argentina, Uruguay -, e tupi para os elementos de centro e norte do país”. O renovar da lembrança de que os ancestrais fundadores do país foram povos indígenas, faz parte do movimento de construção de uma identidade cultural brasileira, que estava sendo iniciado no período.

Os elementos básicos, citados por Thiesse (2000), para que se construa uma identidade para a nação são em sua maioria, buscados em uma memória cultural,

---

<sup>19</sup> Trata das diversas associações de remo, porém determina maior espaço para duas associações com nomes de heróis brasileiros.



como: os ancestrais fundadores, a história, os heróis, o folclore, a língua, os monumentos e certas paisagens. Desta forma, encontramos nas representações construídas pelos fundadores do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, elementos da memória cultural brasileira, como os ancestrais fundadores em seu idioma, que estão representados nos barcos.

Na regata inaugural do clube, os barcos participantes foram o *Tocantins*, o *Tramandahy* e o *Teffé* (REGATAS, 5/9/1903). Acredito que este último estava em uma grafia errada, no tupi, Tefé é só com um 'f', como no caso do nome do município de Tefé no Estado do Amazonas (BRASIL, 2011), local onde havia grande quantidade de habitantes tupi-guaranis (POVOS..., 2011). Assim, possivelmente os fundadores se enganaram na grafia, em razão de todos os outros terem a mesma raiz linguística.

Todos os barcos foram batizados com nomes indígenas que começam com a letra "T", porque através da repetição faz-se uma construção simbólica no imaginário coletivo. Como o próprio nome do grêmio – Tamandaré - começa com T, esta se tornou uma reprodução simbólica que os luso-brasileiros res-significaram como uma forma de estruturar na memória coletiva um elo com a associação. Até 1919, o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré possuía uma grande frota, no quadro abaixo estão relacionados os barcos, seu tipo, o construtor e o país que este foi confeccionado (RIO GRANDE DO SUL *SPORTIVO*, 1919; CASTELLO, 1923). Castello (1923) alude à correlação feita pelo clube com o nome tupi em um de seus barcos:

o nome Tabajara significa na língua tupy, senhor da taba, ou povo dominador. Os tabajaras, que faziam parte da tribo tupy, habitavam o litoral de Pernambuco no Rio de Grande do Norte, tendo eles auxiliado fortemente os portugueses nas lutas contra os cahetés (p. 39).

**Tabela 1.** Frota do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, até 1919.

Nome	Modelo	Construtor or	Origem	Madrinha
<i>Tory</i>	<i>skiff</i>	F. Leux	Informação não localizada	Gilda Totta
<i>Tieté</i>	<i>Gig</i> , a dois remos	Max Yanke	Rio de Janeiro - Brasil	Lola Weyrauch
<i>Tamoyo</i>	<i>Gig</i> , a quatro remos	Telliers Fils	Paris	Ophelia Pinto Bento
<i>Tapajoz</i>	<i>Gig</i> , a quatro remos	F. Leux	Informação não	Julianna Ribeiro

			localizada	
<i>Toropy</i>	<i>Gig</i> , a quatro remos	Max Yanke	Rio de Janeiro - Brasil	Gentila Santos
<i>Tabajara</i>	<i>Gig</i> , a quatro remos	Telliers Fils	Paris	Célia Viana Ahrends
<i>Tyapyra</i>	<i>Yole</i> , a quatro remos	Max Yanke	Rio de Janeiro - Brasil	Olga Marcher
<i>Toryba</i>	<i>Gig</i> , a quatro remos	Max Yanke	Rio de Janeiro - Brasil	Luiza de Azevedo Bastian
<i>Tibagy</i>	<i>Gig</i> , a quatro remos	Carlos Remedi	São Paulo - Brasil	Edith Jacobus
<i>Tapuya</i>	<i>Gig</i> , a seis remos	Max Yanke	Rio de Janeiro - Brasil	Emira Ferreira de Almeida
<i>Tijuca</i>	<i>Gig</i> , a seis remos	F. Leux	Informação não localizada	Helenita Mostardeiro
<i>Tupynambá</i>	<i>Out-rigger</i> , a oito remos	Telliers Fils	Paris	Esther Gomes

Tendo em vista a afirmação de Ortiz (1994, p. 8) que “toda a identidade é uma construção simbólica”, percebe-se que se inventou uma tradição, ao utilizar os nomes em tupi-guarani que se iniciam pela letra “T”, em todos os barcos que faziam parte da frota do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré. Oliven (1992, p. 20) afirma que “a memória coletiva está ligada a um grupo relativamente restrito e portador de uma tradição, aproximando-se do mito e manifestando-se através da ritualização dessa tradição”. A criação do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré tinha por objetivo desenvolver uma associação, onde os elementos constitutivos, de representação brasileira no esporte do remo, tivessem um ambiente onde pudessem cultivar uma identidade cultural brasileira. Para tanto, o desenvolvimento de representações culturais foram, significativamente, resultados da procura de uma diferenciação para com as associações anteriores, teuto-brasileiras.

Os barcos foram confeccionados em diferentes localidades, provavelmente, nestas cidades e países, o remo era um esporte bastante desenvolvido, pois havia demanda dos produtos específicos para a prática e mercado para construtores especializados. Vê-se que no Brasil, o Rio de Janeiro e São Paulo já eram referência no esporte. Nestes Estados, o remo já era praticado desde a década de 1870. Em vista da expansão do mercado, surgiu a necessidade de haver fabricantes de barcos próprios para a prática. O Maranhão também integra os Estados brasileiros, nos quais houve a tentativa de inserir o remo no início do século XX, entretanto, seu desenvolvimento foi inverso ao dos Estados citados anteriormente.

No Maranhão, em um período contemporâneo ao da fundação do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, houve o tentame de implantar o remo e buscando a utilização dos rios Anil e Bacanga, foi criado o Clube de Regatas Maranhense.

Todavia, a ideia não se consolidou, faltaram recursos para aquisição das embarcações apropriadas, assim como o apoio do comércio e das autoridades estabelecidas. Quando, em 13 de setembro de 1908, houve uma nova tentativa, voltou-se a falar na implantação do remo, no Estado, chegando a ser organizada uma competição, porém a reimplantação do clube só se realizou em 1909 (VAZ, 2005). Diferentemente do Maranhão, o Rio Grande do Sul possuía associações de remo estruturadas a partir do século XIX, da mesma maneira que no Rio de Janeiro e em São Paulo. Porém, diversamente destes dois últimos Estados citados, não havia pessoas que tivessem a técnica para a fabricação de barcos para a prática do esporte remo.

As madrinhas dos barcos tamandaristas possuíam, em maior parte, sobrenomes luso-brasileiros ou um sobrenome luso-brasileiro e um teuto-brasileiro, por isso, supostamente, nascidas em solos brasileiros. Contudo, havia madrinhas com alcunhas de origem étnica definida como alemã, a exemplo, Lola Weyrauch e Olga Marcher. Ou seja, a associação aceitava entre seus associados elementos de outras etnias. Este indício também é visto nos nomes dos integrantes das guarnições que competiam na época.

Como aconteceu na competição em comemoração à inauguração do clube, juntamente com a do Dia da Independência do Brasil<sup>20</sup>, organizada pelo Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, nesta regata, foram realizados cinco páreos, um deles, em homenagem ao *Sport Club* Rio Grande, da cidade de Rio Grande, que visitava Porto Alegre na ocasião. Concorreram com o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, o *Ruder Club* Porto Alegre e o *Ruder Verein Germania*. As outras quatro competições foram disputas internas entre as embarcações do clube (REGATAS, 5/09/1903).

Entre os remadores que participaram desta competição, encontram-se sobrenomes de origem luso-brasileira e teuto-brasileira. No páreo *Inauguração*, fazia parte da guarnição do barco *Teffé*, remadores com sobrenomes teuto-brasileiros, como Backes, A. Mohr, e o timoneiro, G. Bier. Este barco concorreu com o barco *Tramandahy*, que também possuía sobrenomes teuto-brasileiros na guarnição, Herbert e F. Protzen, como timoneiro (REGATAS, 5/09/1903). Nos outros páreos repetiu-se esse quadro de diversidade étnica entre os esportistas, a exemplo a

---

<sup>20</sup> Primeiro ano em que foi noticiada uma regata entre associações de remo como parte do cronograma dos eventos comemorativos desta data, em Porto Alegre.

guarnição que concorreu no páreo principal, rivalizando com outras três associações de remo existentes em Porto Alegre (REGATAS, 5/09/1903).

O Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, não restringia o acesso à participação de indivíduos que vestissem outras identidades culturais, porém os impossibilitava de fazer parte da sua diretoria, por meios simbólicos. Fato comprovado quando, a partir de um conflito identitário no âmbito da associação durante a eleição da diretoria de 1917, deu origem uma nova associação de remo, com representações de outra cultura. O sentimento dos fundadores do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré era demarcar de forma simbólica fronteiras entre as culturas, assim ficou conhecido como “a associação dos remadores brasileiros” (MAZO; FROSI, 2008, p. 7). Para disputar as regatas em nível de competição com as demais associações, o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré construiu guarnições com as mesmas estruturas das embarcações das associações teuto-brasileiras.

A imagem seis, com os esportistas exibindo o número de medalhas que cada um deles conquistou no Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, demonstra que os fundadores da associação alcançaram sua aspiração. Os corpos modificados pelos treinamentos, com remadas contínuas e rápidas, que exigem força para o deslocamento do barco, mostram os novos contornos corporais, com a musculatura mais volumosa, davam início a um novo padrão estético. A adoção de uma postura viril pelos remadores, com os braços cruzados, ressaltando o bíceps definido, também qualifica o esporte como uma prática masculina. Os braços abertos, inclinados para trás, deixando o peito amostra, coberto de medalhas, evidencia o orgulho de suas conquistas. Já os que possuem poucas medalhas assumem uma postura sífótica, quase que as escondendo.

Nas disputas, o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré diferenciava-se por meio das cores de seu uniforme, azul marinho e o branco (REGATAS, 12/05/1911), com o emblema representado por uma âncora e dois remos cruzados. A âncora, no emblema do clube, representa a segurança durante a tempestade, o refúgio dos marinheiros, bem como liga a associação com os símbolos navais. Os remos atravessados afirmam a associação como dedicada a este esporte. Os trajes dos remadores, para época, era uma novidade, assim como as mudanças na estética corporal masculina.

A única medalha no peito de Arthur Fortes – sentado à esquerda na imagem seis- foi pela vitória no Campeonato Brasileiro de 1918, , primeiro título de campeão brasileiro da história do remo gaúcho (HOFMEISTER, 1979) e motivo da fotografia. Pela quantidade de medalhas no peito de Hugo Teichmann – à esquerda, em pé – e Oscar Teichmann – à direita, em pé -, fica evidente que no Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, estes remadores carregavam um capital simbólico de esportistas destaques no cenário do remo porto-alegrense.



**Imagem 6 – Guarnição do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, ano de 1918  
(HOFMEISTER, 1979)**

O Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré iniciou uma nova fase para a prática esportiva em Porto Alegre. Além de mais espaço na imprensa, consolidou no cenário esportivo porto-alegrense, uma associação que se aproximasse de uma identidade cultural brasileira. Assim, existiam no cenário do remo porto-alegrenses representações culturais, brasileiras e teuto-brasileiras, separadas em diferentes associações. Ação que oportunizou disputas identitárias no cenário do associativismo do remo. A próxima associação a se instaurar no cenário do remo na

cidade, o *Club* de Regatas Almirante Barroso, buscou sincretizar as identidades culturais.

#### 4.2 O CLUBE QUE AGRUPOU IDENTIDADES CULTURAIS

Dois anos após a fundação do primeiro clube onde a língua portuguesa imperava na comunicação interna, houve a idealização de um segundo clube, onde também seria usada esta representação identitária brasileira, o *Club* de Regatas Almirante Barroso. Nesta associação também foram agrupadas representações culturais teuto-brasileiras e luso-brasileiras.

Semelhantemente ao Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, os fundadores do *Club* de Regatas Almirante Barroso adotaram uma denominação abasileirada para batizar o clube. Porém, essa denominação mantinha uma ligação com identidades culturais luso-brasileiras, pois era um “nome genuinamente português, tendo esmo seu patrono e grande almirante da esquadra brasileira, nascido em Portugal” (HOFMEISTER, 1979, p. 37). Assim, este clube agregava representações identitárias.

Tanto que a primeira sugestão para a denominação do *Club* de Regatas Almirante Barroso, foi *Rowing Club* Brasil, com termos em inglês e a cooptação com a nação brasileira. Esta sugestão para o nome o distanciaria das representações identitárias existente nas demais associações de remo porto-alegrenses. As duas primeiras palavras em inglês e a segunda que representa a nação brasileira, sugere que este clube nasceria em disputas para além das que ocorriam entre brasileiros e teuto-brasileiros.

Entre seus fundadores não havia sobrenomes de origem anglo-saxônica. Assim, possivelmente, a palavra em inglês utilizada, justifica-se porque durante muitos anos, os termos esportivos eram pronunciados neste idioma. Só mais tarde, já na segunda década do século XX, começam a ser aportuguesados (MELO, 2007b). Presumivelmente, este movimento de adoção da língua portuguesa para termos em inglês ocorreu pelo início de uma campanha de nacionalização durante a Primeira Guerra Mundial. No entanto, a palavra Brasil aponta um indício de que havia o intento de manter uma identidade que utilizasse representações brasileiras, que se confirmou, mas por meio de outras representações identitárias.

Conforme o jornal *O Independente* (CLUB..., 2/03/1905), a fundação do clube aconteceu em 26 de fevereiro de 1905. Os membros da primeira diretoria do clube eram, em grande parte, de origem teuto-brasileira<sup>21</sup>. O mesmo jornal noticiou a listagem de nomes da diretoria eleita para o próximo ano, em contraste com a diretoria do ano de instauração, a segunda possuía uma maioria de sobrenomes luso-brasileiros<sup>22</sup>. Desta forma, o clube mantinha variadas representações identitárias.

O grupo não era homogêneo, em virtude disso, sua identidade cultural foi negociada e renegociada, constantemente, no interior das trocas sociais, pois o “caráter flutuante que se presta a diversas interpretações ou manipulações é característico da identidade” (CUCHE, 1999, p. 192). Esta nova organização resultou na representação de ser um clube pioneiro em misturar representações culturais.

Seus dirigentes de diferentes origens culturais, também herdaram distintas memórias culturais que lhe normatizaram condutas e seu imaginário em relação ao mundo. Variar a supremacia de uma determinada representação cultural, no comando da associação, era uma estratégia de não a manter vinculada a nenhuma das identidades culturais já anteriormente manipuladas por outras associações de remo, concorrentes na busca de espaços simbólicos na sociedade. Acredita-se que os fundadores do *Club* de Regatas Almirante Barroso não se viam vinculados a nenhuma destas identidades já existentes.

Para Cucho (1999) a identidade cultural exprime o resultado das diversas interações entre o indivíduo e seu ambiente social, próximo ou distante. As mudanças no ambiente social porto-alegrense foram representadas por esta associação. No início do século XX, a interação entre luso-brasileiros e teuto-brasileiros começa a apontar indícios de cordialidade. Em 23 de março de 1903, o jornal *O Independente*<sup>23</sup> (PERIGO..., 23/03/1903), publicou uma nota que indica um novo movimento social. Esta primeira nota, datada em 1903, teve seguimento, com

---

<sup>21</sup> Presidente: Pedro Adams; vice-presidente, Germano Sperb; 1º secretário, Luiz Gonçalves Fortes; 2º dito, Walter Kionka; tesoureiro, Oscar Wiedemann; adjunto do tesoureiro, Arthur Luiz Schwartz; instructor, Henrique Huber e Edmundo Seibert; timoneiros, Bertholdo Panitz, Osmundo Panitz; zeladores Engelbert Kirchof (CLUB..., 2/03/1905, p. 3).

<sup>22</sup> Presidente, Dario Canabarro; vice-presidente, F. Nabuco Varejão; 1º secretário Joaquim Ilha da Fontoura; 2º secretário, Augusto Vogel; 1º tesoureiro, Oscar Wiedemann; 2º tesoureiro, Carlos Bohrer; instructor, Henrique Huber; zelador, Osmundo Panitz (CLUB..., 15/03/1906, p. 2).

<sup>23</sup> Cabe ressaltar, que o editor deste jornal era o luso-brasileiro, Otaviano M. de Oliveira, o mesmo que expressou revolta quanto à nacionalização germânica do *Ruder Club* Porto Alegre, o jornal *Gazetinha*, em 1895.

uma maior ênfase, no ano de fundação da associação, em 1905. Com uma sequência de cinco notas, uma continuação da outra, assinadas pelo mesmo autor da primeira: W. L. Este autor se revela na última nota jornalística como Waldemar Ludwig (O PERIGO..., 9/2/1905; O PERIGO..., 12/2/1905; O PERIGO..., 16/2/1905; O PERIGO..., 19/2/1905; O PERIGO..., 23/2/1905). Nestas notas, era questionado se havia, realmente, motivos para temer os imigrantes alemães, que moravam em Porto Alegre. No imaginário coletivo sul-rio-grandense “se imaginava que as regiões por eles habitadas poderiam servir como base para uma invasão alemã” (GERTZ, 2008, p. 67).

Anos antes à fundação do *Club* de Regatas Almirante Barroso, iniciou-se um debate entre uma parcela da opinião pública, brasileira e internacional, esta discussão continuou durante décadas. Os “francófilos”, que alertavam para um perigo alemão, e os “germanófilos”, que defendiam a posição contrária, com uma grande quantidade de escritos que refletem esses dois posicionamentos. O polêmico perigo era porque os teuto-brasileiros passaram a ser vistos como potencial cabeça-de-ponte<sup>24</sup> para uma aventura imperialista por parte de uma Alemanha, que havia chegado tardiamente ao mercado colonial (GERTZ, 2008).

As notas “germanófilas” do jornal *O Independente*, defendiam os teuto-brasileiros domiciliados em Porto Alegre, como um grupo que auxiliou o Brasil, na sua colonização e com seu exército, em 1852, durante uma guerra internacional. Ainda acrescenta que após o conflito, combatentes adotaram o Brasil como pátria, “ficaram prestando a cooperação de suas actividade nas letras, nas artes e nas industrias honrando a colônia allemã” (PERIGO..., 23/03/1903, p. 1) e que o suposto perigo alemão foi criado pela imprensa americana. Mas este perigo “não preocupa os brasileiros do Sul, congraçados, há mais de ¾ de século, com os allemães, cujo character pacifico e leal jamais desmentirá a sua índole ordeira e moral” (PERIGO..., 23/03/1903, p. 1).

De maneira irônica, o autor da nota dirige-se para o “francófilos”, dizendo para descansarem os guarda-costas e oficiosos vigilantes. Contudo, finaliza se protegendo de qualquer possível manifestação contra ele, pois afirma que não possui nenhuma afinidade com a colônia alemã e escreveu inspirado nos sentimentos patrióticos e não assina com seu nome, mas como “*Um Veterano*”

---

<sup>24</sup> É uma terminologia militar referente a uma posição provisória ocupada por uma força militar em território inimigo, rio ou mar, tendo em vista um posterior avanço ou desembarque.



(PERIGO..., 23/03/1903). O mesmo jornal, meses mais tarde, publica uma nova nota condenando a forma de patriotismo dos indivíduos que menosprezavam os teuto-brasileiros e que acreditavam em um perigo alemão. Além de fazer duras críticas aos luso-brasileiros, que se consideravam mais patrióticos que os teuto-brasileiros, os manda ficarem calados e “se ocuparem com alguma cousa de útil; de estudarem mais e fortalecerem seus músculos” (PATRIOTISMO, 14/06/1903, p. 1).

Ao longo do texto, seu autor se assume teuto-brasileiro e afirma que, muitas vezes, os teuto-brasileiros são tão bons brasileiros “ou talvez melhor do que elles [germanófilos], que igualmente possui orgulho de ser descendente de uma raça, [...] que soube conquistar imorredouras glórias” (PATRIOTISMO, 14/06/1903, p. 1). Possivelmente, os luso-brasileiros ao se associarem a teuto-brasileiros na organização do *Club* de Regatas Almirante Barroso, concordavam com estes autores, quanto não haver motivos para temer os teuto-brasileiros. Além de ambos os grupos identitários tinham o Brasil como a sua segunda pátria, da mesma maneira que o patrono escolhido, como gostariam de representar ao escolher como denominação, o Almirante Barroso.

Seu patrono não era de origem brasileira, mas adotou o Brasil como sua nação, pois defendeu a conservação das fronteiras nacionais, nas batalhas, nas quais atuou, como na do Riachuelo, umas das mais importantes da Guerra do Paraguai. A esquadra brasileira estava sob o comando em chefe do Almirante Tamandaré, e o Almirante Barroso era comandante de subdivisão (HOMENAGEM..., 11/06/1911). Os almirantes navais brasileiros, escolhidos para nomearem as associações de remo, eram considerados bravos heróis e atuaram juntos em uma batalha história. Segundo *O Independente*, consideravam que a “sua memória é digna de veneração de todos os brasileiros” (HOMENAGEM..., 11/06/1911, p. 1). O *Club* de Regatas Almirante Barroso seguiu o exemplo do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, e buscou a imagem de um herói naval nacional, vencedor de batalhas navais, para construir a sua representação de clube campeão.

Acredita-se, que o principal desejo dos idealizadores do clube era construir representações de campeões. O *Club* de Regatas Almirante Barroso teve sua origem inicial com um grupo que tinha o intuito de organizar uma guarnição que disputasse, em igualdade com os outros clubes, o *Wanderpreiss* de 1905 (*CLUB...*, Acervo de jornais, s/d).

O Aquidaban foi o primeiro barco do clube, sua guarnição foi composta por três irmãos remadores, Bertholdo Panitz, Osmundo Panitz, Walter Panitz, Henrique Huber, e o timoneiro, Frederico C. Gerlach. Estes esportistas iniciaram as suas atividades no remo no *Ruder Verein Germania*, porém um conflito desencadeou a dissidência expressiva do *Ruder Verein Germania*, logo após o campeonato *Wanderpeiss* de 13 de novembro de 1904 (HOFMEISTER, 1979; LICHT<sup>25</sup>, 2003a). Havia uma divergência técnica entre o remador Osmundo Panitz, apoiado por alguns colegas e associados, “contra a orientação de Ludwing Semmler, o ‘homem forte’ do clube” (LICHT, 2003a, s/p). Este treinador foi vencedor do *Wanderpreiss* de 1904, como timoneiro da guarnição do *Ruder Verein Germania*, assim sendo considerado um dos ‘homens fortes’, era o detentor de um poder simbólico, dentro da associação.

Este conflito estimulou a fundação do *Club* de Regatas Almirante Barroso. Uma associação, na qual, este grupo dissidente teria o poder de determinar o seu funcionamento e adotar representações diferentes da associação, que pertenciam anteriormente. Como consta na ata de fundação, o idioma sugerido para ser adotado era o vernáculo (LICHT, 2003a), tanto que Henrique Huber tornou-se o instrutor e ministrava o treinamento em português.

Mazo (2003) complementa com a assertiva de que houve um conflito lingüístico entre os remadores – luso-brasileiros apoiados por teuto-brasileiros que se consideravam mais brasileiros do que teutos - e o técnico do *Ruder Verein Germania*. O treinador ministrava as orientações em alemão durante os treinos, dificultando o entendimento dos que não dominavam o idioma, sendo esta a razão para a dissidência do grupo de remadores e que resultou na fundação do *Club* de Regatas Almirante Barroso. Desta forma, fica evidente que a associação originou-se a partir de um conflito identitário entre representações culturais luso-brasileiras e as teuto-brasileiras.

Por conta disso, entre as representações culturais do *Club* de Regatas Almirante Barroso, haviam inúmeras vinculadas a uma identidade brasileira, como a escolha do idioma e dos nomes dos barcos. Mas ainda mantinha traços de representações de identidades culturais teuto-brasileiras, como costumes

---

<sup>25</sup> LICHT, H. **O Clube de Regatas Almirante Barroso**. Material informal, ca. 30f., 2003a.

germânicos de promover atividades sociais, os *pic-nics* e *kermesses*, desenvolvidos e divulgados pela associação.

Um ano após a fundação, o *Club* de Regatas Almirante Barroso promoveu um *pic-nic* para seus associados e divulgou o convite n'A *Federação* (CLUB..., 25/02/1906). O mesmo jornal publicou, posteriormente, que neste *pic-nic* foram vendidos ingressos para uma *kermesse* organizada em benefício do clube (*PIC-NIC*, 8/03/1906). Daudt (1952) caracteriza os *pic-nics* como um costume entre os “brasileiros de cabelos loiros e olhos azuis”<sup>26</sup>. O autor (1952) os descreve como passeios campestres, em locais aprazíveis, fora do tumulto da cidade, em beira-rios, em florestas ou no campo. As *kermesses* são caracterizadas como festas oriundas de costumes europeus, principalmente da ‘Bavaria’<sup>27</sup>, geralmente aproveitadas para fins filantrópicos (DAUDT, 1952).

Outra representação brasileira adotada pela associação de remo foi a escolha do nome do *gig* em homenagem ao navio da Marinha Brasileira, Aquidaban. Seu naufrágio aconteceu um ano após a fundação da associação e noticiado pelo *A Federação* (DESASTRE..., 03/02/1906). O *gig* foi construído pelos integrantes da sua guarnição, com o objetivo de ser o barco de treinamento (HOFMEISTER, 1979). Os remadores demonstraram conhecimento com relação ao funcionamento e arquitetura dos barcos de competição no remo, experiência adquirida quando esportistas do *Ruder Verein Germania*. A construção do barco evidencia a falta de recursos financeiros para tanto, assim como a pressa na organização do clube, não podiam esperar a chegada de um *gig* encomendado do exterior, como fizeram as outras associações.

Em razão disso, o clube instalou-se inicialmente em um pequeno chalé, o que propiciou a construção do barco, segundo o modelo dos *gigs* alemães. Este clube localizou-se na Rua Voluntários da Pátria, em um galpão cedido por um dos fundadores, Henrique Huber. Este galpão servia para guardar, provisoriamente, o material náutico e servir de vestiário. O *Club* de Regatas Almirante Barroso foi considerada a primeira associação popular de remo em Porto Alegre, já que as outras associações eram consideradas aristocratas (RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO, 1919; HOFMEISTER, 1979)

---

<sup>26</sup> Expressão utilizada por Daudt (1952) para se referir aos teuto-brasileiros.

<sup>27</sup> Bavaria, em Latim; Baviera, na língua portuguesa; *Bayern*, em alemão, é um dos estados livres da Alemanha.

Os idealizadores da associação compunham a guarnição que conquistou o primeiro *Wanderpreiss*, no mesmo ano da fundação. Esta vitória foi registrada na primeira foto à esquerda na imagem sete. Na foto, o troféu está no centro, mais próximo do timoneiro, comandante da tripulação, posições mais usuais em fotografias de guarnições campeãs. Possivelmente, em razão de os timoneiros serem considerados os principais responsáveis pelas conquistas das guarnições. Este troféu ainda não foi conquistado nesta disputa, pois para consegui-lo, eram necessárias mais duas vitórias, fato ocorrido mais tarde.

As guarnições que conquistaram os três prêmios e oportunizaram à associação, ser a primeira a levar o troféu para a sede do *Club* de Regatas Almirante Barroso, era, basicamente, composta pelos irmãos Panitz. Estes irmãos eram uma constante nas guarnições principais, assim como o timoneiro, variando, apenas, um dos remadores. Assim, pode-se dar o crédito desta conquista a este grupo: Walter Panitz, Bertholdo Panitz, Osmundo Panitz e o timoneiro F. C. Gerlach.

A imagem sete retrata o quadro que traz a representação das seis vitórias que o clube conquistou nos primeiros vinte anos de fundação<sup>28</sup>. Esta competição chamava-se *Wanderpreiss* até 1910 e Campeonato do Estado a partir de 1915, mas a alcunha *Wanderpreiss* continuou popularmente. Além de descrever o prêmio e seu histórico, o quadro reproduz todas as guarnições vencedoras, com suas imagens e descrições. Este quadro localiza-se, atualmente, exposto na parede da secretaria do *Club* de Regatas Almirante Barroso. O quadro e sua localização não só representa o valor simbólico desta disputa no imaginário coletivo das associações de remo, mas também a conquista do objetivo inicial do clube, fundar uma associação que superasse as já existentes. Ao mesmo tempo em que cristaliza a memória da associação.

---

<sup>28</sup> Nos anos de 1905, 1906, 1908, 1910, 1921, 1924.



**Imagem 7 - Quadro dos *Wanderpreiss* do Club de Regatas Almirante Barroso (ACERVO DO CLUB DE REGATAS ALMIRANTE BARROSO)**

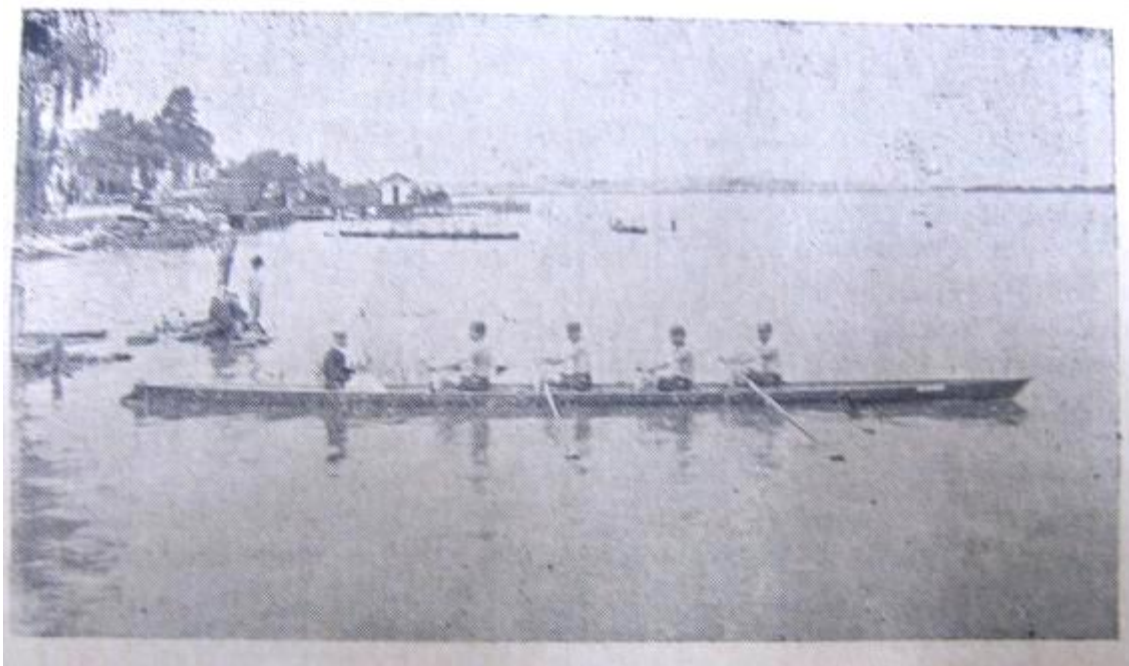
A foto do primeiro *Wanderpreiss* conquistado está localizada no canto esquerdo superior da imagem sete. A guarnição está vestida com o uniforme da época, proposto pelo instrutor Henrique Huber: boné azul com tiras brancas, calção azul marinho, meias compridas pretas e sapatos de lona, camisa decotada com mangas curtas, listas azuis e brancas. O emblema da associação está estrategicamente localizado no lado esquerdo do peito, onde, simbolicamente, fica o coração. Os signos no emblema apresentam dois remos atravessados, uma âncora e as iniciais: C. R. A. B – *Club* de Regatas Almirante Barroso. Esta composição do emblema era semelhante ao do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré. Os fundadores das associações utilizaram a âncora e a ressignificaram como um símbolo de segurança para os esportistas, que se sentiam excluídos do cenário do remo, diferente do grupo dominante nas associações com representações identitárias teuto-brasileiras.

A imagem sete também permite ressaltar a estrutura corporal dos remadores - como é possível visualizar nas pernas de Osmundo Panitz, sentado do lado direito, na foto da guarnição campeã de 1905. As pernas deste remador possuíam grande

volume muscular, visualmente contrária ao padrão de beleza da época. Esta mudança corporal proporcionada pela prática do remo pode ter auxiliado em uma mudança na estética corpórea considerada ideal, na época. Um conceito que envolvia o remo era “a sua compreensão enquanto uma atividade física intensa, quando os exercícios eram muitas vezes considerados prejudiciais à saúde e de menor valor perante as atividades intelectuais” (MELO, 2006, p. 5). Os trajes usados pelos remadores também eram considerados demasiados abertos, pois deixavam partes do corpo mais à mostra, como pernas e braços.

O campeonato volta a ser conquistado pelo *Club* de Regatas Almirante Barroso em 1910, com o *gig* Amazonas e uma nova guarnição: João Ibanez, Guilherme Weidlich, Walter Teichmann, Henrique Volkmann e no timão, Henrique Huber, que passa de remador a timoneiro. O *Club* de Regatas Almirante Barroso e Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré se revezaram nas conquistas desta competição, até o ano de 1924, desbancando as pioneiras associações com predominância teuto-brasileira. Assim, conquistaram o que almejavam, transformaram o cenário identitário, no qual, o remo estava vinculado. Para tanto, viram nas competições, uma atmosfera propícia para lutas de representações.

No ano de 1905 e 1906, tripulação dos irmãos Panitz e o timoneiro Gerlach, a bordo do *gig* Aquidaban - imagem oito -, sagrou-se campeã, com o remador Henrique Huber, completando a guarnição. No ano de 1908, Henrique Huber foi substituído por Christiano Matte Filho. Com esta vitória o *Club* de Regatas Almirante Barroso conquista definitivamente o troféu que está no centro do quadro. Assim, se consolida como a melhor associação de remo de Porto Alegre, com apenas quatro anos de participação no campeonato, o perdendo apenas em 1907, para o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré.



**Imagem 8 - Barco Aquidaban, *Wanderpreiss* de 1905 (GIG..., 2/12/1905)**

A imagem oito permite ver os arredores do Guaíba, onde aconteceu a regata *Wanderpreiss* de 1905, próximo às sedes da maioria das associações de remo, na Rua Voluntários da Pátria. Com poucas casas próximas ao lago e alguns trapiches que propiciavam o acesso dos barcos para a prática. Segundo informação na legenda da fotografia no jornal (GIG..., 2/12/1905), esta foto foi tirada logo após a finalização da competição, então o *gig* ao fundo era a guarnição de outra associação que competiu. Em uma pedra, próxima ao Aquidaban, nota-se que há dois jovens espectadores, que admiravam a prática, e aumentavam o desejo de participação, porém, neste período não permitiam a participação de meninos, chamados de guris no Rio Grande do Sul.

As denominações dos barcos do Club de Regatas Almirante Barroso também seguiam uma tradição, suas denominações estavam ligadas a nomes que representavam uma cultural brasileira, como o Aquidaban e o Riachuelo, nomes de barcos da Marinha Brasileira, assim como o Amazonas, também denominação de um estado brasileiro. Desta maneira, os *Club* de Regatas Almirante Barroso representava em seus barcos a sua ligação com o órgão náutico do governo, defensor do Brasil nos mares.

O remo era impregnado com ideias de competição, disputa e combate, ligadas ao padrão de virilidade masculina, criando, assim, um imaginário coletivo em torno do esporte, distante da construção cultural da feminilidade. Conforme as

mudanças corporais que tal prática proporcionava para seus praticantes, as mulheres eram mantidas à distância da prática esportiva. Inicialmente, para elas os espaços permitidos, onde poderiam ser vistas, eram as arquibancadas.

Goellner (2007) afirma que os discursos se acomodam no corpo e os generificam, assim os corpos fazem-se femininos e masculinos na cultura. Essas representações, apesar de serem sempre transitórias, marcam a pele, os gestos, os músculos, a sensibilidade e a movimentação. Estas marcas produzem efeitos e são reclamadas para justificar a inserção, adesão e permanência de homens e mulheres em diferentes práticas corporais e esportivas. Os conceitos que revestiam o remo pareceram restringir a prática ao gênero masculino e, no mesmo movimento, inviabilizavam a prática feminina. Até o início do século XX, as mulheres definiam seu espaço no cenário, por meio da sua presença marcante nas arquibancadas e nos barcos a vapor onde estavam os espectadores das regatas.

Um segundo conceito estava relacionado ao pudor da prática: os remadores usavam pouca quantidade de roupa, o que já ocasionava críticas. Para as mulheres porto-alegrenses, estes trajes de banho eram considerados sumários e, assim, desvirtuados da cultura da época, que pregava que quanto mais a pele era mostrada, mais estava ligada a um erotismo latente. Se para os homens o remo já não era indicado como prática esportiva, pois os torna fortes e com a musculatura desenvolvida, “o que era pouco usual em uma época onde se valorizavam os tipos físicos magros e fracos” (MELO, 2006, p. 5), para as mulheres era totalmente contra indicado, acusado de que transfiguraria o corpo feminino, masculinizando-o.

Apesar deste tema não estar entre os objetivos deste estudo não podemos fechar nossos olhos para estes dados, pelo fato do *Club de Regatas Almirante Barroso* iniciar novos movimentos no cenário esportivo do remo em Porto Alegre, entre eles a prática feminina. Além de ser a primeira associação de remo a reunir representações culturais teuto-brasileiras, luso-brasileiras e brasileiras e, assim, a transformá-la na associação de remo com identidade cultural luso-teuto-brasileira (HOFEMEISTER, 1979) e também ser considerada a primeira associação popular de remo (RIO GRANDE DO SUL *SPORTIVO*, 1919). Esta associação também foi a primeira a permitir a prática do esporte por mulheres<sup>29</sup>.

---

<sup>29</sup> Cabe ressaltar que ficou o desejo de mais informações sobre tal fenômeno, porém foram poucos os indícios encontrados, assim como fontes que os fornecessem.



De acordo com Licht (1986) em dois de fevereiro de 1907, foi realizada uma regata interna no *Club de Regatas Almirante Barroso*, em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes, quando foi disputado o primeiro páreo de remo feminino na cidade. Este evento não foi noticiado pelos jornais da época, apesar de notícias sobre o remo estar evidência no período. Isto revela a obscuridade que era imposta à prática feminina no remo. Provavelmente, as guarnições que participaram desta disputa eram compostas pelas remadoras que estão na imagem a seguir.

Segundo o acervo fotográfico do *Club de Regatas Almirante Barroso*, na imagem nove, da direita para a esquerda, está as remadoras: Verena Panitz, Ela Panitz, Cordélia Panitz, Irma Panitz e a timoneira, senhora Huber. Pelos sobrenomes, todas as esportistas possuem vínculo familiar com os principais fundadores e grandes remadores da associação, o que, pode ter facilitado a prática para elas, pois viviam em meio à cultura da prática do remo. Ao fundo da imagem é possível ver a sede do clube, inaugurada em 1908, que, segundo o jornal *Correio do Povo* (CLUB..., 04/07/1908) foi “construída no littoral do Caminho Novo, fronteiro a Rua 7 de abril”, como se pode ver, beirava o local onde o esporte era praticado, o Guaíba.

Ao olhar o cenário do remo percebe-se que este esporte oportunizou para elas saírem dos espaços privados. No início da instauração das associações na cidade, elas estavam relegadas à participações acessórias. No *Ruder Club* Porto Alegre destacaram-se em auxiliar financeiramente a compra dos primeiros barcos, bem como ceder seu nome para o batismo destes, como mencionado anteriormente. Nas demais associações, amadrinhar os barcos e embelezar as arquibancadas durante as regatas eram as suas atribuições (SILVA; PEREIRA; MAZO, 2010). Desta forma, as associações de remo eram utilizadas como pretexto para que pudessem abranger espaços para além das suas casas, acompanhando o contexto da época, que com “o desenvolvimento do comércio, dos lazeres, do conjunto de equipamentos urbanos que as chama cada vez mais a transpor a soleira da porta” (SCHPUN, 1999, p. 76).



**Imagem 9 - Guarnição feminina, em 1907 (ACERVO DO CLUB DE REGATAS ALMIRANTE BARROSO, 1907)**



**Imagem 10 - Guarnição feminina, em 1907 (ACERVO DO CLUB DE REGATAS ALMIRANTE BARROSO, 1907)**

As mulheres avançaram no espaço social masculino do remo. Em Porto Alegre, com o *Club* de Regatas Almirante Barroso, elas viam e eram vistas. A crescente exposição da imagem feminina fomentou a representação delas como embelezadoras do círculo esportivo. Como espectadoras e/ou praticantes das atividades atléticas, passa a ser modificado o imaginário coletivo de que os discursos normativos dirigidos às mulheres são os da manutenção da beleza (SCHPUN, 1999, p. 26).

A essência feminina, neste período, era ligada à esbelteza e à delicadeza; mas, anos mais tarde, deu-se o início de um novo discurso, onde a saúde, vinculada ao esporte, torna-se sinônimo de uma nova beleza feminina. A exposição pública dos corpos obriga uma reorganização nas relações sociais e dos sistemas simbólicos. Desta forma, num cenário predominantemente masculino, as mulheres preenchiavam espaços não destacados e longe dos holofotes, mas estavam presentes no meio esportivo, com pinceladas de delicadeza, bons modos e beleza. Mais uma vez o *Club* de Regatas Almirante Barroso auxilia na transformação da sociedade porto-alegrense, ao permitir que elas estejam à frente dos holofotes, no papel principal, apesar de a participação ter sido em uma regata interna e os jornais não noticiarem, o registro fotográfico foi feito, possibilitando que a História as traga para um lugar visível.

Essa representação diferenciada do *Club* de Regatas Almirante Barroso em relação a outras associações, possivelmente surge do fato desta ter uma forte presença teuto-brasileira entre seus associados e fundadores, tanto que os sobrenomes das remadoras são de origem alemã. As primeiras associações esportivas alemãs, fundadas em Porto Alegre, tinham como uma de suas principais representações, a participação das mulheres em atividades esportivas, como na ginástica alemã, no bolão e no tiro ao alvo. A partir delas, as mulheres teuto-brasileiras foram sendo instigadas a ocupar o cenário esportivo no estado sul-riograndense. As mulheres iniciaram a sua participação, aproximadamente, vinte anos após a sua instauração na cidade.

Logo, a obscuridade do papel feminino em relação ao masculino, tornou-se mais fluída devido à cultura imigrada com as famílias alemãs e incorporada à cultura local. A participação das mulheres nas práticas corporais ocorria como forma de exercer a sua cultura e diferenciação de outros grupos étnicos, em associações esportivas com identidades culturais teuto-brasileiras. O *Club* de Regatas Almirante

Barroso incorporou essa representação teuto-brasileira à sua identidade cultural, não apenas por fazer parte da memória cultural de alguns de seus fundadores, mas, principalmente, por diferenciá-los ainda mais das associações já existentes. Portanto, essa associação veio para implantar a inovação. Entre estas inovações incorporadas, estava a de oportunizar aos jovens a prática do esporte, a exemplo da próxima associação fundada em Porto Alegre.

## 5 CONFLITOS IDENTITÁRIOS DAS ASSOCIAÇÕES DE REMADORES

Neste capítulo são abordados os conflitos identitários entre as associações de remadores. O primeiro subcapítulo trata das fundações de duas associações de remo que fazem insurgir novas representações identitárias no remo. Já no segundo subcapítulo é examinado o surgimento da Liga Náutica Rio-Grandense, como um marco de paz para um conflito identitário.

Durante a primeira década do século XX, surgiu um grande número de associações esportivas. Neste período, a construção de identidades culturais, utilizando as associações esportivas como estratégia de perpetuação, atualização e divulgação da memória cultural dos diversos grupos de imigrantes, na cidade de Porto Alegre, se expandiu para além do cenário esportivo do remo.

A ginástica alemã, conjuntamente, o tiro ao alvo e o bolão, eram práticas que geravam representações teuto-brasileiras, em oposição, ascendiam no turfe, representações luso-brasileiras. Estas práticas foram utilizadas, anteriormente ao remo, e juntamente com ele, para situar os indivíduos teuto-brasileiros e luso-brasileiros na cidade de Porto Alegre, até o início do século XX. Nas próximas décadas, surgem novas práticas, a partir disso, há uma emergência do associativismo esportivo na cidade (MAZO, 2003), proporcionada por grupos teuto-brasileiros; luso-brasileiros e ítalo-brasileiros. Desta forma, novas representações de identidades, assim como novos esportes começavam a fazer parte da realidade porto-alegrense, além de novos divertimentos.

Nestas primeiras décadas do século XX, Porto Alegre começa a notar sinais de progresso e a cidade se moderniza rapidamente, com a extensão de redes de energia elétrica e serviços de água e esgotos. Simbolizando a semelhança da capital sul-rio-grandense aos maiores centros urbanos mundiais, outras melhorias aparecem na cidade, como cafés, bondes elétricos, cinemas e automóveis. De acordo com Monteiro (1995), este ideário de modernidade fazia parte das utopias da burguesia em ascensão nos países industrializados, promovendo, ainda, a instituição de novos valores e de uma nova noção de sociabilidade urbana. As atividades públicas de lazer ganham papel fundamental na construção dessa nova forma de organização urbana, como mensageiras do anúncio de um suposto 'novo mundo' (MELO, 2006).

As mudanças de comportamento da população fazem surgir novos hábitos, como a necessidade de socialização através de associações e de práticas esportivas. “O ciclismo, as corridas de cavalo e as touradas eram os esportes preferidos dos 76 mil habitantes” (JÁ EDITORES, 1998, p. 224). Juntamente com o ciclismo, o turfe e o remo, as touradas eram consideradas manifestações esportivas (MAZO; GOELLNER, 2010).

O futebol, a natação e o tênis, eram os esportes de destaque na imprensa local. Mas os que possuíam mais proeminência nos jornais eram, principalmente, o turfe, o ciclismo e o remo. Os três esportes, quase que diariamente, eram propagados jornalisticamente. Aos poucos, o futebol foi adquirindo espaço.

Durante a década de 1900, foram fundadas oito associações que tinham como objetivo principal a promoção desta prática (MAZO, 2010). O futebol ao mesmo tempo era exercitado na cidade por alguns grupos, dentro de associações já existentes. A *Turnerbund* foi uma das primeiras a inserir a prática, iniciada em 1908. Esta associação foi pioneira na introdução e ascensão de outras práticas esportivas, a esgrima em 1899, o bolão em 1901, o punhobol em 1911, o atletismo em 1913, e o tênis em 1914 (MAZO; GOELLNER, 2010).

As oito associações futebolísticas pertenciam a distintas identidades culturais. Entre elas, destacavam-se: a Associação Cristã de Moços – ACM -, fundada em 1901, por Frank Long, um anglo-brasileiro; a *Fuss Ball-Club* e o Grêmio *Foot Ball* Porto-Alegrense, ambas fundadas em 1903, por teuto-brasileiros que participavam das associações de ciclismo; o Sport Club Internacional, em 1909, com mais de 40 fundadores, com diversas identidades culturais; e o Centro Esportivo Operário, fundado em 1909, por Archimedes Fortini (MAZO, 2010), associado do *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi* e com identidade cultural ítalo-brasileira. Muitos fundadores de associações de futebol também faziam parte de associações ciclísticas, fundadas no fim do século XIX, mas com a prática bastante desenvolvida no início do século XX.

O ciclismo era um esporte destacado na imprensa e bastante praticado na cidade. Até a primeira década do século XX, havia duas associações esportivas dedicadas ao *bicycletismo* (ciclismo), a União Velocipédica de Amadores, com sua instauração em 1895, por luso-brasileiros e teuto-brasileiros; e a *Radfahrer Verein Blitz*, em 1896 – Sociedade Ciclística *Blitz* -, com fundadores teuto-brasileiros e, na sua maioria, associados do *Ruder Verein Germania* (MAZO, 2010). Diante destes

dados, possivelmente, esta última foi idealizada na busca de uma associação ciclística com representações teuto-brasileiras.

O jornal *Gazetinha*, durante quatro dias seguidos, publicou textos que tratavam do assunto, explicavam e incentivavam a prática, assim como os benefícios para a saúde (BICYCLETISMO, 29/06/1898; BICYCLETISMO, 06/07/1898; BICYCLETISMO, 13/07/1898; BICYCLETISMO, 20/07/1898). A partir disso, é possível identificar que a preocupação em adquirir hábitos saudáveis, relacionados com a prática esportiva, começava a ganhar espaços no imaginário coletivo.

Assim, os esportes adquiriram espaços cada vez maiores na sociedade. Para tanto, a imprensa possuiu papel efetivo, uma das estratégias mais empregadas para a expansão das práticas esportivas. Eram por meio dos discursos, expostos nas notas de jornais, que os adoradores dos esportes divulgavam suas idéias e construíam representações no imaginário coletivo porto-alegrense. Estas representações relacionavam a prática esportiva com medidas de higiene, associadas aos processos de modernização que aconteciam nas maiores cidades mundiais, assim como os processos civilizadores. “As práticas esportivas eram consideradas como medidas de higiene destinadas a combater o ócio e os hábitos mundanos da juventude” (SCHPUN, 1999, p. 34).

No álbum comemorativo aos 20 anos do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, há dois textos que configuram bem a crença da eficácia dos esportes náuticos para o bem estar dos indivíduos que o praticam, classificado como saúde física e moral. Um dos textos faz a relação da tuberculose com os esportes náuticos. A tuberculose foi uma doença endêmica nas classes pobres, no século XIX e início do XX, que causava grande preocupação na população (A TUBERCULOSE, 27/01/1903). Enfatizar a prevenção dessa doença, através da prática de esportes, era um argumento forte para atrair novos participantes.

Para ressaltar os benefícios da prática, Castello (1923, p. 88) refere que as remadas desenvolvem “as nossas forças, activa a respiração e a circulação, desenvolve o volume dos pulmões e do peito, aumenta nosso vigor e a nossa resistência”. Inclusive, registra as transformações dos “adolescentes anêmicos, lymphaticos, rachiticos” (CASTELLO, 1923, p. 88) para rapazes saudáveis, através da prática esportiva, utilizando-se de metáforas exageradas para enfatizar a mudança proporcionada pelo exercício intenso.

Envolvidos por esses discursos, bem como pela necessidade de ambientes, onde fossem aceitos, dois grupos de indivíduos idealizaram novas associações de remo, em Porto Alegre, no fim da década de 1900. Estes grupos não se encaixavam nos quesitos, simbólicos ou não, de inserção nas associações. Entre estes quesitos estava a faixa etária, as associações não aceitavam sócios menores de idade. Outro quesito que afastava alguns sócios era o das fronteiras identitárias levantadas porque não havia na cidade uma associação com representações identitárias ítalo-brasileiras. Este grupo de imigrantes se via limitado quanto à participação no cenário do remo.

### 5.1 INSURGEM OUTRAS IDENTIDADES CULTURAIS NO REMO

Este subcapítulo versa sobre o surgimento de duas associações de remo com identidades culturais reformuladas, ainda na primeira década do século XX. Com isso se desenrola o processo de recomposição de identidades culturais no remo, com a criação de uma associação idealizada por jovens teuto-brasileiros e outra instaurada por ítalo-brasileiros.

As representações teuto-brasileiras são revitalizadas com a fundação do *Ruder Verein Freundschaft* - Sociedade de Regatas Amizade -, fundado em 1906 por jovens teuto-brasileiros. Esta associação é considerada a primeira dedicada à prática do remo juvenil, “os fundadores foram seis alunos do *Hilfsverein* - atual Colégio Farroupilha -, com idade entre 10 e 15 anos” (MAZO, 2003 p. 82). Assim, na sua associação, estes seis jovens reproduziam o imaginário adquirido na sua comunidade e na sua escola, ambas com costumes e práticas trazidas da Alemanha, logo, com representações identitárias teuto-brasileiras.

De acordo com Kreutz (2005), havia em Porto Alegre escolas teuto-brasileiras desde a chegada dos imigrantes alemães ao Brasil. Neste período, os imigrantes alemães organizaram as escolas, mas foi a partir de 1900 que criaram toda uma estrutura de apoio para as mesmas. Flores (1998) afirma que os teuto-brasileiros possuíam o sentimento de prover escolaridade para os filhos.

Nas escolas, o alemão era o idioma oficial, apesar de ter entre as disciplinas a língua portuguesa, a partir do terceiro ano de estudo (KREUTZ, 2005). Nestas escolas, depois das aulas, os alunos eram estimulados a cantar hinos patrióticos alemães, como o *Deustschland, Deustchland, über alles, über alles in der Welt!* –



Alemanha, Alemanha acima de tudo que há no mundo -, procedimento que insuflou protestos.

Em uma manifestação, publicada pelo *O Independente* (PERIGO..., 4/5/1902), critica-se essa prática, encarando-a como uma estratégia de não permitir a adequação à nova pátria de grande parte da mocidade de origem alemã, mas nascidos no Brasil. O autor alega que a intenção é de influir aos jovens “de que acima da poderosa Alemanha não há nada nesse mundo” (PERIGO..., 4/5/1902, p. 3), e de ridicularizar usos e costumes brasileiros, pois após as canções alemãs, era cantada a cantiga popular, Boi Barroso – música popular, originária do nordeste (PERIGO..., 4/5/1902).

Mas, segundo Flores (1998), esta era uma maneira de amenizar os efeitos do rompimento com a pátria de origem. Os imigrantes alemães traziam, incluídas na bagagem, canções disponíveis para qualquer hora do dia e em todos os momentos da vida. Era como tentavam ordenar os sentimentos da alma. Esta bagagem cultural os ajudava a superar as inúmeras dificuldades dos primeiros tempos, capacitando para estabelecer algum elo entre a pátria que deixaram e a terra que seria o novo lar. Isso fazia parte da rotina dos teuto-brasileiros, na família, na igreja e na vida social das comunidades. Falava-se quase exclusivamente a língua alemã, portanto, as canções também eram em alemão. Os ambientes escolares mantinham a memória cultural, que tinha como característica a formação moral. Em conformidade com Assmann (1995), sentido e compartilhado coletivamente, o conhecimento é um pré-requisito da transmissão da herança cultural, institucionalizada, de uma sociedade. Este conhecimento era transmitido na escola, no lar e em ambientes de socialização, como as associações.

A memória cultural alemã era revigorada ao ser reproduzida para os descendentes de imigrantes alemães. Ao mesmo tempo em que o amor à pátria de origem e a nacionalidade eram reafirmados e perpetuados nos momentos que a memória cultural era cultuada. A nacionalidade determinava-se a partir da tradição cultural, dos valores e peculiaridades étnicas. Um imigrante poderia ser cidadão brasileiro e ao mesmo tempo ser de nacionalidade estrangeira, através de sua origem cultural (OLIVEIRA, 1990; SEYFERTH, 1994; RAMBO, 1994). A língua era considerada o elemento definidor central da tradição cultural (KREUTZ, 2005).

Os estudantes/fundadores estavam imersos nesta realidade. Viviam a dualidade de ter a nacionalidade alemã e a cidadania brasileira. Os seis meninos

reproduziram, no seu sonhado clube, as representações culturais que determinavam a suas identidades culturais teuto-brasileiras, originárias da sua memória cultural. Em razão de ter sido fundado por jovens estudantes, ficou conhecido como o “Clube de Guris” (HOFMEISTER, 1996, p. 11), atual Grêmio Náutico União.

No primeiro estatuto da associação – redigido em alemão e traduzido para a língua portuguesa - está determinado o seu intuito:

o *Ruder Verein Freundschaft*, fundado em 1º de Abril, tem a finalidade a prática, o incentivo e a cultura de todos os desportos, principalmente os náuticos e aquáticos, e o desenvolvimento do civismo entre todos os associados (LICHT, 2005)<sup>30</sup>.

A associação demonstra a intenção de zelar a contribuição para o progresso da sua ‘nova pátria’, ao destacar em seu primeiro estatuto o estímulo ao desenvolvimento do civismo entre os associados. No entanto, como estatuto foi escrito em alemão - possivelmente, em um caderno pautado do *Hilfsverein Schule*, como aconteceu na ata de fundação – fica evidente a cidadania brasileira mergulhada na cultura alemã. Este registro que demonstra a característica teuto-brasileira, manifestada nestes jovens fundadores, de repassar para a geração nascida no Brasil, de se reconhecerem como cidadãos brasileiros e, ao mesmo tempo, manter a nacionalidade e a memória cultural alemã.

Diferentemente do que o manifesto, no jornal *O Independente* (PERIGO..., 4/5/1902) pregava, as escolas mantinham a memória cultural alemã, orientavam sobre os direitos civis e o cumprimento dos deveres para com a nação brasileira. Os teuto-brasileiros acreditavam que os valores morais estariam vinculados com a manutenção da língua alemã (KREUTZ, 2005). De forma que o acesso e a transmissão de conhecimentos do passado são controlados por uma necessidade de identidade (ASSMANN, 1995). As representações culturais serviam para que se identificassem e se diferenciavam em solo estrangeiro, afastando o sentimento de solidão. Estas estão entre as principais razões pelas quais fundavam associações.

Entre os seis fundadores, Carlo Simão Arnt foi o principal idealizador da associação de remo. Ele morava na parte superior de um dos dois prédios da

---

<sup>30</sup> LICHT, H. **Ruderverein Freundschaft – Grêmio Náutico União**: Jubileu de Prata 1º de abril de 1906 – 1º de abril de 1931. Acervo do Grêmio Náutico União, 2005.

Fábrica de Móveis Kappel, Arnt e Companhia, fundada em 1867, de propriedade de seu pai. Situava-se na Rua Voluntários da Pátria, beirando o Guaíba e próxima aos clubes de remo teuto-brasileiros, o *Ruder Club Porto Alegre*, o *Ruder Verein Germania* e o *Club de Regatas Almirante Barroso*, que possuía alguns associados teuto-brasileiros. O local, onde ocorreu a primeira reunião de fundação, foi o jardim da fábrica, onde havia uma mesa e dois bancos (ARNT, 1956).

Segundo o depoimento de Carlo Simão Arnt, escrito em 3 de março de 1956, foi a proximidade com o Guaíba que inspirou a ideia da fundação de uma associação de remo. Além da falta de receptividade dos clubes já existentes, nos quais não era permitida a associação de menores de idade, o principal fundador afirma: “não tivemos outra solução a não ser fundar um clube de regatas de guris” (ARNT, 1956). O apelido ‘Clube de Guris’ permaneceu até 1917, quando a associação foi batizada com o nome de Grêmio Náutico União.

Junto com Carlos Arnt, foram considerados fundadores: Arnaldo e Emílio Bercht, Arno e Thiago Deppermann e Hugo Berta. Um mês depois, se associaram os irmãos Fuhrmeister, Albano Enck, Hermano Spalding, Oderich, entre outros (RUDER..., 1906). Os jovens teuto-brasileiros eram estimulados por seus familiares a manterem as práticas herdadas de seus antepassados de origem alemã. Como o remo foi uma prática esportiva inserida em Porto Alegre por teuto-brasileiros, a instauração do clube foi bastante apoiada pelos familiares de Carlos Arnt e dos demais fundadores, tanto que o primeiro barco teve parte de seu valor emprestado pelo seu pai, que mandou adaptar a embarcação para “dois remadores e um timoneiro, com o respectivo leme puxado por uma cordinha e braçadeiras de ferro com toleteiras<sup>31</sup> e dois remos” (ARNT, 1956). A primeira embarcação, não tinha, “como era de prever, as propriedades de uma embarcação de regatas, era um simples e grosseiro caíque de 2 remos” (DAUDT, 1952, p. 125). Além do pai de Carlos Arnt, a irmã de Arnaldo e Emílio Bercht, deu o seu apoio à associação cedendo o seu nome para a denominação desta primeira embarcação. Semelhantemente ao *Ruder Club Porto Alegre*, os barcos do *Ruder Verein Freundschaft* receberam os nomes de suas madrinhas (LICHT, 2005). Tradição mantida até os dias de hoje.

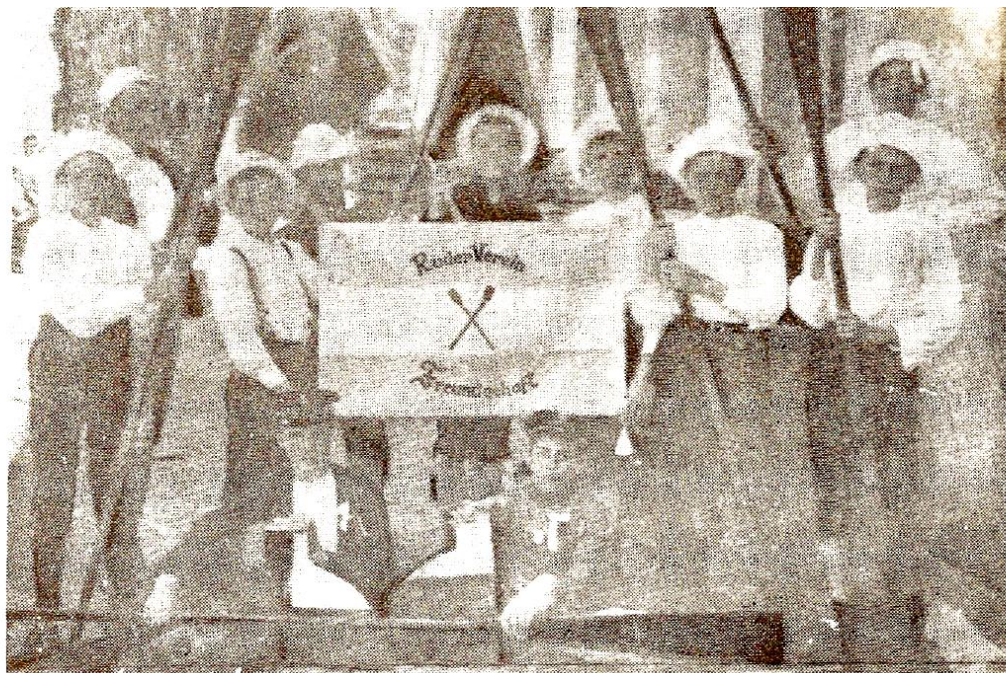
---

<sup>31</sup> Pequena elevação na borda dos barcos onde se introduzem os toletes, que são cavilhas de ferro ou de madeira colocada verticalmente na borda do barco para nela jogar o remo por meio de corda.

Na aquisição da segunda embarcação do *Ruder Verein Freundschaft*, novamente, o pai de Carlos Arnt, o Major Edmundo Arnt, proporcionou seu apoio. Ele forneceu a madeira e as ferragens para que os associados construíssem outro barco, o Adélia. Com a construção deste segundo barco foi possível realizar a primeira regata interna, em 12 de outubro de 1906.

Na imagem 11 estão posicionados os integrantes da associação, em uma foto tirada após a primeira regata interna. Esta foi a primeira regata juvenil documentada no Brasil. A frente da bandeira do *Ruder Verein Freundschaft*, sentados no chão, segurando lemes, simbolizando o seu ofício no esporte, e com um remo sobre as pernas, representando o esporte, estão os timoneiros das duas embarcações, Carlos Arnt e Hermano Spalding. Os remadores aparecem em pé, empunhando os remos. Seus uniformes são um paletó escuro e quepe de cor preta com âncora dourada como emblema (LICHT, 2005). Mais uma vez a âncora se faz presente, representando a ligação do remo como um esporte náutico e segurança para os que estão à deriva.

Na lapela dos timoneiros estão as medalhas, representadas por moedas da República do Brasil com valor de 100 réis. Com moedas douradas e prateadas, onde fizeram um pequeno orifício com argola metálica para prender uma fita branca, esmerilharam as faces do escudo e do valor e gravaram: na prateada, I Pr. – primeiro prêmio -; e na dourada, II Pr. – segundo prêmio (LICHT, 2005), premiaram os competidores. Portanto, a prateada estava no peito de Carlos Arnt, timoneiro da guarnição campeã; e a dourada, em Hermano Spalding.



**Imagem 11 - Fundadores do *Ruder Verein Freundschaft* (ACERVO DO GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO, 1906)**

Em pé estão os remadores, os irmãos Arnaldo e Emílio Bercht, Hugo Berta, os irmãos Arno e Hugo Deppermann, João Rodolfo Purper, os irmãos Fuhrmeister e Albano Enck (RUDER..., 1906), empunhando os remos. Para se diferenciarem dos timoneiros usam camisas brancas com mangas compridas, gorros brancos, calças escuras, meias pretas justas até abaixo dos joelhos, provavelmente para as barras das calças não prenderem no barco durante o movimento e atrapalhar o desempenho. Nos pés usam borzeguins (LICHT, 2005), calçados resistentes, com cano médio e cadarços, muito utilizados na época.

A bandeira, representação da associação, ao centro, em destaque, e os esportistas ao seu redor. A disposição simboliza a centralização dos interesses de todos, o *Ruder Verein Freundschaft*. A bandeira possui três faixas horizontais, em azul celeste nas pontas e o branco no meio, na faixa central estão dois remos cruzados e em torno deles o nome da associação, *Ruder Verein Freundschaft*, bordados em dourado. O dourado também é usado no cordão que arremata a bainha da bandeira (LICHT, 2005). Esta cor, possivelmente, foi escolhida pelo fato de estar associada à riqueza, fortuna, desejada para a associação pelas confeccionadoras do pavilhão, as teuto-brasileiras: Martha Bercht, Hertha Sattler, Frida Brutschke, entre outras.

Já a primeira regata externa aconteceu somente em 1907, entre esta associação e os “Filhotes do Barroso”, no mesmo ano em que este novo grupo de jovens remadores foi fundado (ARNT, 1956). Segundo Licht (1986), este grupo juvenil foi fundado em junho de 1907, no interior do *Club* de Regatas Almirante Barroso. Na disputa o *Ruder Verein Freundschaft* se saiu melhor, acontecimento que desencadeou a migração dos Filhotes do Barroso para o clube vencedor, onde foram bem aceitos e se identificaram como jovens fundadores do grupo Filhotes do Barroso<sup>32</sup> e também terem origem teuto-brasileira (ARNT, 1956). Esta condição, provavelmente, facilitou a sua entrada no clube juvenil teuto-brasileiro.

As identidades culturais das associações de remo em Porto Alegre eram construídas a partir do sentimento de pertencimento a uma comunidade e reconhecimento de si nos seus compatriotas. Na sua maioria, este sentimento era representado pela revitalização da memória cultural do país de origem dos imigrantes que habitavam Porto Alegre. Inspirados por esse sentimento, os teuto-brasileiros iniciaram a instauração do remo, a partir da primeira associação na cidade. Seguidos pelos luso-brasileiros, que também se serviram das associações de remo para constituir um espaço, com representações identitárias luso-brasileiras, no cenário esportivo porto-alegrense. Porém, havia na cidade um grande grupo de imigrantes e seus descendentes, que não se enquadravam nas representações de identidades culturais de nenhuma das associações existentes, os ítalo-brasileiros.

Como os outros imigrantes, este grupo, na época, já se valia do associativismo para manter a sua memória cultural de origem, a chamada *Italianità* – ser italiano (MAZO; FROSI, 2008). Era nas suas associações que realizavam atividades comuns, voltadas às identidades culturais italianas. Trento (2000) diz que a vida cotidiana dos operários e artesãos italianos no Brasil era, no entanto, caracterizada também por uma notável convivência associativa, que ia para além das questões estritamente ligadas ao trabalho, eram o eixo das suas relações sociais, estas iam das associações de socorro mútuo, às recreativas e esportivas.

Em 1908, ingressam no cenário do remo e o modificam com a fundação do *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi*<sup>33</sup> - Clube Italiano de Remo Duque de Abruzzi -, incorporando uma associação de remo entre as associações ítalo-

---

<sup>32</sup>Reinaldo Steigleder, Egon e Lucerio Schreiner.

<sup>33</sup> “*Canottieri Duca degli Abruzzi*, também chamado de *Club Italiano Duca degli Abruzzi*” (FRANCO; SILVA; SCHIDROWITZ, 1940, p. 644)

brasileiras. O próprio nome da associação apresenta representações as quais o clube seria identificado, as dos ítalo-brasileiros que constituíam a maioria de seus fundadores<sup>34</sup> (HOFMEISTER, 1979). A escolha da denominação da associação foi em homenagem ao vice-almirante italiano, Luigi Amedeo Giuseppe Maria Ferdinando Francesco di Savoia Aosta, que era conhecido por Ducca degli Abruzzi. Tornou-se famoso na Itália, na mesma época da fundação da associação, por suas explorações no Pólo Norte (MAZO; FROSI, 2008).

Esta associação não teve a sua fundação noticiada pelos jornais *A Federação* e *O Independente*. Possivelmente, por conta da sua representação identitária ítalo-brasileira, diferente das luso-brasileiras, às quais os jornais pertenciam, e, talvez, pelo fato dos teuto-brasileiros já apontarem presenças políticas significativas. Esta obscuridade jornalística pode ter sido intencional de seus fundadores, para a notícia só ser disseminada nas comunidades ítalo-brasileiras, com a intenção de selecionar sócios.

A associação visava: “a criar, manter e promover entre os sócios os exercícios higiênicos do remo e da natação” (ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL, processo nº 3692). O agrupamento da comunidade italiana, em torno de uma associação voltada para os esportes náuticos, trouxe implicitamente o significado de se fazer representar no espaço social porto-alegrense, em um esporte que já fazia parte da rotina da sociedade. As regatas eram eventos de grande porte e atraíam um numeroso público, bem como as associações possuíam elevada quantidade de associados.

Para garantir a aproximação com as identidades culturais ítalo-brasileiras, a associação manteve a comunicação interna no idioma italiano, assim como na documentação (MAZO; FROSI, 2008). Estratégia também utilizada para, no espaço social porto-alegrense, formar e preservar as culturas italianas. Como nos aponta Constantino (2002), a imigração italiana para Porto Alegre, não originou de apenas uma região da Itália, era esparsa e proveniente de diversas regiões, portanto, se apropriava de diversas representações italianas para formar a identidade cultural

---

<sup>34</sup> Os considerados fundadores da associação: Adelghi Colnaghi, Alexandre Picciai, Alfredo Carraro, Amadeu Faraco, Angelijo V. La Porta, Antonio Sattarin, Attilio Baron, Attilio Benetti, Attilio Demeneghi, Cezar Antonello, Ciro Amabile, Constantino Zezzeti, Emilio Locareli, Ercole Denadio, Eugenio Sirangelo, Fernando Trussardi, Francisco Pelais, Guido Mondin, Humberto Guaspari, Jacob Ruscinho, João Barone, João Berutti, João B. Giavannone, João Lourando, João Rubattino, José Bassi, José Giorgi, José Mofetto, Luiz Orofino, Luiz Vitale, Miguel Ruscinho, Miguel Zambrano, Pasqual Leonardo Truda, Pascal Sirangelo, Paulo Selmo, Pedro Provenzano, Raphael Guaspari, Romeu Trussardi e Salvador Sirangelo (DAUDT, 1952).

íalo-brasileira. Grande parte dos imigrantes italianos entrou no Rio Grande do Sul, com o objetivo de ocupação para garantir os limites territoriais do país, disputados pelo Brasil com seus países vizinhos. Conforme Costa (1997, p. 105), em Porto Alegre, os ítalo-brasileiros povoaram áreas da zona sul, que chamavam de *Villanova d'Itália*, “as terras do futuro bairro Vila Nova”.

Entre os fundadores estavam alguns dos remadores que constituíram as duas primeiras guarnições da associação, identificados na imagem 12.

Na fila de cima, da esquerda para a direita, estão Francisco Pelais, os timoneiros Angelino La Porta e Ciro Amábile, e Felipe D'Amore. No centro, na mesma ordem, Antonio Saltarim, Miguel Zambrano, José D'Amore, Bernardo D'Amore e Atilio Bonetti. Na fila de baixo, na mesma ordem, Salvador Sirangelo, João Lemando e Carlos Zambrano (FORTINI, 1959, p. 51).

Na descrição de Fortini (1959) são identificados 12 esportistas, enquanto na imagem 11, estão apenas 11. Ao associar esta informação à de Hofmeister (1979), pode-se afirmar que todos os citados por Fortini (1959) eram esportistas do *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi*, mas, na imagem 11, falta um remador, pois os dois timoneiros se encontram no centro da fila de cima. Os timoneiros possuíam diferentes uniformes, um com cores escuras e o outro com cores claras. Os remadores das duas guarnições usavam o mesmo uniforme, vestiam camisetas largas de mangas curtas, bermudas em cor clara e, na cabeça, boinas. O emblema, representante da associação, no centro da camiseta, era um leme - também chamado de timão - com dois remos cruzados, representações das funções de cada membro da embarcação.





**Imagem 12 – Guarnições do *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi* (FORTINI, 1959)**

O emblema das associações de remo são seus distintivos identificadores, as representam, e diferenciam de outras associações. Para entender a significação de um emblema, necessita-se interpretá-lo. O emblema do *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi*, mostra como os ítalo-brasileiros, seus fundadores, representavam-se. O leme dá a direção para o barco, também chamado de timão, faz alusão ao timoneiro, participante da embarcação responsável pelo seu comando e direcionamento durante a prática. Além de dirigir o barco, incentiva os remadores e faz as chamadas táticas durante a corrida. Assim, ele é quem dita o ritmo, a partir da sua administração dos remadores. Por ser o núcleo da guarnição, normalmente nas fotografias, está localizado no centro, entre os remadores. Os dois remos do emblema figuram os remadores, o esporte praticado pelos esportistas e a sua função.

Segundo o jornal *A Federação* (REGATAS, 14/05/1911), as cores da associação eram as mesmas da bandeira da Itália: verde, branca e vermelha. Esta representação faz da associação, um pedaço distante do país, mas que mantém o vínculo e o pertencimento à terra de origem. Ao mesmo tempo em que os identifica,

os unifica e os situa como italianos na sua segunda pátria, o Brasil. De acordo com Constantino (2005), os membros das sociedades passavam a representar a Itália unificada, ao mesmo tempo em que buscavam intensamente a inserção na “nova pátria”.

No mesmo ano da fundação do *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi*, aconteceu a instauração da Federação Rio-Grandense de Remo, na qual este clube, fez parte desde o princípio. Anteriormente, a entidade responsável pela organização das competições entre associações de remo era o Comitê de Regatas. Até que em 1908, ocorre a modificação na denominação da entidade para Federação Rio-Grandense de Remo (HOFMEISTER, 1979). Esta entidade promoveu competições até 1911.

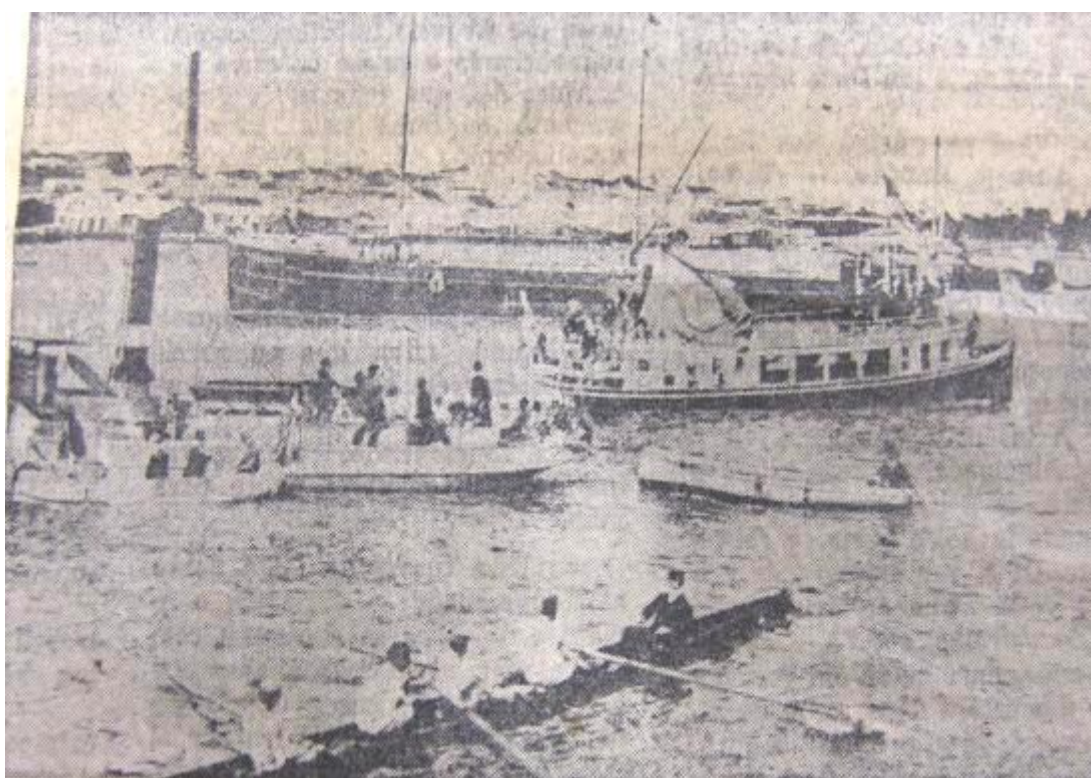
## 5.2 A LIGA DA PAZ: LIGA NÁUTICA RIO-GRANDENSE

Em 1911, aconteceu a fundação de uma nova entidade federativa de remo, a Liga Náutica Rio-Grandense. Esta instauração ocorreu para trazer a paz entre as associações de remo, que não mais competiam entre si em razão de um conflito identitário na competição mais cobiçada do ano.

Até 1908, o Comitê de Regatas era órgão maior do remo no Rio Grande do Sul. Por consequência das representações de identidades culturais, construída pelas suas associações fundadoras - o *Ruder Club Porto Alegre* e o *Ruder Verein Germania* -, esta associação auxiliava na sustentação de uma representação do remo como prática teuto-brasileira. Esta representação identitária, que envolvia o remo, abalou-se com a inserção de associações, com outras representações de identidades culturais, o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, *Club de Regatas Almirante Barroso* e o *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi*.

No entanto, a associação dos clubes de remo mantinha a identidade cultural teuto-brasileira de quando foi fundada. Com a intenção de modificar definitivamente esta identificação, os últimos três clubes associados iniciaram um movimento de modificação da sua denominação, passando a chamar-se Federação Rio-Grandense de Remo. Em razão disso, houve alterações de representações identitárias. Esta entidade promoveu disputas entre as associações de remo até 1911, quando ocorreu o fenômeno que oportunizou a instituição da Liga Náutica Rio-Grandense.

Em 1910, a Federação Rio-Grandense de Remo oportunizou, para as associações, diversas regatas no lago que beira a orla porto-alegrense, o Guaíba. A cidade era pano de fundo dos espetáculos que se tornaram as regatas, a partir do fim do século XIX, como se pode ver na imagem 13. Esta mesma imagem mostra a cidade de Porto Alegre, banhada pelo Guaíba, em dia de regatas. No fundo, está a igreja da Nossa Senhora das Dores – a mais antiga de Porto Alegre -, recém reconstruída em 1904 e a Praça da Harmonia, à direita, com suas árvores escurecendo a imagem (FRANCO, 1988; FORTINI, 1953). À frente, está um *gig* posicionado com seus quatro remadores, vestidos de forma idêntica e o timoneiro de terno, preparados para uma regata ocorrida em 1910. Junto ao barco dos esportistas, estão os vapores enfeitados que carregavam os espectadores e, à esquerda, em embarcações menores, os juízes da regata, vestindo ternos e chapéus, bem próximos do *gig*, para melhor acompanhamento de toda a disputa.



**Imagem 13 - *Wanderpreiss* de 1910 (FORTINI, 1953)**

A regata anual que mobilizava grande número de espectadores era o campeonato mais importante do remo. Esta disputa, o *Wanderpreiss*, se manteve de 1898 até 1910, quando passou a se chamar, oficialmente, de Campeonato do Estado, por conta das modificações de representações, efetuadas em razão da

reformulação da entidade federativa das associações de remo. Este campeonato, organizado pela Federação Rio-Grandense de Remo, ocorreu em 1910 e 1911, neste último, ocorreu um conflito de representações identitárias, conhecido como Conflito do Trapiche Preto.

O Campeonato do Estado de 1911 foi divulgado pelo jornal *A Federação* (REGATAS, 12/05/1911), por meio de um convite para esta segunda regata organizada pela Federação Rio-Grandense de Remo. Nesta publicação está descrito todo o cronograma da competição, os clubes participantes, as cores que os identificam e o local de chegada, assim como os juizes de saída, de percurso e de chegada. Cabe destacar que, para cada posição dos juizes, eram escalados três indivíduos, cada um deles era representante de diferentes associações de remo. Apenas entre os juizes de percurso havia dois teuto-brasileiros e um luso-brasileiro, não havendo um representante ítalo-brasileiro, possivelmente, por haver falta de pessoa competente e por esta atribuição, das três, ser a menos decisiva. Esta escalação mostra a acirrada disputa entre as identidades culturais, pois dividiram o julgamento e tentaram prevenir-se de qualquer possível fraude por preferência identitária. Apesar deste cuidado, o resultado da competição não ficou livre de desconfianças e protestos.

O local destes protestos foi na chegada da competição, na sede da Federação Rio-Grandense de Remo, situada na Rua Voluntários da Pátria, próxima dos clubes e do Trapiche Preto. O Trapiche Preto foi construído inicialmente para proteger a incursão de água para a cidade. E desde o início das associações de remo, as imediações deste local eram escolhidas para a prática do esporte, onde os espectadores se posicionavam para assistir às regatas. Este Trapiche foi remodelado em 1908, quando mudou de cor, mas continuou a ser chamado de Trapiche Preto (SANHUDO, 1979).

As cores também identificavam e diferenciavam as associações: o *Ruder-Verein Germania*, com o uniforme branco e encarnado; o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, de azul marinho e branco; *Club de Regatas Almirante Barroso*, listrado de azul e branco; Grêmio Náutico Rio-Grandense, com as cores creme, verde e encarnado – da cidade de Rio Grande -; e o *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi* de verde, branco e encarnado (REGATAS, 12/05/1911). O *Ruder Club Porto Alegre* não participou da competição.

As cores escolhidas pelos clubes são representações utilizadas estrategicamente para diferenciá-los. O *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi* competia, diferenciava-se e afirmava a sua representação identitária ítalo-brasileira com as cores da bandeira da Itália no uniforme. Esta associação distanciava-se dos conflitos identitários acirrados de suas confreres de cenário esportivo, as associações dos luso-brasileiros e dos teuto-brasileiros.

O referido conflito teve conseqüências que duraram alguns anos e que reforçaram a rivalidade entre os praticantes, membros e torcedores das associações. Este acontecimento é conhecido como o Conflito do Trapiche Preto, ocorrido em 15 de maio de 1911 na raia dos Navegantes (HOFFMEISTER, 1979, p. 76). O jornal *A Federação* se manifestou sobre o acontecimento: “foi pena que o brilhante *meeting*<sup>35</sup> náutico houvesse terminado com lamentável incidente, abalando em sua constituição íntima a útil Federação” (REGATAS, 16/05/1911, p. 2).

Este conflito ocorreu em decorrência de uma acirrada competição, na prova de quatro remos com timoneiro, do Campeonato do Estado. Onde a dianteira era comandada pela guarnição do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré e seguida pela guarnição do *Ruder Verein Germania*, representantes de luso-brasileiros e teuto-brasileiros, respectivamente. De acordo com *A Federação*, o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré e o *Ruder Verein Germania* eram os dois clubes que haviam levantado no ânimo dos espectadores, “uma formidável expectativa, tal o equilíbrio das suas forças, tal a confiança que depositavam nas suas adstras guarnições” (REGATAS, 16/05/1911, p. 2). A vitória era certa para ambas as torcidas, que não aceitariam outro resultado.

Concorreram os *gigs*: *Tijuca*, da associação com representações de identidades culturais luso-brasileiras e o *Brunhilde*<sup>36</sup>, da associação com representações identitárias teuto-brasileiras. A guarnição do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré chega à frente, seguida, logo após, pela do *Ruder Verein Germania*, porém a equipe do primeiro fora desclassificada por delito de raia.

Ao perceber que o primeiro lugar foi concedido para a sociedade teuto-brasileira, a torcida tamandarista, no momento em que os juizes hasteavam o pavilhão da associação rival, não admitiam a ausência da bandeira de seu clube no mastro da vitória e ainda menos a dos adversários no lugar. “Os tamandaristas, não

---

<sup>35</sup> Traduzido para a língua portuguesa como encontro, reunião.

<sup>36</sup> Nome em homenagem à personagem da mitologia nórdica.

se conformando, pediram para ser retirado o referido pavilhão, não sendo atendidos, como era de esperar” (REGATAS, 16/05/1911, p. 2), o que causou imensa revolta nos torcedores. Segundo Chartier (1994, p. 9) “o emprego legítimo da força faz com que os enfrentamentos sociais, baseados nas confrontações diretas, cedam cada vez mais lugar a lutas que têm por armas e por objetos, as representações”. Assim, o foco dos torcedores/soldados era ferir a principal representação da associação adversária, a sua bandeira.

Na época era comum fretarem vapores para o público acompanhar as regatas, “o magestoso *Guahyba* estava literalmente qualhado de embarcações de toda a espécie” (REGATAS, 16/05/1911, p. 2). Uma das embarcações levava torcedores do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, brada em voz altissonante: “Bandeira do *Germania* abaixo”. Ao abordarem o barco de torcedores no trapiche, a sede da Federação Rio-Grandense de Remo, onde se achavam os juízes, autoridades e convidados, transformou-se numa verdadeira guerra, onde os torcedores eram soldados defendendo a sua nação, representada pela identidade cultural do seu clube. Os torcedores/soldados arriam a bandeira adversária, rasgando-a e passando os pedaços de mão em mão, como troféus.

O conflito se generaliza quando os torcedores do *Ruder Verein Germania* enfrentam a torcida adversária, reagindo à agressão à sua bandeira, símbolo dos clubes. Para Durkheim, citado por Oliven (1992, p. 14), “o soldado que cai defendendo sua bandeira certamente não crê ter-se sacrificado por um pedaço de pano, mas sim pelo país, representado pela bandeira”. Os clubes não representavam apenas um local de lazer e de prática esportiva, mas um pedaço da pátria onde as representações culturais eram reforçadas e reafirmadas perante as demais. Os ânimos dos torcedores/soldados só serenam quando os juízes conseguem explicar os motivos da desclassificação da guarnição do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré.

Posteriormente, a associação dos luso-brasileiros comparece com uma comissão à sede dos teuto-brasileiros com uma bandeira recomposta e com um pedido de desculpas, com o objetivo de reconstituir a paz (HOFMEISTER, 1979). A reconstrução da bandeira, pelos luso-brasileiros, carrega um capital simbólico de reconstrução das relações. O ato não evitou a crise e a Federação foi dissolvida, criando um marasmo esportivo, quando as sociedades participavam apenas de competições internas, trazendo um isolamento.

Até que em outubro de 1911, quando Carlos S. Arnt, presidente do *Ruder Verein Freundschaft*, que não era filiado à entidade regional do remo, convidou os clubes de remo para uma regata de estafetas. Durante esta festividade, os clubes decidiram reunir-se em uma nova associação, a Liga Náutica Rio-Grandense.

Quinze dias mais tarde, houve uma reunião no mesmo local dos conflitos, na sede da Federação Rio-Grandense de Remo. Estavam presentes representantes das diversas associações de remo existentes em Porto Alegre, inclusive do *Ruder Verein Freundschaft*, que não fazia parte da Federação, por ainda ter a representação de ser um “Clube de Guris”. A sua inserção, entre as grandes associações de remo, foi conquistada pela iniciativa de proporcionar a regata da paz, na qual surgiu a idéia da organização da Liga. A instauração da Liga Náutica Rio-Grandense foi apenas simbólica, pois as competições entre as associações retornaram apenas três anos depois.

Nem mesmo a inauguração de uma nova federação fez com que o momento crítico se desfizesse, aumentando a rixa entre as identidades, mas sem conflitos, nem competições entre elas. Desta forma, as disputas identitárias saíram do cenário das regatas, durante este período. Fenômeno que abalou a concorrência entre as associações, pois as competições eram uma maneira de manter relações de forças simbólicas das representações culturais.

De acordo com Castello (1923), a crise manteve-se até fins de 1914, quando a Liga Náutica Rio-Grandense conseguiu efetuar a primeira demonstração externa das associações locais, retomando as competições, rixas e confrontos apenas em nível esportivo e através da participação em competições conceituadas. A Liga Náutica Rio-Grandense dirigiu a sua primeira competição oficial do Estado em 1915.

Faziam parte da associação os cinco clubes de remo porto-alegrense e como sócios correspondentes estavam os clubes do interior: Club de Regatas Rio Grande, Grêmio Náutico Almirante Barroso – ambas da cidade de Rio Grande – e o Club de Natação e Regatas Pelotense - de Pelotas. Até que em 1917, outro conflito gera uma nova associação luso-brasileira, em Porto Alegre, e faz o quadro de associados da Liga Náutica Rio-Grandense aumentar. No mesmo ano de inauguração da nova associação, há a modificação identitária das associações de remo teuto-brasileiras, por conta de uma imposição de representações de identidades culturais brasileiras.

## 6 VARIAÇÕES IDENTITÁRIAS NAS ASSOCIAÇÕES DE REMO

As recomposições identitárias advindas do associativismo esportivo do remo são referidas neste capítulo, que está dividido em duas partes: na primeira é analisada a fundação do *Club* de Regatas Vasco da Gama e, na segunda, as imposições para modificações das representações identitárias nas associações teuto-brasileiras e as estratégias de resistência que estas exerceram.

Estas modificações refletiam uma tendência mundial, inclusive na realidade brasileira, a busca por definições identitárias para os países, durante um período em que as fronteiras estavam sendo violadas, quando houve um exacerbamento nacionalista provocado pela Primeira Guerra Mundial – 1914 a 1918 (THIESSE, 2000). Assim, houve a necessidade de construção de símbolos e convenções que representassem a cultura brasileira. As associações esportivas serviram como um dos mecanismos do nacionalismo que contribuíram para a construção desta identidade, em Porto Alegre.

A construção de representações identitárias brasileiras fez com que outras identidades culturais fossem ocultadas. Visto que os habitantes da cidade eram, em maior parte, imigrantes europeus e seus descendentes, e uma relevante porcentagem deles, de origem alemã, que mantinham a sua memória cultural. Deste modo, disseminavam a sua cultura por este componente do território nacional, por meio de associações, entre elas, as esportivas. Transformar as representações identitárias das associações esportivas, como as de remo, de teuto-brasileiras para brasileiras, foi uma estratégia do governo de desenvolver no imaginário coletivo a entrada do Brasil na guerra, contra a Alemanha. A continuidade da memória histórica de um país é base da formulação de uma identidade.

As representações brasileiras estão intimamente ligadas às representações de identidades culturais luso-brasileiras, pelo fato de o Brasil ter sido colônia de Portugal e assim absorvido, de forma considerável, a sua cultura. Assim sendo, por muitas vezes, fundiram-se representações culturais brasileiras e luso-brasileiras. As representações identitárias luso-brasileiras eram bem aceitas no cenário social brasileiro durante a Primeira Guerra Mundial.



Outras associações de teuto-brasileiros, além das que promoviam a prática do remo, também sofreram pressões para se nacionalizarem. As associações de tiro ao alvo, instauradas pelos teuto-brasileiros, eram vistas com desconfiança quanto a sua verdadeira função. As de ginástica alemã, por ser considerada uma prática que representava a afirmação da memória cultural alemã, sofreram grande pressão para se nacionalizarem.

As iniciativas para a construção de uma identidade cultural brasileira se desencadearam no fim do século XIX, logo após, no início do século XX, como o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré. Foi durante o período da Primeira Guerra Mundial, que surgiram manifestações mais intensas neste sentido, mas a nacionalização das associações esportivas, no Brasil, atingiu seu ápice em meio ao Estado Novo – 1937 a 1945 (MAZO, 2003).

O Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré era o elemento representativo que mais se aproximava da identidade cultural brasileira, no cenário esportivo de remo porto-alegrense. Logo, em um período em que o sentimento nacionalista era exacerbado no Brasil, esta associação procurava reforçar ainda mais como brasileira, apesar de ter em seu quadro de sócios, elementos de que adotavam outras identidades culturais, como os portugueses que mantinham a sua identidade da terra natal. No interior do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré foi semeada a ideia de uma associação com identidade distante das existentes, que construísse representações regionais, ao mesmo tempo em que não desvinculasse seus fundadores da sua terra de origem. Assim edificou-se um clube de remo luso-sul-riograndense.

## 6.1 A FUNDAÇÃO DE UM CLUBE LUSO-SUL-RIO-GRANDENSE

Em meio a diversas representações de identidades culturais no cenário do remo porto-alegrense, surge, no fim da segunda década do século XX, um clube que unificar representações identitárias portuguesas e sul-riograndenses. E desta forma identificar seus membros como imigrantes portugueses e seus descendentes que adotaram o Rio Grande do Sul como seu novo lar. Para tanto, fundaram o *Club* de Regatas Vasco da Gama.

Os imigrantes portugueses estão presentes em Porto Alegre desde o início da sua colonização. Foram utilizados como estratégia brasileira para que o país não

perdesse suas terras do Rio Grande do Sul para os países vizinhos, que as cobiçavam e seriam tomadas, se não estivessem povoadas. A colonização de Porto Alegre iniciou-se no século XVIII, quando chegaram à cidade os primeiros casais açorianos. Com introdução desta comunidade, a cidade obteve, em sua instauração, uma preponderância identitária luso-brasileira.

O Arquipélago dos Açores é uma região autônoma de Portugal, formada por nove ilhas, situada no Atlântico Norte, a cerca de 800 milhas do Continente português (SALVI, 1997). Nesta época de início da colonização porto-alegrense, vários aspectos da cultura, já em desaparecimento em Portugal, continuavam vivos nas Ilhas dos Açores, deste modo, seus imigrantes vieram reforçar tradições lusas, recebidas do resto do Brasil quando da conquista do sul (MARQUES, 1997).

A partir disso, começava a ser atualizada uma memória cultural portuguesa, perpetuada por meio de representações, como imagens, símbolos, mitos, lendas, festas, receitas, danças, tradições e sonhos. Estas representações foram buscadas e ressignificadas por esses luso-sul-rio-grandenses, fundadores de associações. Esses imigrantes tiveram de dividir o espaço porto-alegrense com outras identidades culturais, devido à grande demanda de imigrantes de outras origens europeias, durante o século XIX. Porém a imigração portuguesa repetiu-se em outros momentos históricos, revitalizando a predominância luso-brasileira em território sul-rio-grandense.

Segundo Fiss (2001), os luso-brasileiros, para amenizar a saudade de seu país de origem e manter viva a sua memória cultural, reuniam-se em torno de diferentes formas de associações. Estas associações também eram utilizadas para repassar representações da sua cultura para seus descendentes, tanto os nascidos em Portugal quanto os nascidos no Brasil. Esta afirmação evidencia que havia grupos de luso-brasileiros que procuravam manter representações portuguesas e procuravam perpetuá-la, através de seus descendentes. Contudo, estes imigrantes também necessitavam expressar o sentimento de que faziam parte do lugar que os recebeu como habitantes. Logo, assumiram representações que os identificassem como parte da região que estes se estabeleceram, o Rio Grande do Sul.

Estes grupos se distinguiam dos outros ao se considerarem mais luso do que brasileiros e brasileiros por serem sul-rio-grandenses. Diferentemente dos grupos de fundadores do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, estes eram exemplo de

indivíduos luso-brasileiros que se identificavam como mais brasileiros que os demais grupos; e do *Club de Regatas Almirante Barroso*, os quais se integravam solidariamente com outros imigrantes, e admitiam representações luso-brasileiras e teuto-brasileiras.

Para além de Porto Alegre, o próprio Brasil foi colonizado por imigrantes portugueses. Por ser colônia de Portugal, representações da cultura portuguesa foram apropriadas, e originaram várias representações da cultura brasileira, o que facilitou a integração de diversos elementos desta colônia em Porto Alegre. Estes elementos reconheciam fragmentos da sua cultura, portanto reconheciam-se como brasileiros, ao mesmo tempo em que assumiam esta identidade cultural, renegando qualquer outra, contrária a esta.

No Brasil, o auge da imigração portuguesa ocorreu entre 1910 e 1919, quando entraram no país 318.481 imigrantes (FISS, 2001). Possivelmente, uma significativa parcela destes imigrantes veio para o Rio Grande do Sul, mais especificamente, Porto Alegre. Um dos indícios desta suspeita é a fundação de uma associação de remo, direcionada a elementos da colônia portuguesa e a sua grande aderência de sócios, no ano de 1917. Esse grande número de portugueses no Estado, e na cidade, colaborou para a construção de representações que constituíssem uma identidade cultural luso-sul-rio-grandense, ao praticarem alguns hábitos e costumes nas suas vivências porto-alegrenses.

No ano de 1917, havia na cidade seis grandes associações dedicadas à prática do remo, associadas à Liga Náutica Rio-Grandense. Todas as associações de remo não determinavam em seus estatutos, restrições à inserção de indivíduos com cultura diferente da assumida por ela. Esta seleção era alegórica, por meio de estratégias simbólicas de legitimação de poder e de definição da sua identidade. A imposição de diferenças significa mais a afirmação da única identidade legítima, a do grupo dominante (CUCHE, 1999).

O Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, durante sua fundação, adotou representações brasileiras. Ao longo da sua existência, seus principais dirigentes, que eram os que tinham autoridade conferida pelo poder do cargo, procuraram perpetuar esta identidade, não permitindo o destaque de elementos que representassem outras identidades culturais. Por essa razão, a sua diretoria era composta por descendentes de luso-brasileiros nascidos no Brasil, que possuíam a cidadania e a nacionalidade brasileira. Isto obrigava a segregação de grupos

minoritários, obrigados, de certa maneira, a ficar no lugar que lhes foi destinado, em função da sua classificação.

Ao final de cada ano, as associações de remo promoviam assembleias eleitorais para definir a sua nova diretoria, para o ano seguinte. Na apresentação de candidaturas para a eleição da diretoria de 1917, do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, ocorrida em dezembro de 1916, um grupo de associados apresentou o esportista Amadeu Abranches, como candidato à presidência.

Amadeu Abranches possuía a nacionalidade portuguesa, representação distinta da qual a associação procurava construir. Portanto, a candidatura foi imediatamente vetada por outro grupo maior, de associados e de dirigentes. Este grupo ainda provocou, afirmando que 'galego não vota e muito menos será presidente' - galego era como, no Brasil, chamavam popularmente os portugueses (LICHT, 2003b<sup>37</sup>). Como "o conjunto das definições de identidade funciona como um sistema de classificação que fixa as respectivas posições de cada grupo" (CUCHE, 1999, p. 186). O grupo com legitimidade de poder, dentro da associação, eram os que se definiam como brasileiros natos, estes definiam os que mantinham a sua nacionalidade portuguesa, como os outros: os que se afastam de uma maneira ou de outra da referência brasileira.

Além da posição contrária à participação de lusos como representantes da associação, ao fazer menção à alcunha 'galego', constrói uma identidade negativa, que se traduz pela estigmatização dos grupos minoritários, este tipo de identificação surge da relação de forças simbólicas entre grupos de contato (CUCHE, 1999). Os envolvidos na questão demonstram um preconceito com os de identidades culturais portuguesas. Com esta reação, uma maioria de associados do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, que se consideravam brasileiros, garantiram a aproximação com a cultura brasileira para a associação. Mantiveram o domínio e permitiram qualquer possibilidade de inclusão de outra representação. A eleição foi vencida, por uma pequena margem de votos, pelo candidato oficial indicado pela diretoria, Armando Pitta Pinheiro (REMO, 28/01/1917), que já exercera o cargo anteriormente nos anos de 1912, 1913 e 1915 (RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO, 1919).

O termo galego, utilizado para chamar os colonos portugueses no Brasil, define os imigrantes que vieram da Galiza. Galiza é uma região, Província, de

---

<sup>37</sup> LICHT, H. **O Clube de Regatas Vasco da Gama**. Material informal, ca.30f., 2003b.

Espanha, onde os principais idiomas são o galego e o espanhol. Culturalmente, há uma similaridade entre os portugueses e os galegos, bem como a origem da língua portuguesa e galega. Galego era uma designação também para as pessoas do norte de Portugal que iam trabalhar para Lisboa. Por essa razão, no Brasil, confundia-se os imigrantes portugueses com os galegos, fato que, para os luso-brasileiros, era uma ofensa, por modificarem a sua identidade cultural. No entanto, os luso-brasileiros não aceitaram a sua inferiorização e não absorveram essa identidade negativa. Ao contrário de tentar eliminar, na medida do possível, sinais exteriores da diferença negativa, ressaltaram a identidade cultural que definiram para si. Ao reforçarem, por meio de representações que a legitimasse, como a fundação de uma associação com representações portuguesas, acompanhadas de representações identitárias sul-rio-grandenses, assim, contribuíram para a construção de uma identidade cultural luso-sul-rio-grandense.

A partir deste conflito de representações culturais, surgiu uma nova associação em Porto Alegre. O grupo, que indicou Amadeu Abranches à diretoria do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré e decidiu fundar uma associação onde os portugueses, que vivem em Porto Alegre, se sentissem pertencentes e se reconhecessem entre si (OS ELEMENTOS..., 20/01/1917). Para garantir o sucesso da ideia, dois dos principais idealizadores da nova associação, Alberto Araújo Campos e Miguel Castro, convidaram José da Costa Dias, o qual possuía grande prestígio e conhecimento como dirigente, treinador e timoneiro do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré (CASTELLO, 1923). Possivelmente, este ato também tinha a intenção de enfraquecer a associação com representações identitárias brasileiras, ao tirar-lhe um dos seus associados que mais contribuía para com a associação. Juntos os três luso-brasileiros acertaram os detalhes da fundação e a denominação.

Os processos de instaurações das associações de remo porto-alegrenses nascem a partir da motivação de construir associações com novas identidades culturais, contrárias às já existentes. Estas relações de força que ligam e opõem, buscavam inserir os indivíduos em estruturas hierarquizadas, sendo este um dos principais objetivos e, possivelmente, o principal estímulo para esta criação. Logo, os conflitos identitários tornaram-se um dos grandes responsáveis pela expansão do esporte na cidade.

Esta reação do grupo luso-sul-rio-grandense rapidamente envolveu a imprensa na divulgação das suas ideias e utilizou-se dos jornais para isso. Os jornais, enquanto suporte, eram – e continuam sendo - fortes veículos construtores de leituras do mundo cotidiano, vistos como os difusores da realidade, constroem o verdadeiro. Tanto que o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, ao final da eleição enviou para os jornais o resultado (REMO, 28/01/1917). Cabe ressaltar que a nova diretoria foi divulgada pela imprensa, 26 dias após a sua realização, depois de uma sequência de notas de divulgação de uma nova associação, originária dos dissidentes do Grêmio. Também baseados neste poder simbólico de construir realidades, que os jornais carregavam, os instauradores da associação expuseram a sua concepção da realidade, que não era a mesma dos associados do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré.

A divulgação inicia com boatos lançados pelo *A Federação* (REMO, 17/01/1917). O jornal lança que obtiveram conhecimento por “fonte segura” de que brevemente seria fundado um clube que cultivaria o *sport* do remo, assim como sua denominação e seus principais idealizadores<sup>38</sup>, ex-integrantes do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré – afirmação recorrente nas notas de divulgação. Ao final da nota, coloca fé de que a associação tenha rápido desenvolvimento, por ter entre seus fundadores *sportmens*, com reconhecida competência no remo, seus principais idealizadores. Além disso, crê que essa associação se consolidará pelo fato de ter “empenhados na fundação do dito club abastados capitalistas desta praça” (REMO, 17/01/1917, p. 2).

O discurso, publicado pelo jornal, revela um conjunto de representações construídas para a associação. Ao dizer que a informação é de fonte segura, dá garantias quanto à veracidade dos fatos. *A Federação* era um jornal luso-brasileiro. Deste modo, a sua capacidade de adquirir essa informação é devido a sua proximidade com os idealizadores da associação, que a revelaram com o intento de divulgá-la e, assim, demonstrar aos integrantes do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, que não ficaram estagnados diante do acontecimento no interior da associação.

Outras representações também foram lançadas, como quando se referencia aos idealizadores como *sportmens*. Termo que os associa intimidade com o cenário

---

<sup>38</sup> José da Costa Dias, Miguel Castro, Amadeu Abranches, Américo Rocha e Joaquim Rocha.

do associativismo esportivo do remo, por ser “uma denominação genérica para todos que se envolviam com o esporte, como competidores, dirigentes ou simplesmente com o público aficionados” (MELO, 2007b, p. 147). Além da representação do clube estar ligado a abastados capitalistas da cidade, construindo o imaginário em torno dos envolvidos com a associação, estes seriam identificados como pessoas de poder aquisitivo elevado, detentoras de poder simbólico frente à sociedade.

Após a ideia ser lançada a público, no dia seguinte à última publicação, ocorreu os primeiros momentos da fundação, quando os seus principais idealizadores fizeram a sua primeira reunião restrita. A residência do ex-candidato à presidência do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, Amadeu Abranches foi o local escolhido. Nesta reunião estavam presentes mais alguns ex-membros da associação brasileira, em um total de 60 pessoas (REMO, 19/01/1917). Nesta prévia assembleia de fundação, foram definidos alguns princípios que a associação assumiria, assim como as primeiras representações de identidade cultural luso-sul-rio-grandense. Provavelmente, reforçou-se, também, a figura histórica portuguesa, representativa da associação, a qual, os seus iniciadores a vincularam ao batizar com o nome de *Club* de Regatas Vasco da Gama.

Vasco da Gama foi um navegador português, que completou o caminho marítimo de Portugal à Índia. Como recompensa foi enobrecido e nomeado almirante do mar da Índia (BOUCHON, 1998). Ao mesmo tempo em que esta representação a assemelhava de sua principal concorrente, o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, pois ambas têm um almirante na sua nomenclatura; as distancia em razão destes almirantes serem representantes de diferentes nações.

Para oficializar a fundação, os idealizadores se utilizaram de convites por escrito para indivíduos específicos, como consta nos arquivos da associação o convite para José Pinto de Campos (ARQUIVO DO CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA, 1917). Pelo nome e sobrenome deste indivíduo, provavelmente, era um representante da colônia portuguesa em Porto Alegre. Auxilia nesta suposição, o fato de ter sido publicado em diversos jornais, um convite nos mesmos termos, direcionado à colônia portuguesa de Porto Alegre. Em 11 de janeiro de 1917, o jornal *Correio do Povo* publica uma nota direcionada à colônia portuguesa e assinado pela comissão, com o seguinte texto:

são convocados todos os cidadãos de nacionalidade portuguesa, residentes nessa capital para uma reunião nos salões do palacete Rocco, domingo, 28 do corrente, até às 2 horas da tarde, afim de tratar-se da fundação do 'Club de Regatas Vasco da Gama (Club..., 11/01/1917, p. 4).

Assim, no mesmo momento em que atraía novos associados, estruturava a sua identidade cultural no espaço social das associações de remo. Com essa nota em um jornal de grande circulação na cidade, os luso-brasileiros demarcaram espacialmente na sociedade, um local onde se reconhecessem, de maneira que isso fosse visto pelas demais comunidades étnicas. Assim, constroem uma representação coletiva, que são “as matrizes práticas que constroem o próprio mundo social” (CHARTIER, 2002b, p. 72).

Desta forma, a associação foi oficialmente fundada em 28 de janeiro de 1917, como consta no primeiro livro ata (*CLUB...*, Abertura Ata 28/01/1917). Este primeiro livro ata, que tinha “o fim especial de arquivar as actas lavradas em sessões de directoria, do Club de Regatas Vasco da Gama” (*CLUB...*, Ata, 30/01/1917), foi aberto no dia 28 de janeiro de 1917, sendo a primeira reunião da diretoria realizada dois dias depois.

Nos dias que se seguiram houve inúmeras reportagens sobre o acontecimento. O jornal *A Federação* (*VASCO...*, 30/01/1917a, p. 7) informou que estavam presentes nesta assembleia “mais de cem cavalheiros, sendo os trabalhos dirigidos pelo Sr. José da Costa Dias, secretariado pelos Srs. José P. de Mattos e José S. Marques”, todos luso-brasileiros. Já o jornal *O Diário* (*VASCO...*, 30/01/1917b) transcreve quase que diretamente os mesmos dados que *A Federação* (*VASCO...*, 30/01/1917a), porém exclama que compareceram na reunião mais de 120 pessoas. Em seguida, cita os mesmos indivíduos como presidindo a assembleia.

O fragmento do discurso jornalístico, publicado por meio de uma nota, demonstra que, havia em Porto Alegre, um grande número de luso-brasileiros, que se viam mais como lusos que adotaram o Rio Grande do Sul como novo domicílio, do que como brasileiros. Pelo fato de, ao invés de inserirem-se em uma das associações de remo já instituídas, decidiram fazer parte da associação que estava destinada ao desenvolvimento de representações de identidades culturais luso-sul-rio-grandenses. A presença de apenas homens na reunião serve como um exemplo



de representação da cultura portuguesa em Porto Alegre. As mulheres, nos cenários esportivos, onde a superioridade de frequentadores era da comunidade luso-brasileira, atuavam apenas como acompanhantes de seus pais ou maridos nas arquibancadas, como espectadoras, como no turfe. Diferentemente dos cenários esportivos teuto-brasileiros, onde elas estavam inseridas tanto nas práticas, como na ginástica.

O local escolhido para esta primeira reunião oficial foi o salão de festas da Confeitaria Rocco. Esta confeitaria foi fundada em 1912. Seu prédio<sup>39</sup> localiza-se no centro de Porto Alegre, mais especificamente, na esquina das ruas Riachuelo e Dr. Flores. O local tornou-se ponto de encontro da sociedade sul-rio-grandense pela qualidade de seus serviços e produtos, pela beleza externa do prédio e pela suntuosidade dos espaços internos, decorados com luxo e requinte. O salão de festas era muito solicitado para a realização de banquetes e bailes aristocráticos, e ali muitas sociedades tiveram seu lugar de nascimento (DOBERSTEIN, 1992).

Neste ambiente formou-se oficialmente a diretoria do *Club* de Regatas Vasco da Gama. Os dirigentes eleitos, em sua maioria, fizeram parte da comissão idealizadora. Cabe destacar que esta associação, já na sua primeira diretoria, denominou os cargos de diretor de regatas e diretor de natação<sup>40</sup> (VASCO..., 30/01/1917a; VASCO..., 30/01/1917b). O cargo de diretor de regatas tinha a atribuição de organizar os campeonatos de remo internos e representar a associação na Liga Náutica Rio-Grandense, juntamente com José da Costa Dias.

Este luso-brasileiro assumiu como secretário adjunto na diretoria, possivelmente, por ser um dos principais idealizadores da associação, além de inserir-se em todas as comissões de instauração (CLUB..., Ata 30/01/1917, p. 1). Este comprometimento demonstra o seu interesse no sucesso da ideia. José da Costa Dias era timoneiro no Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, participou da guarnição vencedora do Campeonato Municipal de 1916. Deste modo, era um esportista de destaque na associação com representações brasileiras. Carregou consigo para a nova associação a sua influência e experiência no meio, pois, em

---

<sup>39</sup> Seu prédio foi tombado pela prefeitura municipal em 1997.

<sup>40</sup> A natação fazia parte das atividades das associações de remo. No início seus remadores a praticavam por questão de segurança, esta foi uma das primeiras atividades do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré. Tanto que, antes mesmo da chegada de seu primeiro barco e da sua primeira regata interna, já convocava seus esportistas para exercícios de natação às 6 horas da manhã, no Guaíba (REGATAS, 2/04/1903). Depois se tornou prática esportiva, dentro dos clubes, com organizações de Campeonatos de Natação.

conformidade com Castello (1923), conhecia a fundo todos os segredos do remo e as suas opiniões eram sempre acatadas com desvelo e atenção.

Em virtude desse conhecimento do cenário do remo, foi quem sugeriu que o material náutico da associação deveria ser encomendado do Rio de Janeiro, com o mesmo fabricante dos barcos do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, Max Yankee (CLUB..., Ata 30/01/1917, p. 1). Inclusive, foi esse mesmo luso-brasileiro, quem também definiu os barcos a serem encomendados por telegrama. Os dois barcos foram inspirados nos recebidos pelas associações: Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré e *Ruder Verein Freundschaft* (CLUB..., Ata 26/02/1917, p. 2).

Na primeira reunião de diretoria também expuseram a necessidade de fundos para a construção e para a instalação da sociedade. Apesar de, na reunião de instauração, os presentes terem doado quatro contos de réis cada um (VASCO..., 30/01/1917a; VASCO..., 30/01/1917b), foi nomeada uma comissão para “no seio da colônia portuguesa, proceder a essa missão angariadora” (CLUB..., Ata 30/01/1917, p. 1). Vê-se que a associação estava objetivada em buscar auxílio em seus patrícios, não permitindo que indivíduos de outras identidades culturais pudessem contribuir para a sua instauração, tal o ressentimento quanto ao preconceito sofrido de seus compartes do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré.

Logo após a fundação oficial do *Club* de Regatas Vasco da Gama, as propostas para sócios foram apresentadas. Na primeira análise foram aceitos 87 novos sócios, na segunda, 35; na terceira, 28, entre eles estava o Cônsul de Portugal no Rio Grande do Sul, Arnaldo Fonseca (CLUB..., Ata 25/05/1917, p. 4). Embora o grande número de sócios, os dirigentes determinaram que a joia só fosse paga após a chegada do material náutico (CLUB..., Ata 26/02/1917, p. 2). Assim, após a entrega dos barcos encomendados do Rio de Janeiro, a associação ascendeu ainda mais, principalmente na questão financeira.

Segundo o livro comemorativo Rio Grande do Sul *Sportivo* (1919), após concretizada a instalação do *Club* de Regatas Vasco Gama, os estatutos abrangeram a matrícula para sócios de todas as nacionalidades. Com isso, alcançaram, no ano de 1919, aproximadamente trezentos remadores, cerca de quinhentos sócios e com uma esquadilha de oito modernas embarcações. Esta exposição de dados, deste livro comemorativo, procura destacar como a fundação do clube movimentou a sociedade porto-alegrense em apenas dois anos. No livro de atas da associação se confirma as informações. Apesar de aceitar sócios de todas

as nacionalidades, para manter a sua identidade cultural luso-sul-rio-grandense mantinha na diretoria, apenas luso-sul-rio-grandenses.

A primeira sede do clube foi em um antigo depósito de lenha, que serviu de garagem náutica provisória. Em 8 de agosto de 1917, a diretoria define os nomes dos quatro barcos que iniciaram a sua flotilha. Dois nomes simbolizam cursos de águas de Porto Alegre, *Guahyba* e *Jacuhy*; e os outros dois são representações de dois dos três maiores rios de Portugal, *Tejo* e *Douro* (CLUB..., Ata 28/08/1917, p. 7). Da mesma forma foi a escolha das denominações dos próximos três barcos adquiridos para a flotilha vascaína: *Minho*, outro grande rio de Portugal; *Taquary* e *Cahy*, rios do Rio Grande do Sul (CLUB..., Ata 24/09/1918, p. 22).

Os barcos representavam as ligações identitárias da associação. As denominações eram baseadas nos rios do Rio Grande do Sul, novo local de moradia e Portugal, pátria de origem. Mesmo o Rio Grande do Sul fazendo parte do território brasileiro, as representações identitárias tinham uma especificidade sul-rio-grandense e não abrangiam representações que poderiam ser identificadas com outras regiões do Brasil. Assim, partiam do regional para ser considerado nacional. Provavelmente, pela intenção dos dirigentes de construir uma identidade cultural sul-rio-grandense e desvincular o *Club* de Regatas Vasco da Gama da sua associação de origem, com identidade cultural brasileira.

Os quatro primeiros barcos foram batizados por madrinhas, já tradicionais no cenário do remo, e padrinhos. Os padrinhos escolhidos eram homens que carregavam um poder simbólico em razão da sua representação política. Os apadrinhadores dos quatro primeiros barcos foram: o representante do presidente do Estado e a senhorita Julieta Vasconcellos de Castro; o Dr. José Montaury de Aguiar Leitão, intendente municipal e a senhorita Laura Rodrigues de Mello; o Capitão J. Ribas de Faria e a madrinha a senhorita Alyra Vinhas e; a senhorita Olga Fossati e o representante Cônsul de Portugal. Esta novidade foi uma estratégia simbólica de, mais uma vez, agregar representações identitárias culturais luso-sul-rio-grandenses, visto que todos os selecionados possuíam sobrenome de origem portuguesa, mas estavam domiciliados no Rio Grande do Sul.

Além de ser figuras ilustres da sociedade porto-alegrense - o que identifica a associação com a elite - são representações de autoridades governamentais, e desenvolvem para a associação uma autoridade legítima. Em conformidade com Cuhe (1999, p. 186) “a autoridade legítima tem o poder simbólico de fazer

reconhecer como fundamental as suas categorias de representação da realidade social e seus próprios princípios de divisão do mundo”.

Apesar do grande número de sócios, e do poder simbólico que alguns deles possuíam, a associação não conseguiu um grande número de vitórias no início da sua instauração. Na imagem 14 está retratada a primeira vitória em três anos da fundação. Na imagem 14 está retratada a primeira vitória em três anos da fundação. A foto foi feita para eternizar a guarnição campeã do páreo Livraria do Globo, de 16 de abril de 1919. Os remadores são Alfredo Lima, J. Batista de Oliveira, João Nunes, Roberto Brandão e o timoneiro José da Costa Dias, que comandou o barco e a associação durante os primeiros anos. O emblema no peito da associação é a Cruz da Ordem de Cristo, que é a mesma usada nas velas das naus no tempo dos descobrimentos (GUIMARÃES, 1935). O navegador que emprestou o nome à denominação do clube utilizava este signo em suas velas. Assim, esta cruz, simbolizada no emblema, desenvolvia a vinculação com navegador português Vasco da Gama.



**Imagem 14 - Guarnição do barco Tejo (ACERVO DO CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA, 1919)**

A fundação do *Club* de Regatas Vasco da Gama cristalizou na sociedade porto-alegrense um espaço onde fossem construídas representações luso-sul-riograndenses, e os caracterizar como portugueses, que mantém viva a ligação com a

sua terra de origem, mas que adotaram o Rio Grande do Sul como seu segundo lar. Entende-se esse recorte social objetivado, “como a tradução do crédito concedido à representação que cada grupo faz de si mesmo, à sua capacidade de fazer com que se reconheça sua existência a partir de uma exibição de unidade (CHARTIER, 2002a, p. 73).

Os indícios relatados indicam que os três clubes de remo fundados pelos luso-brasileiros institucionalizaram uma diversidade de identidades culturais luso-brasileiras, no espaço social da cidade. Seus clubes se revestiam de identidades culturais diferenciadas, o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré se revestiu de identidades culturais brasileiras; o *Club* de Regatas Almirante Barroso agregava representações de identidades culturais teuto-brasileiras, luso-brasileiras e brasileiras; o *Club* de Regatas Vasco da Gama adotou as identidades culturais luso-sul-rio-grandenses. Portanto, provavelmente estas associações buscavam, além da prática esportiva do remo, uma forma de desenvolver fronteiras de identidades entre os diferentes grupos de luso-brasileiros instalados em Porto Alegre, por meio da criação de múltiplas identidades culturais luso-brasileiras. A adoção de representações de identidade cultural brasileira também alcança as associações de remo teuto-brasileiras. Em 1917 estas sofrem um forte abalo nas suas representações de identidades culturais teuto-brasileiras.

## 6.2 UMA IDENTIDADE CULTURAL BRASILEIRA NO REMO

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) as associações de remo que se aproximavam das identidades culturais teuto-brasileiras precisaram assimilar representações identitárias brasileiras. Os acontecimentos mundiais entusiasmaram acontecimentos nacionais, os quais vieram a danificar diversas representações teuto-brasileiras. Para entender como tais modificações de representações identitárias teuto-brasileiras se deram, é preciso ver em quais contextos ocorreram.

Nesta guerra, a Alemanha estava à frente dos ataques e invasões, assumindo a representação de comandante. Era assim que as notícias chegavam a Porto Alegre, pelos jornais locais, que divulgavam diariamente notícias do comportamento do mundo todo, em relação aos confrontos. Foi no ano de 1917 que o Brasil assumiu

uma posição contrária à Alemanha, fato que reproduziu modificações nas relações sociais entre teuto-brasileiros e os demais habitantes do extremo sul do país.

A partir da notícia do rompimento de relações entre o Brasil e a Alemanha, em 11 de abril de 1917, foi noticiado que Borges de Medeiros, então intendente do Estado, recebeu um telegrama oficial do Presidente da República, Wenceslau Braz, - datado em 13 de fevereiro de 1917 -, sobre o bombardeio do vapor brasileiro, Paraná, na costa da Alemanha (BRASIL E ALLEMANHA, 11/04/1917). A condição para a manutenção das relações diplomáticas e comerciais dependia de não ser torpedeado nenhum navio brasileiro.

Assim, após passar por uma averiguação oficial que, se confirmado o episódio, o Brasil poderia romper relações oficiais com o referido país, apesar do desejo de se manter em neutralidade neste conflito. O telegrama ressalva que o aviso a Borges de Medeiros, foi em razão de haver um grande número de representantes da colônia alemã no Rio Grande do Sul, portanto, “entendia como oportuno e indispensável mandar aquelas informações que habilitaria o Dr. Borges a tomar as medidas que a situação viesse exigir” (BRASIL E ALLEMANHA, 11/04/1917). No caso, medidas preventivas de contenção, ou até mesmo reação, a alguma rebelião teuto-brasileira contra esta decisão. Medidas que foram tomadas mais tarde, em âmbito nacional, pois os estados de Santa Catarina e Paraná, também possuíam colonização alemã.

Este primeiro telegrama previa os fatos que se concretizaram em 11 de abril de 1917, quando Borges de Medeiros recebeu um telegrama oficial urgente, que trazia a notícia já esperada: o rompimento das relações diplomáticas e comerciais do Brasil com a Alemanha, devido à confirmação do bombardeio intencional da embarcação brasileira (BRASIL E ALLEMANHA, 11/04/1917). Este acontecimento despertou um sentimento de traição nos que adotavam uma identidade cultural brasileira, pois estes se sentiam parte da esfera nacional. O que era feito para a pátria era feito para eles. Desta forma, reagiram à sua maneira, contra os que representavam a Alemanha em solo porto-alegrense, os teuto-brasileiros domiciliados na cidade.

Em seguida a estas notícias, a associação esportiva teuto-brasileira que primeiro sofreu represálias foi a *Turnerbund*. Cinco dias mais tarde, o mesmo jornal noticiou uma manifestação ameaçadora em frente ao prédio da associação (NO TURNERBUND, 16/04/1917). A *Turnerbund* era a principal associação esportiva e

social da elite teuto-brasileira de Porto Alegre (SILVA, 2005b). Este ocorrido causou receio nas demais associações, inclusive nas de remo: *Ruder Club Porto Alegre*, *Ruder Verein Germania* e *Ruder Verein Freundschaft*.

Tal manifestação começou em razão de um boato disseminado pela cidade, de que os associados teriam rasgado a bandeira brasileira, no interior da associação teuto-brasileira. O tal boato alcançou a Rua Andradas, no centro da capital sul-riograndense, local de grande aglomeração pública, o que fez com que um grupo numeroso de nacionalistas, fosse em direção à sede do *Turnerbund*. Esta associação foi fortemente vaiada, até a chegada do piquete presidencial<sup>41</sup>, a tempo de evitar qualquer atentado (NO TURNERBUND, 16/04/1917). Com a declaração do rompimento de relações entre Brasil e a Alemanha, a visão dos que assumiam uma identidade cultural brasileira ganhou ares de desconfiança para cada ato teuto-brasileiro.

A *Federação* publicou a versão de Aloys Friederichs. Assim como no *Ruder Verein Germania*, Friederichs foi um dos principais dirigentes do *Turnerbund*, “dos primeiros 50 anos de existência do *Turnerbund*, mais de 30 deles tiveram J. Aloys Friederichs como a figura central” (SILVA, 2005, p. 308). Ele era a voz representante da associação, assim como a sua figura estava diretamente ligada à cultural teuto-brasileira que ela representava. Deste modo, Aloys Friederichs foi quem se manifestou em defesa da *Turnerbund* e revelou que neste dia, ao contrário do que pensavam os manifestantes, a associação fez uma manifestação com intenções nacionalistas.

Para tanto, hasteou a bandeira do Brasil, que em seguida foi arriada, por medo de a ação ser mal interpretada pelos brasileiros. Esta má interpretação ocorreu de qualquer forma, mesmo após o raciocínio de alguns sócios na versão de Aloys Friederichs: como a associação era “composta em grande parte de alemães e de seus descendentes, alguns sócios resolveram por medida de precaução e prudência, mandar descer aquela bandeira, não sendo, entretanto, levantada em seu lugar nenhuma outra” (NO TURNERBUND, 16/04/1917, p. 7).

Logo após essa manifestação contrária às representações teuto-brasileiras, outras se seguiram em outros âmbitos. No dia seguinte ao acontecido à associação de ginástica alemã, o mesmo jornal noticiou atentados contra casas alemãs (OS

---

<sup>41</sup> Pequeno corpo de tropa que forma guarda avançada ou pronta para casos de urgência.

ACONTECIMENTOS..., 17/04/1917). O hotel de propriedade de um teuto-brasileiro, o Sr. Schmith, foi incendiado. O proprietário reagiu atirando contra um bonde, com uma espingarda.

O conflito não ficou apenas neste episódio, a multidão que se deslocou até o *Turnerbund*, posteriormente, apedrejaram diversas casas comerciais alemãs - o jornal calculou por volta de 200 - em meio aos gritos de “morra a Alemanha” e “abaixo o Kaizer<sup>42</sup>” (OS ACONTECIMENTOS..., 17/04/1917). Referiam-se ao Imperador Guilherme II, que governou a Alemanha até 1918, quando a guerra chegou ao fim e a Alemanha deixou de ser império.

Possivelmente, estes ataques não se isolaram apenas a Porto Alegre, mas por todo o mundo, assustando os emigrantes alemães, disseminados pelo planeta, sobretudo nos Estados Unidos, que era o principal rival da Alemanha na guerra, como o acontecido com os alemães domiciliados em Nova York. A Suprema Corte de Justiça dos Estados Unidos da América do Norte, divulgou que havia uma grande afluência de pedidos de cidadãos de origem alemã, que desejavam trocar os seus sobrenomes de família (ALLEMÂES..., 17/05/1917). Este medo fez com que os teuto-brasileiros, obscurecessem suas identidades culturais.

A capital dos Estados Unidos da América sondou o comportamento do governo do Rio Grande do Sul, quanto aos teuto-brasileiros que habitam o Estado, com um comunicado do embaixador do Brasil em Washington – capital dos Estados Unidos – devido às suspeitas levantadas, de “supostas dificuldades creadas ao governo pelos allemães residentes nos Estados do Sul do Brasil” (OS ALLEMÂES..., 17/05/1917, p. 7). A resposta dizia que estes indivíduos constituem um elemento pacífico e de nenhuma maneira constituem um perigo para a unidade nacional brasileira.

Tal satisfação deve ter sido dada e divulgada com um propósito: o de manter abertos os portos de ambos os países para relações comerciais, assim como das relações diplomáticas, devido ao grande poder simbólico desse país, bem como o seu poder econômico. Desta forma, havia interesses bem definidos na convivência do governo brasileiro com os Estados Unidos, como noticiou *A Federação*: “sente-se o ânimo muito pan-americanista do governo do Brasil deante da entrada na guerra de

---

<sup>42</sup> Traduzido do idioma alemão para a lingual portuguesa, como: imperador.



uma nação americana; e sente-se assim o animo da sua profunda sympathia pela grande nação amiga que entrou na guerra” (O GOVERNO..., 25/05/1917, p. 2).

Discurso que desvela a inclinação brasileira de apoiar o lado americano durante a guerra, antecipando uma possível inserção do Brasil. Este jornal apoiava o governo e declarava abaixo do título: “Jornal do Partido Republicano”. Este partido era o mesmo do então Presidente da República, enfim seus discursos argumentavam a favor das decisões governamentais. A quantidade de teuto-brasileiros no sul do país, principalmente nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, era um fator preocupante também do governo brasileiro, pois poderia afetar as suas relações com os Estados Unidos.

Assim, o governo brasileiro pedia informações sobre a situação dos teuto-brasileiros no Brasil, como solicitou o Ministério do Exterior ao ministro de Agricultura que determinasse à Repartição de Estatística a organização de uma estatística de toda a população alemã no Brasil. Com resultados de “mais de 32.314 de 1908 a 1915, em 1916 entraram nos portos do país 364 alemães, o que perfaz um total de 124.653” (OS ALLEMÃES..., 7/06/1917, p. 5). As informações serviriam para manter um controle sobre eles e, também, desenvolver estratégias que desvinculassem a representação dos estados do sul do país, como um vir a ser um pedaço da Alemanha no Brasil.

A Federação (UMA LENDA..., 7/07/1917) protagonizou um movimento para a promoção de se mudar essa concepção, chamada pelo periódico de lenda. O jornal afirma que tal ideia estava criando uma atmosfera de que poderia haver a ocupação do Brasil pela Alemanha através deste território, por ser um local onde não haveria protestos. O texto ainda afirmava que até mesmo dirigentes alemães construíram esta representação: insinuavam que esta parte do país deveria passar para o domínio alemão. Este era o conteúdo base dos textos que sugeriam um perigo alemão. Esta representação oportunizara a interpretação de que a qualquer momento os teuto-brasileiros poderiam aderir à guerra a favor da sua pátria de origem, contrários a posição do governo brasileiro, sendo assim uma arma estrangeira no interior do país (O ESTADO..., 27/10/1917). A Federação alegava que tais pensamentos ajudavam a manter o preconceito contra tais indivíduos, crença que se enfatizou no momento que o Brasil aderiu à guerra, apoiando os Estados Unidos da América.

Os discursos fecham o cerco para uma repressão das representações identitárias teuto-brasileiras e procuram desenvolver para os estados do sul do país representações de miscigenação étnica, por meio da qual seria construída uma identidade cultural brasileira. Os textos em torno do assunto afirmam que no sul não há apenas colônias alemãs, mas, também, colônias italianas e polacas, e que “não há, porém, um Estado de alemães, o predomínio do elemento nacional é completo em todo o sul brasileiro, os Estados são brasileiros e o povo é brasileiro” (UMA LENDA..., 7/07/1917, p. 5). Diante deste quadro, é possível verificar que manter representações teuto-brasileiras em solos brasileiros era estar à mercê de exclusões mais intensas, que ultrapassam o simbolismo.

Desta maneira, as associações esportivas teuto-brasileiras se veem obrigadas a mudarem as suas representações teuto-brasileiras, como prova de seu nacionalismo para com a pátria brasileira, e a sua solidariedade ao governo brasileiro. Visto que, se assim não o fizessem, estavam sujeitos a represálias, baseadas na acusação de traição, pelo fato da Alemanha tornar-se inimiga nacional, a partir do momento que o Brasil aderiu à guerra. Por a ideologia nacionalista ser uma ideologia de exclusão das diferenças culturais (CUCHE, 1999), foi por meio de uma campanha nacionalista, que o governo procurou manter o seu domínio e garantir uma representação mundial de unificação em torno de uma identidade cultural brasileira.

Para tanto, os governantes procuraram estratégias de classificação que buscavam a reprodução das relações de dominação, como o projeto apresentado pelo deputado Mello Franco (O BRASIL..., 31/10/1917) com artigos que campeavam a limitação da ação de possíveis espiões de guerra. Porém, este projeto continha artigos que instituíam desconfiança para com as associações teuto-brasileiras e impedia a reprodução de suas representações. Assim, o governo determinou a proibição de publicações de jornais e revistas em língua alemã, com a justificativa de evitar a inserção de notícias ou informações que poderiam prejudicar a segurança pública e a atitude assumida pelo país. Os governos brasileiros construíram para os teuto-brasileiros uma identidade negativa, em razão de conferir uma imposição de identidade única e legítima, a sua como grupo dominante.

As leis contra manifestações teuto-brasileiras também ficaram mais severas, a ponto de alcançar as associações. As associações dos teuto-brasileiros poderiam funcionar, mas com restrições como: a visita de autoridades policiais de dia ou de

noite a qualquer de suas dependências; fazer comunicação às autoridades policiais do dia e a hora qual o fim de qualquer sessão; proibição absoluta de qualquer sessão secreta; o exame em qualquer dia e hora, de seus documentos; além de não ser permitido nenhuma reunião de teuto-brasileiros, ao ar livre (O BRASIL..., 31/10/1917).

Esta última restrição afetara diretamente o cenário do remo. As regatas são práticas que geram representações. Como são ao ar livre e para organizá-las era preciso um grande grupo de indivíduos, as regatas promovidas pelas associações teuto-brasileiras agrupavam grande número de teuto-brasileiros, organizadores e expectadores. Assim poderiam ser interpretadas como uma prática que reproduz representações identitárias teuto-brasileiras. Desta forma, esta manifestação esportiva estava contida para os teuto-brasileiros. Enquanto as outras associações mantinham as suas regatas internas e externas, ações que aumentavam seu espaço social, perante as demais.

Durante esse movimento de nacionalização, ao mesmo tempo em que as representações teuto-brasileiras estavam obscurecidas, as associações que possuíam representações identitárias brasileiras estavam em evidência. Conforme o sentimento nacionalista ganhava vulto, aumentava os que adotavam representações que os identificassem como elementos pertencentes à nação, inclusive entre os teuto-brasileiros, pelo receio de serem perseguidos, acusados de traição. Este movimento favorecia as associações com representações brasileiras.

A postura adotada por alguns teuto-brasileiros foi a escolhida pelos dirigentes das associações de remo com representações teuto-brasileiras, para modificação de representações identitárias. Porém, não conseguiram afastar a crise que se instalava nestas associações, pois nem todos associados concordavam com estas modificações e proferiam resistências para tanto.

A primeira associação de remo teuto-brasileira a proceder mudanças foi a *Ruder Club Porto Alegre*. A inicial modificação foi a troca da sua denominação do alemão para a língua portuguesa, desta feita passou a se chamar *Club de Regatas Porto Alegre*, em 16 de abril de 1917, (LICHT, 1986). Fato que nos evidencia os títulos e as datas das notas jornalísticas d'A Federação, de 26 de fevereiro 1917, antes da nacionalização, e do Correio do Povo de 1º de janeiro de 1918, depois da nacionalização. No primeiro jornal citado foi utilizado no título da nota sobre a associação o antigo nome em alemão (ROWING, 26/02/1917) e no outro jornal usa

como título a mudança na nomenclatura, porém mantém a figura da bandeira o identificando como a mesma associação (CLUB..., 1/01/1918).

Seguindo os passos da primeira associação, que modificou suas representações teuto-brasileiras, o *Ruder Verein Freundschaft* também tomou a iniciativa de alterar sua identidade cultural. Este ato visava a um cuidado para que a associação não fosse segregada da sociedade porto-alegrense, ou sofresse outros tipos de reprimendas. Na reunião para a proposta de nacionalização da associação, o presidente Carlos S. Arnt fez um discurso voltado para a preservação da amizade – *freundschaft*, em alemão – e união do grupo. Visto que seus associados estavam divididos entre as duas identidades, estava temeroso pela atitude que a associação deveria tomar com relação a uma posição que o aproximasse de uma cultura brasileira ou o mantivesse com representações teuto-brasileiras, impasse que causava perturbação.

Neste mesmo discurso, transcrito na ata da reunião, Carlos S. Arnt declara que o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com a Alemanha foi um duro golpe para ele e seus confrades teuto-brasileiros. Ao mesmo tempo em que confessa o seu amor pela pátria, Brasil, mas que não se esquece da pátria de seus pais e avós. Ele enfatiza que tinha origem alemã, mas que sua pátria era o Brasil: “portanto se somos brasileiros, também devemos de dar a esta sociedade um nome brasileiro, estatutos na língua oficial do país, e registrar os mesmos na Junta Comercial, para sêr pessoa jurídica e é o que proponho” (RUDER..., Ata 9/04/1917, s/p).

A definição não ocorreu sem protestos, tanto que o resultado da votação foi de 11 votos a favor e nove, contra. Com este resultado, o novo nome da associação passou a ser Grêmio Náutico União, assim como seu idioma oficial tornou-se a língua portuguesa. A opção de adotar o termo grêmio em vez de *club* foi por este ser na língua inglesa (MAZO, 2003). Os associados reivindicaram que a denominação fosse toda em língua portuguesa, já que os motivos para a mudança foi por serem, na sua maioria, brasileiros ou porque adotaram o Brasil como a sua segunda pátria. Possivelmente, também por a língua inglesa ser o idioma adotado pelos Estados Unidos da América principal adversária da Alemanha na guerra.

As alterações foram absorvidas pela associação e divulgadas, no jornal *A Federação* (SPORT ROWING, 8/05/1917). Esta divulgação era uma forma de alcançar o imaginário porto-alegrense e modificar o sistema de ideias e imagens, construídos para representar a associação com representações teuto-brasileiras. A

estratégia visava a transformar socialmente o *Ruder Verein Freundschaft* em outra associação, com representações brasileiras, o Grêmio Náutico União. Segundo Cucho (1999, p. 192) é característica da identidade o seu caráter flutuante que se presta a diversas interpretações e manipulações, de acordo com as situações relacionais.

A última associação a se nacionalizar foi a *Ruder Verein Germania*, que desde o início da sua fundação perpetuava, com mais ênfase que as demais, as representações teuto-brasileiras. Assim como seus sócios eram partidários desta identidade e a mantinham como forma de vinculação à sua pátria de origem. Esta associação se nacionalizou em 17 de novembro de 1917 (LICHT, 1986), quase seis meses após as outras, e passou a se chamar *Club de Regatas Guahyba*. Grande parte de seus associados, também pertenciam a *Turnerbund*. Esta associação de ginástica possuía um grupo de esportistas que praticavam o futebol, o *Fuss Ball Mannschaft Frisch auf* – Equipe de Futebol Sempre Avante.

O grupo de jogadores teuto-brasileiros mantinha firme os seus laços alemães, assim como suas representações teuto-brasileiras, logo, resistiram em modificá-las. Este movimento obrigou a intervenção da Federação *Sportiva* Rio-Grandense quanto ao “atrevido club sportivo cuja maioria de sócios repeliu a proposta de nacionalização do mesmo” (FRISCH-AUF, 20/11/1917, p. 5). Este discurso foi publicado pelo jornal representativo do partido do Presidente da República, que se posicionava contrário aos movimentos de guerra praticados pela Alemanha. O jornal *A Federação*, condenava a atitude de preservação de identidades culturais teuto-brasileiras, que mantinham vivas, no imaginário porto-alegrense, a presença alemã em terras brasileiras (A SESSÃO..., 20/11/1917).

Assim, o cenário esportivo do remo, em Porto Alegre, terminou o ano de 1917 com as representações teuto-brasileiras abaladas ao serem substituídas por representações que identificassem os *sportmens* como esportistas que estavam prontos para defender o Brasil perante um conflito com a sua inimiga durante a guerra, a Alemanha. Passando a ter, assim, seis clubes que adotavam a língua portuguesa na sua denominação e nos documentos internos: Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, *Club de Regatas Almirante Barroso*, *Club de Regatas Porto Alegre*, *Club de Regatas Guahyba*, Grêmio Náutico União e *Club de Regatas Vasco da Gama*, e uma ítalo-brasileira, o *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi*. A associação com identidade cultural ítalo-brasileira manteve-se até o Estado Novo

(1937-1945), quando um novo movimento de nacionalização surpreende o cenário do associativismo esportivo do remo.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou compreender que representações de identidades culturais foram construídas pelas associações de remo fundadas na cidade de Porto Alegre nas duas primeiras décadas do século XX. Para tanto, buscou-se conhecer o contexto cultural, social e político no qual as associações foram instituídas. Além disso, procurou-se identificar como ocorreu a prática do remo nas associações esportivas da cidade de Porto Alegre.

O referencial da História Cultural norteou os caminhos teórico-metodológicos da pesquisa, trilhados com base nas noções de práticas e representações de identidades culturais. No presente estudo o remo foi abordado como uma prática cultural que produz representações de identidades culturais. E, ainda, das representações construídas por essa prática esportiva podem ou não emergir outras manifestações culturais identificadas ou identificadoras dos grupos sociais.

O olhar analítico, sustentado nas categorias da História Cultural, nos fez perceber que nas primeiras associações de remo organizadas na cidade de Porto Alegre, imperava representações de identidades culturais teuto-brasileiras. Os fundadores dessas associações envolveram a prática do remo com representações que mantivessem a memória cultural do seu país de origem. Um grupo de teuto-brasileiros, tendo como referência uma revista alemã especializada no remo, fundou em 1888, a primeira associação de remadores de Porto Alegre: o *Ruder Club Porto Alegre*. Além do seu nome de batismo em idioma alemão, também o “alemão” foi a língua oficial para a comunicação interna entre os sócios. Esta representação identitária teuto-brasileira foi reafirmada, quando um grupo de sócios organizou uma assembleia geral para votar pela germanização da associação, ou seja, conservar as representações de identidades culturais teuto-brasileiras que mais se aproximavam de uma cultura alemã.

A segunda associação de remo fundada em Porto Alegre também utilizou as mesmas representações identitárias que a pioneira. A *Ruder Verein Germania* foi fundada em 1892, também por teuto-brasileiros. Entre os seus fundadores encontra-se J. Aloys Friederichs, alemão que posteriormente tornou-se uma liderança étnica entre os teuto-brasileiros. Friederichs, que também era uma liderança associativa impregnava os círculos sociais que frequentava com seus ideais de germanismo, isto é, cultivar o seu amor pela pátria de origem.

As práticas esportivas para Aloys Friederichs eram uma estratégia de divulgação e perpetuação da sua memória cultural. Alegava que os teuto-brasileiros deveriam colaborar com o desenvolvimento do Brasil, mas cultivar seu nacionalismo alemão, por meio da preservação de uma memória cultural alemã. No *Ruder Verein Germania* reconhecia a possibilidade de manutenção da memória cultural alemã e a revitalização de representações identitárias teuto-brasileiras.

Ambas as associações de remo instalaram-se em uma localização da cidade de Porto Alegre onde predominavam casas teuto-brasileiras. As identidades culturais do *Ruder Club* Porto Alegre e do *Ruder Verein Germania* representavam o ambiente no qual estas associações foram construídas, bem como seus moradores e as práticas e costumes cultivados por eles.

As duas associações pioneiras no remo com a intenção de impulsionar esse esporte como prática institucionalizada, organizaram a primeira entidade esportiva que federou as associações: o Comitê de Regatas. O Comitê também utilizava o idioma alemão nas suas comunicações, assim como nas denominações de regatas e premiações. Logo, a língua adotada, servia como estratégia para a construção de representações identitárias teuto-brasileiras, também nesta entidade. Desta forma, o associativismo no remo, na transição do século XIX para o XX, era domínio de práticas e representações identitárias teuto-brasileiras.

No início do século XX o império teuto-brasileiro no remo foi ameaçado, com a fundação de uma associação de remo por luso-brasileiros: o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré. A presença dessa associação, que tinha representações de uma identidade cultural brasileira, no cenário do remo desencadeou lutas de representações de identidades culturais. Nesse sentido, as regatas eram disputas para além da competição esportiva, na qual as conquistas simbolizavam mudanças de posições hierárquicas entre identidades culturais, na busca por uma supremacia no remo.

O Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré inseriu novas representações identitárias no associativismo esportivo, promovendo uma reação à hegemonia teuto-brasileira. A associação identificada com os luso-brasileiros na escolha de sua designação fez alusão a um almirante da Marinha Brasileira, nascido no Rio Grande do Sul. Além disso, adotou a língua portuguesa como idioma oficial tanto nos documentos oficiais da associação, quanto no cotidiano. Ainda, os barcos da flotilha eram batizados com nomes no idioma tupi-guarani, e sua sede foi instalada em local



distante das concorrentes, no prédio da Capitania dos Portos, o qual simbolizava a defesa dos mares nacionais e a organização do tráfego marítimo em Porto Alegre. Vale a ressalva que o Capitão do Porto estava entre os principais idealizadores do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré.

Dois anos após a fundação do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, em 1905, foi inaugurada uma nova associação de remo em Porto Alegre: o *Club de Regatas Almirante Barroso*. Essa associação de remo agrupava identidades culturais luso-brasileiras e teuto-brasileiras, embora seu nome inspirou-se em um reconhecido almirante da esquadra brasileira, nascido em Portugal. Todavia, o clube tinha em seu quadro de fundadores indivíduos com sobrenomes teuto-brasileiros e luso-brasileiros, pois integrava diversas representações identitárias. Isto pode ser evidenciado no idioma oficial do clube, a língua portuguesa, o qual era utilizado, por exemplo, também em atividades sociais e culturais características dos teuto-brasileiros, como os *pic-nics* e *kermesses*.

Outra prática adotada pelo *Club de Regatas Almirante Barroso* semelhante às associações teuto-brasileiras foi a participação das mulheres no esporte. Este clube foi o primeiro a ter uma guarnição feminina no remo, quando já se destacava nas regatas que privilegiavam apenas a participação masculina. Inclusive, este clube logo que foi fundado já conquistou a principal competição de remo da cidade, recebendo o cobiçado troféu *Wanderpreiss*. É provável que este clube foi organizado com o intuito de agregar grupos sociais para superar as associações já existentes, nas competições.

O remo, na primeira década do século XX, começava a despontar como um dos esportes mais prestigiados pelos porto-alegrenses, porém era considerada uma prática para adultos. Esta condição foi abalada com a fundação do primeiro clube juvenil, o *Ruder Verein Freundschaft*, cujos pioneiros foram jovens teuto-brasileiros. Esses tinham sua formação estruturada na memória cultural de seus antepassados, recebidas na família e na escola, onde o nacionalismo alemão era mantido de geração para geração, assim como práticas e costumes. Portanto, a sua associação também possuía representações de identidades culturais teuto-brasileiras, como o idioma alemão utilizados nas atas, nas premiações e na comunicação interna. Essa associação formada por jovens remadores insurgiu no princípio do século XX para revitalizar representações identitárias teuto-brasileiras nesta prática esportiva.

Outra associação que emergiu na primeira década do século XX, e trouxe novas representações de identidades culturais para o cenário do remo porto-alegrense, foi o *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi*. Como o próprio nome representa, esta foi a primeira associação de remo com representações identitárias ítalo-brasileiras fundada na cidade. Nessa associação, o idioma italiano era utilizado no cotidiano, o que mantinha sua aproximação com as identidades culturais ítalo-brasileiras. A escolha da denominação da associação, em homenagem ao vice-almirante italiano, Luigi Amedeo Giuseppe Maria Ferdinando Francesco di Savoia Aosta, conhecido como Ducca degli Abruzzi, além das cores da bandeira italiana no uniforme dos atletas remetem à identificação daquela identidade.

O *Club Italiano Canttieri Ducca degli Abruzzi* se vinculou ao Comitê de Regatas já no momento da fundação, justamente no ano em que a entidade passou a denominar-se Federação Rio-Grandense de Remo. Este acontecimento indica que as novas associações de remo podem ter forçado o Comitê de Regatas a assumir novas identidades culturais diferentes daquelas do período da sua organização. A efervescência identitária na Federação Rio-Grandense de Remo levou a sua desativação poucos anos depois da incorporação de novas associações em razão de um conflito interno entre associações concorrentes e com diferentes representações de identidades culturais.

No lugar da Federação Rio-Grandense de Remo idealizou-se a criação da Liga Náutica Rio-Grandense, durante uma regata de estafetas promovida pelo *Ruder Verein Freundschaft*. A Liga Náutica Rio-Grandense tinha o intuito de fomentar a paz entre as associações, após o conflito do Trapiche Preto, ocorrido na competição do Campeonato do Estado em 1911. Tal conflito, desencadeado pelas torcidas do Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré e do *Ruder Verein Germania*, caracterizou uma luta identitária simbólica entre associações que disputavam o prêmio da competição e desejavam exibir-se como a melhor do ano no remo.

A Liga Náutica Rio-Grandense parece ter atingido de certa forma seu objetivo de manter a cordialidade entre as associações de remo nas competições e, para, além disso, contribuiu para a expansão do associativismo no remo na década seguinte. No ano de 1917 surgiu uma nova associação de remo na cidade: o *Club de Regatas Vasco da Gama*. Esse clube era identificado como luso-sul-rio-grandense, ou seja, imigrantes portugueses estabelecidos no Rio Grande do Sul. Na reunião de fundação, membros da comunidade portuguesa residentes em Porto

Alegre estavam presentes. Tais indivíduos frequentavam o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, mas devido ao desentendimento em um processo eleitoral para a diretoria do Tamandaré, decidiram afastar-se do clube e criar um espaço próprio.

Para serem aceitos e reconhecidos socialmente, os fundadores de *Club de Regatas Vasco da Gama* construíram representações identitárias portuguesas e sul-rio-grandenses, desenvolvendo uma identidade cultural luso-sul-rio-grandense. Os barcos representavam as ligações identitárias da associação, sendo alguns nomes inspirados em cursos de águas de Porto Alegre, *Guahyba* e *Jacuhy*, e outros em rios de Portugal, *Tejo* e *Douro*. Os padrinhos dos barcos eram indivíduos com sobrenomes de origem portuguesa e figuras ilustres da sociedade porto-alegrense.

Havia em Porto Alegre associações de remo com identidades culturais teuto-brasileiras, o *Ruder Club Porto Alegre*, o *Ruder Verein Germania* e o *Ruder Verein Freundschaft*, com identidade cultural ítalo-brasileira, o *Club Italiano Canottieri Ducca degli Abruzzi*; a associação que agregava representações identitárias luso-brasileiras, teuto-brasileiras e brasileiras, o *Club de Regatas Almirante Barroso*; o Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré, que se aproximava de uma identidade cultural brasileira e a associação que construiu representações a identidade cultural luso-sul-rio-grandense, o *Club de Regatas Vasco da Gama*.

As associações teuto-brasileiras: *Ruder Club Porto Alegre*, *Ruder Verein Germania* e *Ruder Verein Freundschaft*, em 1917 sofreram um forte abalo identitário. Neste ano o Brasil ingressa na Primeira Guerra Mundial, fato que produz uma discriminação social contra os teuto-brasileiros. A hostilidade contra indivíduos teuto-brasileiros alcança as associações de remo com representações de identidades culturais teuto-brasileiras, por meio de mobilizações sociais e leis governamentais.

Ainda que com resistência as imposições legais, as associações acabaram realizando mudanças na sua denominação original, no idioma falado no seu interior e na redação dos documentos oficiais, como atas e estatutos. A incorporação da língua portuguesa foi uma das representações identitárias mais usadas pelos grupos para construir uma identidade cultural que se aproximasse da brasileira. Nessa conjuntura, o *Ruder Club Porto Alegre* passa a chamar-se *Club de Regatas Porto Alegre*, o *Ruder Verein Germania* torna-se *Club de Regatas Guahyba* e o *Ruder Verein Freundschaft* transforma-se em Grêmio Náutico União.

Portanto, os processos de instaurações das associações de remo porto-alegrenses brotam da motivação de construir associações com novas identidades culturais, adversas às já existentes. Estas relações de força que ligam e opõem, buscavam inserir os indivíduos em estruturas hierarquizadas, sendo este um dos principais objetivos e, possivelmente, o principal estímulo para esta criação. De tal modo, que eram estratégias para além do reconhecimento dos grupos, mas também quanto às relações estruturadas em espaços de oposições, em uma busca pela conquista de um lugar de destaque em uma hierarquia de posições, mesmo que estas posições variem constantemente. Nesse sentido, analisamos os jogos identitários como um dos grandes responsáveis pela expansão do cenário do associativismo esportivo do remo na cidade de Porto Alegre.

Para finalizar as considerações sobre este estudo, registramos que para chegarmos às fontes impressas e imagéticas, que possibilitaram o acesso às informações para a reconstrução de uma história das fundações das associações de remo na capital sul-rio-grandense, foi necessária uma busca árdua nos acervos destas associações, bem como em acervos municipais. Enfrentamos algumas dificuldades quanto à coleta nas associações, pois alguns acervos estavam em más condições, documentos foram extraviados e, em alguns casos não foi permitido o contato com a documentação. Nos acervos de jornais, do Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho e do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, os atendentes estavam prontos a ajudar no acesso às informações, apesar de alguns jornais não estarem disponíveis, por estarem na restauração.

## REFERÊNCIAS

### ALMANAQUE

AMARO JÚNIOR, J. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1942.

### ARTIGOS

ASSMANN, J. Collective Memory and Cultural Identity. **New German Critique**, n. 65, Cultural History/Cultural Studies. Spring - Summer, 1995, p. 125-133.

CHARTIER, Roger. A História hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994.

FISS, R. A imigração portuguesa e as associações como forma de manutenção da identidade lusitana – sul do Brasil. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788], nº 94 (27), 1º de agosto de 2001.

GERTZ, R. Os “súditos alemães” no Brasil e a “pátria mãe” Alemanha. **Espaço Plural**. Ano IX, nº 19, 2008.

GOELLNER, S. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 174 -196, mai/ago 2007.

MARINHO, Márcia Maria Fonseca. Ao mar gente moça!: o esporte como meio de inserção da modernidade na cidade de Natal. **Recorde: Revista de História do Esporte**. Vol. 2, n. 1, junho de 2009.

MAZO, J.; GAYA, A. As associações desportivas em Porto Alegre, Brasil: espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, vol.6, no.2, 2006.

MAZO, J.; FROSI, T. Em busca da identidade luso-brasileira no Associativismo esportivo em Porto alegre no princípio do século XX. **Revista do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte**, 2008.

MAZO, J.; LYRA, V. Nos rastros da memória de um “Mestre de Ginástica” **Revista Motriz**, Rio Claro, v.16 n.4 p.967-976, out./dez. 2010.

MAZO, J.; FROSI, Thiago. Canottieri Ducca degli Abruzzi (1908-1963): a nacionalização do “Clube de Remo dos Italianos” em Porto Alegre. **Mouseion**, vol. 2, n. 3, 2008.

MAZO, J.; SILVA, C.; LYRA, V. **As mulheres no cenário do associativismo esportivo em Porto Alegre/RS na transição do século XIX para o XX:**

**Alternativas de sociabilidade e lazer para elas.** Revista Licere, Belo Horizonte, v.13, n.3, 2010.

MELO, V. Remo, modernidade e Pereira Passos: primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil. **Esporte e Sociedade**, n. 3, Jul./Out. 2006.

MELO, V. Mulheres em movimento: a presença feminina nos primórdios do esporte na cidade do Rio de Janeiro (até 1910). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 54, p.127-152, 2007a.

POLLACK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

SCHULZE, F. O discurso protestante sobre a germanidade no Brasil: observações baseadas no periódico Der Deutsche Ansiedler, 1864-1908. **Espaço Plural**, Ano IX , Nº 19, 2008.

SILVA, C.; MAZO, J. Grêmio de Regatas Almirante Tamandaré: memórias da fundação do primeiro clube de remo “brasileiro” em Porto Alegre (1903-1923). **Revista Arquivos em Movimento**, v. 5, n. 2, 2009.

SILVA, C.; PEREIRA, E.; MAZO, J. Uma abordagem historiográfica sobre a participação das mulheres nas associações de remo em porto alegre. **Revista Didática Sistêmica**, Vol. 12, 2010.

## **ATAS**

**CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. Abertura da ata de reuniões, dia 30 de janeiro de 1917**, Livro 58, s/p.

**CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. Ata de reunião realizada no dia 30 de janeiro de 1917**, Livro 58, p. 1.

**CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. Ata de reunião realizada no dia 26 de fevereiro de 1917**, Livro 58, p. 2.

**CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. Ata de reunião realizada no dia 25 de maio de 1917**, Livro 58, p. 4.

**CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. Ata de reunião realizada no dia 28 de agosto de 1917**, Livro 58, p. 7.

**CLUB DE REGATAS VASCO DA GAMA. Ata de reunião realizada no dia 24 de setembro de 1918**, Livro 58, p. 21.

**RUDER VEREIN FREUNDSCHAFT. Ata de reunião no dia 1º de abril de 1906.** Caderno escolar do *Hilfsverein Schule*, 1906.

**RUDER VEREIN FREUNDSCHAFT. Ata de reunião no dia 9 de abril de 1917**, s/p.

## ATLAS

GARRIDO, F.; LAGE, A. O esporte na Marinha do Brasil. In: **Atlas do esporte no Brasil : atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Lamartine Pereira da Costa (Org.) Rio de Janeiro: Shape, 2005.

NICOLINI, H. Cluster esportivo do rio Tietê – SP. In: DACOSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

PEREIRA, P.; MAZO, J. O remo em Porto Alegre – RS. In: MAZO, J.; REPPOLD FILHO, A. (Org.). **Atlas do Esporte no Rio Grande do Sul: atlas do esporte, da educação física e atividades de saúde e lazer no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CREF2/RS, 2005.

VAZ, L. Remo no Maranhão, 1900 - 1929. In: DA COSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil : atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

## BANCO DE DADOS

MAZO, J. **Banco de dados das associações esportivas e de educação física de Porto Alegre/Rio Grande do Sul (1867 – 1945)**. Novo Hamburgo: Universidade FEEVALE, 2010.

## DEPOIMENTOS

ARNT, C. S. **Carlos Arnt** (depoimento escrito, 1956). Porto Alegre: GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO, 1956.

## JORNAIS

ALLEMÂES que trocam os nomes de família, A Federação. Porto Alegre, 17/05/1917.

A SESSÃO, ontem, da Federação Sportiva Rio Grandense, A Federação. Porto Alegre, 20/11/1917.

A TUBERCULOSE, A Federação. Porto Alegre, 27/01/1903.

BRASIL E ALLEMANHA, A Federação. Porto Alegre, 11/04/1917.

BICYCLETISMO, A Gazetinha. A Federação. Porto Alegre, 26/06/1898.

BICYCLETISMO, A Gazetinha. A Federação. Porto Alegre, 06/07/1898.

BICYCLETISMO, A Gazetinha. A Federação. Porto Alegre, 13/07/1898.

BICYCLETISMO, A Gazetinha. A Federação. Porto Alegre, 20/07/1898.

CLUB Almirante Barroso, A Federação. Porto Alegre, 25/02/1906.

CLUB Almirante Barroso, Correio do Povo. Porto Alegre, 04/07/1908.

CLUB DE REGATAS, A Gazetinha. Porto Alegre, 08/09/1895.

CLUB DE REGATAS PORTO ALEGRE, Correio do Povo. Porto Alegre, 1º/01/1917.

CLUB VASCO DA GAMA, Correio do Povo. Porto Alegre, 11/01/1917.

CLUB..., O Independente. Porto Alegre, 2/03/1905.

CLUB..., O Independente. Porto Alegre, 15/03/1906.

COUSAS PÁTRIAS, O Independente. Porto Alegre, 9/04/1903.

DESASTRE NO JACUECANGA, A Federação. Porto Alegre, 03/02/1906.

FALTAM 3 dias, A Federação. Porto Alegre, 11/11/1898.

FRISCH-AUF, A Federação. Porto Alegre, 20/11/1917.

GASPAR Pinto Fróes de Azevedo, O independente. Porto Alegre, 5/11/1908.

HOMENAGEM Almirante Barroso, O Independente. Porto Alegre, 11/06/1911.

NOVO..., O Independente. Porto Alegre, 18/01/1903.

NO TURNERBUND, A Federação. Porto Alegre, 16/04/1917.

O BRASIL na Guerra, A Federação. Porto Alegre, 31/10/1917.

O ESTADO de guerra contra a Alemanha, A Federação. Porto Alegre, 27/10/1917

O GOVERNO do Brasil na guerra yankee-alemã, A Federação. Porto Alegre, 25/05/1917.

O PERIGO ALLEMÃO I, O Independente. Porto Alegre, 9/2/1905.

O PERIGO ALLEMÃO II, O Independente. Porto Alegre, 12/2/1905.

O PERIGO ALLEMÃO III, O Independente. Porto Alegre, 16/2/1905.

O PERIGO ALLEMÃO IV, O Independente. Porto Alegre, 19/2/1905.

O PERIGO ALLEMÃO V, O Independente. Porto Alegre, 23/2/1905.

OS ALLEMÃES nos Estados do sul do Brasil, A Federação. Porto Alegre, 17/05/1917.



OS ALLEMÃES no Brasil, A Federação. Porto Alegre, 7/06/1917.

OS ELEMENTOS do Grêmio Tamandaré, A Federação. Porto Alegre, 20/01/1917

OS ACONTECIMENTOS de ontem, A Federação. Porto Alegre, 17/04/1917.

PATRIOTISMO, O Independente. Porto Alegre, 14/06/1903.

PERIGO ALLEMÃO, O Independente. Porto Alegre, 4/5/1902.

PERIGO ALLEMÃO, O Independente. Porto Alegre, 23/03/1903.

*PIC-NIC*, A Federação. Porto Alegre, 8/03/1906.

PRIMEIRA..., O Independente. Porto Alegre, 19/01/1903.

REGATAS, A Federação. Porto Alegre, 26/11/1895.

REGATA, A Federação. Porto Alegre, 22/11/1895.

REGATAS, A Federação. Porto Alegre, 14/11/1898.

REGATAS, A Federação. Porto Alegre, 15/01/1903.

REGATAS, A Federação. Porto Alegre, 19/01/1903.

REGATAS, A Federação. Porto Alegre, 2/04/1903.

REGATAS, A Federação. Porto Alegre, 5/09/1903.

REGATAS, A Federação. Porto Alegre, 12/05/1911.

REGATAS, A Federação. Porto Alegre, 14/05/1911.

REGATAS, A Federação. Porto Alegre, 16/05/1911.

REGATAS, Jornal do Comércio. Porto Alegre, 15/09/1894.

REMO, A Federação. Porto Alegre, 17/01/1917.

REMO, A Federação. Porto Alegre, 19/01/1917.

REMO, O Diário. Porto Alegre, 28/01/1917.

ROWING, A Federação. Porto Alegre, 26/02/1917.

SPORT ROWING, A Federação. Porto Alegre, 08/05/1917.

UMA HISTÓRIA de pioneirismo, Revista O Gepeano. Porto Alegre, 2008.

UMA LENDA perigosa, que urge combater, A Federação. Porto Alegre, 7/07/1917.

VASCO DA GAMA, A Federação. Porto Alegre, 30/01/1917a.

VASCO DA GAMA, O Diário. Porto Alegre, 30/01/1917b.

## LIVROS

BARROS, J. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico.** Editora: Vozes, Rio de Janeiro, 2009.

BISSÓN, C. **Moinhos de Vento: histórias de um bairro de elite de Porto Alegre.** Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura: IEL, 2008.

BOUCHON, G. **Vasco da Gama.** Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998.

BOUDIN, M. **O simbolismo verbal primitivo: análise estruturalista de um dialeto tupi-guarani.** Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1963.

BOUDON, R. **Dicionário de Sociologia.** Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

BURKE, P. (org.): **A Escrita da História.** São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BURKE, P. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BURKE, P. **Testemunha Ocular: história e imagem.** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANTARINO FILHO, M. **O Nacionalismo na educação física: da Alemanha ao Brasil.** Brasília. (mimeo), 1988.

CARVALHO, J. **A Formação das Almas: o imaginário da República no Brasil.** Companhia das Letras, São Paulo, 1990.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CHARTIER, R. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002a.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Editora DIFEL 82: Portugal, 2002b.

CONSTANTINO, N. **Manutenção da Identidade: imigrantes italianos em Porto alegre.** Paese Natio, Zweite Heimat/ Terra Natal, Terra Nova. Porto alegre, EST Edições, 2002.

CORONEL, Luiz. **É bom viver no União.** Porto Alegre: G. N. União, 2004.

COSTA, E. (Ed.). **História Ilustrada de Porto Alegre,** Porto Alegre: Já Editores, 1997.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.

- DAUDT, J. **Brasileiros de cabelos loiros e olhos azuis**. Porto Alegre: Catos, 1952.
- DOBERSTEIN, A. W. **Estatuária e Ideologia - Porto Alegre: 1900 - 1920**. Porto Alegre: SMC, 1992.
- FLORES, H. Por que cantavam? IN: FISCHER, L.; GERTZ, R.; [et. al]. **Nós, os teuto-gaúchos**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1998.
- FORTINI, A. **Revivendo o passado**. Porto Alegre: Livraria Sulina, 1953.
- FORTINI, A. **O Passado através da fotografia**. Editora: Grafipel, Porto Alegre, 1959.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. 3ª Ed. rev. ampl. – Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1988.
- FRANCO, A; SILVA, M.; SCHIDROWITZ, J. (Orgs.). **Pôrto Alegre: biografia duma cidade**. Porto Alegre: Tipografia do Centro, 1940.
- GERTZ, R. **O perigo alemão**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1991.
- GINZBURG, C. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. IN: GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1989.
- GUIMARÃES, V. **A Cruz da Ordem de Cristo nos Navios dos Descobrimentos Portugueses**. Lisboa, 1935.
- HALBWACHS, M. **Les cadres sociaux de la mémoire**. Paris: Félix Alcan, 1925.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOBBSAWN, E. **Nações e Nacionalismo desde 1979: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- JÁ EDITORES. **História Ilustrada de Porto Alegre**. Porto Alegre: CEEE, 1997.
- JÁ EDITORES. **História Ilustrada do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: CEEE, 1998.
- KOSSOY, B. **Fotografia e história**. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- KRELING, H. **O Bolão: o esporte nas Colônias Alemãs do RS**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.
- KREUTZ, L.. A Associação de Professores Católicos da Imigração Alemã, no RS, e a Campanha da Nacionalização do Ensino (1920 - 1939). In: **Muitas Faces de uma Guerra: 60 anos do término da Segunda Guerra Mundial e o processo de Nacionalização no Sul do Brasil**. Anais do evento: Muitas Faces de uma Guerra: 60 anos do término da Segunda Guerra Mundial e o processo de Nacionalização no Sul do Brasil. Florianópolis, 2005.
- LICHT, H. **O remo através dos tempos**. Porto Alegre: CORAG, 1986.

- MARQUES, L. Tradições no Rio Grande do Sul – contribuições açorianas. In: **A presença açoriana em Santo Antônio da Patrulha e no Rio Grande do Sul**. 2ª edição. Porto Alegre: EST, 1997.
- MARSHALL, F. Memória cultural, conceito e projeto. IN: **Memória Cultural Polonesa**, de Tiago Haewicz (org.), Porto Alegre, Ed. Vidrágua, 2008.
- MAZERON, Gaston Hasslocher. **Reminiscências de Pôrto Alegre**. Porto Alegre: Livraria Selbach, 1943.
- MAZO, J. GOELLNER, S. **O desenvolvimento das práticas esportivas na cidade de Porto Alegre e a construção da modernidade**. IN: MELO, V. A. (Org.) . Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX. 1. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- MATTOSO, J. **A identidade nacional**. Portugal: Ed. Gradiva, 1998.
- MELO, V. **Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.
- MELO, Victor. **Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX**. Campinas: Autores Associados, 2007b.
- MONTEIRO, C. **Porto Alegre: urbanização e modernidade. A construção social do espaço urbano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995
- MUSEU DE COMUNICAÇÃO SOCIAL HIPÓLITO JOSÉ DA COSTA: 30 anos**. Porto Alegre, 2005
- NUNES, Zeno Cardoso. **Minidicionário Guasca**. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed., 1994.
- OLIVEIRA, L. **A Questão Nacional na Primeira República**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- OLIVEIRA, L. L. A construção do herói no imaginário do brasileiro de ontem e de hoje. In: PESAVENTO, Sandra (org.). **História cultural: experiências de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- OLIVEN, Ruben George. "A cultura brasileira e a identidade nacional da década de oitenta". In: **Violência e cultura no Brasil**. Petrópolis, Vozes, 1982.
- OLIVEN, R. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- ORTIZ, R. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. 5ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PANOFSKY, E. **Estudos de Iconologia - Temas Humanísticos na Arte do Renascimento**. Lisboa: Editorial Estampa, 1982.

PESAVENTO, S. **História & História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PIMENTEL, F. **Aspectos Gerais de Porto Alegre**. Imprensa Oficial. Porto Alegre, 1945.

RAMBO, Arthur Blásio. Nacionalidade e Cidadania. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELOS, Naira (org.). **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas: Ed. ULBRA, 1994, p.43-55.

SALVI, R. Açores: o passado vivo do Rio Grande. IN: BARROSO, V. **A presença açoriana em Santo Antônio da Patrulha e no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 1997.

SAMARA, E.; TUPY, I. **História e Documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANHUDO, A. V. **Porto Alegre; Crônicas de Minha Cidade**. 2ª edição. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979.

SCHPUN, M. **Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Boi Tempo Editora, 1999.

SEYFERTH, G. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELOS, Naira (org.). **Os alemães no sul do Brasil: cultura e história**. Canoas: Ed. ULBRA, 1994, p. 11-28.

SILVA, H. A identidade teuto-brasileira pensada pelo intelectual Aloys Friederichs. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p.295-330, jan./dez. 2005a.

SILVA, H. **Entre o amor ao Brasil e o modo de ser alemão: a história de uma liderança étnica (1868 – 1950)**. São Leopoldo: Oikos, 2006.

SMITH, A. **A identidade nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997.

SOUZA, C. **Porto Alegre e sua evolução urbana**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997.

TESCHE, L. **A Prática do Turnen entre Imigrantes Alemães e seus descendentes no Rio Grande do Sul: 1867- 1942**. Ijuí/RS: UNIJUÍ, 1996.

THIESSE, A. **A criação das identidades nacionais**. Lisboa: Temas e Debates Actividades Editoriais, 2000.

TRENTO, A. **Os italianos no Brasil/ Gli Italiani in Brasile**. São Paulo: Editora Prêmio, 2000.

VELHO Prado. **Bairro Moinhos**. Porto Alegre. Ano 2 – n.5 – Inverno 2005. Edoor Editora, p. 16-21.

ZANCA, G. A prática do remo em Florianópolis: Retratos de uma sociedade em busca da modernidade no início do século XX. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis: UFSC, v.1, n.1, 2008.

## LIVROS COMEMORATIVOS

CASTELLO, J. **Álbum comemorativo ao 20º aniversário do Gremio de Regatas Almirante Tamandaré 1903-1923**. Porto Alegre: Edição Revista Vida Gaúcha, 1923.

HOFMEISTER, C. **Pequena História do Remo Gaúcho**. Porto Alegre: CORAG, 1979.

HOFMEISTER Fº, C. **SOGIPA. Doze décadas de história**. Porto Alegre: Pallotti, 1987.

HOFMEISTER Fº, C. 90 anos do Grêmio Náutico União “O Clube das Três Sedes” - 1906/1996-. **Álbum comemorativo**. Porto Alegre, 1996.

PIRES, E. **Grêmio Foot-ball Portoalegrense: passado e presente de um grande clube**. Porto Alegre: s. n., 1967.

RIO GRANDE DO SUL SPORTIVO. **Álbum**. Porto Alegre. Oficinas gráficas da Livraria do Globo, 1919.

SILVA, H. Sogipa: Uma Trajetória de 130 anos. **Publicação Comemorativa**. Porto Alegre. Gráfica editora Palloti, Editores Associados LTDA, 1997.

STRELIAEV, L. **Grêmio Náutico União: Centenariamente Jovem**. Porto Alegre: Leonid Streliaev, 2007.

## MONOGRAFIAS E TESES

MAZO, J. **A emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural brasileira**. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto). Universidade do Porto, Portugal, 2003.

PEREIRA, E. **A prática do turfe em Porto Alegre (1875/1910): alguns tropeços em meio a um vitorioso galope**. Porto Alegre, 2008. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Escola de Educação Física, UFRGS.

SILVA, H. **A trajetória de uma liderança étnica: J. Aloys Friederichs (1868-1950)**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005b.

## ACERVOS

ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL – 3ª vara cível e comércio – processo nº 3692.

CLUB DE REGATAS ALMIRANTE BARROSO, **Acervo de jornais**, s/d.

## REVISTAS

CAMPEONATO DO REMO. **Revista Sportiva**. Porto Alegre, Nov., 1907.

MACHADO, W. O glorioso, visita ao Barracão Listrado, onde se abrigam as glórias de um veterano do remo gaúcho: o clube de Regatas “Almirante Barroso”. *Revista do Globo*, Porto Alegre, n. 424, p. 48-49, 1946. In: MAZO, J. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**. Porto Alegre: PUCRS, 2004. 1 CD-ROM.

## SITES

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Imprensa. **Censo 2010: Total da População do Amazonas**. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas\\_pdf/total\\_populacao\\_amazonas.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/total_populacao_amazonas.pdf)>. Acesso em: 05 abr. 2011.

POVOS indígenas no Brasil: **Os principais povos indígenas do Brasil, nações, famílias e locais onde vivem**. Disponível em: <[http://www.suapesquisa.com/musicacultura/povos\\_indigenas.htm](http://www.suapesquisa.com/musicacultura/povos_indigenas.htm)>. Acesso em: 05 abr. 2011.

**LEI Nº. 8.672, DE 6 DE JULHO DE 1993.**

[http://www.solbrilhando.com.br/\\_Esportes/Diversos/Arquivos/Leis/lei\\_zico.pdf](http://www.solbrilhando.com.br/_Esportes/Diversos/Arquivos/Leis/lei_zico.pdf)  
Consultada em 06 de dezembro de 2010.